Capítulo IV

Atribuição de sentidos: desvendando a recepção

Não aprendemos somente a falar, mas também a pensar, e esse pensamento reflete a condição social do indivíduo, da mesma forma que os textos trazem as marcas do contexto. Polifonia, interação e intertextualização são características dos discursos, que serão objetivos dentro dos limites do grupo a que se dirigem, significando que a realidade existe como reflexo e refração da linguagem. Motter resume essa questão quando diz que "a linguagem se situa como mediadora entre o homem e o mundo, entre o natural e o cultural, o concreto e o abstrato. A linguagem foi socialmente modelada na prática social, e o reflexo/refração de uma situação concreta se constitui a resposta das questões práticas dessa situação".[1]

O foco deste estudo é a verificação dessa intersecção, entre o que se vê na televisão e o que se fala sobre isso. Com esse intuito, verificamos a fala dos telespectadores sobre os programas: **Cidade Alerta**, **Brasil Urgente** e **Programa do Ratinho**, polêmicos, caracterizados e criticados pela exploração de situações e ocorrências com apelo sensacionalista, enfatizando a violência, o grotesco e o bizarro, mas que obtêm índices fiéis de audiência. Essas falas e as dos emissores são aqui analisadas no seu discurso, entendendo esse constituído por textos polissêmicos que trazem as marcas de um contexto complexo, constituído pelo cotidiano, que problematizamos como espaço e tempo de construção de sentido.

Esta busca do percurso da palavra na construção do sentido fazemos a partir de Orlandi analisa o discurso como idéia em movimento, permitindo a compreensão

---

[1] MOTTER, Maria Lourdes. **Ficção e história**: imprensa e construção da realidade. Tese de doutorado - ECA/USP, 1992.

da língua fazendo sentido.[2] Percurso esse só possível quando entendemos a linguagem como interação social, em que o Outro desempenha papel fundamental na constituição do significado, integrando todo ato de enunciação individual num contexto mais amplo, revelando as relações intrínsecas entre o lingüístico e o social.[3] No caso de nosso estudo, procuramos entender esse Outro na recepção dos conteúdos televisivos, e a análise do discurso dos programas nos auxilia com indicações sobre a concepção que os produtores desses programas têm desse Outro, de suas expectativas de consumo de informação e entretenimento.

Os programas são estruturados e produzidos a partir de uma concepção de telespectador. Dentro de uma lógica comercial, esse é idealizado como potencial consumidor de bens, materiais ou simbólicos, inserido em um contexto hegemônico, que tem nos meios de comunicação de massa um forte elemento propagador de ideologias para sua manutenção. Em nossa análise, ainda seguindo os passos de Orlandi, "não partimos da ideologia para o sentido, mas procuramos compreender os efeitos de sentido a partir do fato de que é no discurso que se configura a relação da língua com a ideologia".[4] Interpretarmos o discurso dos receptores trabalhando as formações discursivas (FDs) aí presentes. Ao mesmo tempo, analisamos os discursos dos programas entendendo que o sentido se constrói no encontro entre o texto televisivo, caracterizado pela fragmentação e sobreposição de assuntos, e o texto da recepção, tradução de experiências e conhecimentos, ou seja, no interdiscurso promovido por ambos os palimpsestos. A análise do discurso a partir das formações discursivas nos permite "definir o universo do 'dizível' e especificar, em suas

---

[2] ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso -** Princípios e Procedimentos. 2a. ed.. Campinas (SP): Pontes, 2000, p. 15.
[3] BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas(SP): UNICAMP, s/a, p. 10.

diferenças, o limite do dizer para os sujeitos em suas distintas posições (remissíveis a diferentes FDs)".[5]

As formações discursivas, por sua vez, são intermediadas por silêncios e Orlandi nos alerta para a compreensão do papel desses no discurso, entendendo que "também o que não é falado significa".[6] A autora desenvolve o conceito de "política do silêncio" que se explica em dois formatos: "o silêncio constitutivo", segundo o que, ao darmos determinado sentido às palavras, necessariamente sacrificamos, apagamos outros sentidos, e o "silêncio local (...) produzido ao se proibir alguns sentidos de circularem", evidente em regimes de censura. A estes dois tipos de silêncio, que "imprimem um recorte (...) inscrevendo-se no domínio do poder-dizer",[7] acrescenta-se o silêncio fundador, que "não recorta, mas significa em si", o não-dizer, "respiração da significação (...) que indica que o sentido pode ser outro".[8] Em nosso trabalho, analisamos o silêncio constitutivo e o silêncio fundador como estratégias de envolvimento do telespectador, utilizados como espaços para complementação dos sentidos, mostrando uma preocupação em, ou pelo menos, dando a impressão de, despertar e/ou desenvolver o senso crítico da audiência. O silêncio local é observado quando o apresentador 'corta' a fala dos repórteres, ou entrevistados, para o intervalo publicitário ou para anunciar outra matéria 'de maior interesse', numa demonstração clara, se não censura, mas de controle do que deve ser dito, mostrado, ou não.

O não-dizer tem uma presença freqüente no discurso dos programas analisados. Os apresentadores não finalizam as frases, fazendo da fragmentação e a

---

[4] ORLANDI, Eni P. **Terra à vista** - discurso do confronto: velho e novo mundo. Campinas (SP): Cortez, 1990, p. 36.
[5] ORLANDI, Eni P. **Terra à vista** ... op. cit., p. 39.
[6] ORLANDI, Eni P. **Terra à vista** ... op. cit., p. 49.
[7] ORLANDI, Eni P. **Terra à vista** ... op. cit., p. 51.

repetição sua característica principal. Essas estratégias de apresentação dos assuntos e argumentação, reforçadas pelo uso de metáforas, adjetivação, hipérbole e clichês, asseguram uma audiência, que é sensibilizada para acontecimentos diversos, que talvez, divulgados de outra maneira, não despertariam interesse.

Para Kant,[9] é por meio do uso da metáfora que a razão especulativa pode se manifestar, dando sentido à linguagem ao "estabelecer a realidade de nossos conceitos". Ao usar metáforas, os apresentadores dão sentido ao discurso pelo estabelecimento de aparências, produzindo sentido sem que necessariamente exista, pelo menos não no contexto em questão, o que é explicado por Pêcheux, quando diz que "a metáfora se localiza no ponto preciso em que o sentido se produz no *non-sens*".[10] O sentido, nessa condição, é o produto literal de outros sentidos, tornados transparentes em uma determinada formação discursiva pela dependência dessa em relação ao interdiscurso.[11]

Este jogo de formações discursivas, intermediadas por silêncios e metáforas, dá ao discurso dos meios de comunicação de massa uma característica de carnavalização que, segundo Bakhtin, comentado por Barros, transforma a realidade, aproximando-se da "ambivalência intertextual interna" dos discursos poéticos, que elaboram as "'verdades' textuais e históricas", ao que acrescentamos, tornando interessantes ocorrências do cotidiano.[12]

Entendida a importância do contexto social para a compreensão da atribuição de sentido, a análise que segue inicia-se com a descrição da

---

[8] ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso** ... op. cit., p. 83.
[9] apud SOUKI, Nadia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 120.
[10] PECHEUX, M. **Semântica e discurso** - uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas (SP): UNICAMP, 1988, p. 262.
[11] PÊCHEUX. **Semântica e discurso** ... op. cit., p. 263.

trajetória da TV no Brasil e sua programação, com uma macro análise do perfil do atual telespectador. Na seqüência, fazemos uma apresentação dos programas objetos deste estudo, após o que apresentamos o estudo exploratório realizado para construção do instrumento quantitativo para a pesquisa de campo. Os resultados dessa são apresentados na seqüência, em uma análise do processo de recepção cruzando os dados quantitativos com os discursos dos receptores e emissores. Para esta análise, utilizamos categorias que nos permitissem revelar como ocorre a leitura dos conteúdos televisivos e como se dá a intersecção disso com os discursos desses mesmos conteúdos. Basicamente, por meio dessa categorização procuramos identificar nos discursos: como o receptor classifica os programas de televisão em termos de gêneros; o que a televisão representa na vida das pessoas; as motivações para assistir a estes conteúdos, muitas vezes criticados; a importância dos apresentadores dos programas. Além disso, buscamos o significado da violência e como essa se apresenta na TV para os telespectadores e como são classificados os programas de televisão, em relação à linguagem utilizada, entretenimento proporcionado, informação adquirida.

4.1 A TV no Brasil: trajetória da programação

O modelo de televisão ocidental, derivado do modelo americano, tem como base o entretenimento e mesmo os países que, tradicionalmente, optaram pela diversificação da programação televisiva, procurando atender às questões educativas, recentemente têm assistido, no sentido mais literal, à mudanças, na busca pelo

---

[12] BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, polifonia e enunciação* In: BARROS, Diana Luz Pessoa de e FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade em torno de Bakhtin**. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 7.

entretenimento. A televisão britânica, por exemplo, ao final dos anos 90, viu a migração até mesmo das conservadoras BBCs, na esteira da ITV, para grades de programação que atendessem aos gostos de uma audiência que cada vez mais tem contato e se habitua com os padrões de uma televisão comercial.

No Brasil, desde o princípio, o mercado e os interesses políticos são os parâmetros norteadores do perfil da televisão. A implantação, no início da década de 1950, foi influenciada pelo momento econômico da cidade de São Paulo, quando o televisor era um luxo ao qual apenas a elite tinha acesso e a programação, para atender a esse público, era constituída por musicais e teleteatros. A partir de meados da década de 1960, inicia-se a "fase populista, quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas de auditório e de baixo nível tomavam conta da programação",[13] atendendo a uma demanda composta por uma classe à qual foi possibilitado o acesso ao aparelho de TV pelo pagamento parcelado. Essa facilitação tinha no patriotismo o apelo publicitário,[14] estratégia de um regime que "usou a mídia eletrônica a fim de construir o espírito nacional baseado na preservação das crenças, culturas e valores".[15] Dos anos 1970 até meados dos 1980, o cenário é marcado pelo desenvolvimento tecnológico, "quando as redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir, com maior intensidade e profissionalismo, os seus próprios programas, com estímulo de órgãos oficiais, visando, inclusive, à exportação".[16]

Desenvolvidas tecnologicamente, as emissoras começam uma fase de expansão internacional, com foco nas exportações de programas, ação ampliada nos

---

[13] MATTOS, Sergio. **A televisão no Brasil:** 50 anos de história - 1950-2000. Salvador:PÁS/Ianamá, 2000, p. 91.
[14] MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., p. 96.
[15] MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., p. 52.
[16] MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., p. 91.

anos 1990, movimento caracterizado pela cultura da globalização, quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos rumos da redemocratização.[17] No início do século XXI, o desenvolvimento tecnológico é a tônica na busca da qualidade digital e da convergência dos meios, que apontam para uma interatividade cada vez maior, com os meios tradicionais interagindo com a (recém-chegada) Internet. Isso acontece, em princípio, num clima de grandes expectativas pelas possibilidades de um novo mercado, o que, aos poucos, é modificado em função da situação econômica e social do país, que sofre as repercussões de crises mundiais, como o crescimento do desemprego, agravando ainda mais os problemas sociais existentes.

Em 2002, a televisão brasileira está estabelecida como uma instituição de propriedade privada, concentrada, tanto o sistema aberto como o fechado, nas mãos de poucos grupos de comunicação. No sistema aberto, temos, em São Paulo: TV Cultura, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Globo de Televisão, Rede Record de Televisão, Rede Bandeirantes de Televisão, Central Nacional de Televisão, Rede TV!, Rede Vida, Canal 21 e MTV (geradoras) com transmissão nacional (ver quadro I). No sistema fechado, a TV por assinatura, temos os sistemas de transmissão:[18] TV a cabo e MMDS comercializados pela Net (das Organizações Globo) e a TVA (do Grupo Abril); e os sistemas por satélite, comercializados pela SkyNet (das Organizações Globo) e pela Direct TV (do Grupo Abril), todos em operação desde 1996. A televisão brasileira "entra na era digital", como noticiado

[17] MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., p. 91.
[18] Satélite (DBS e DTH): recepção por satélite, com recepção por antena parabólica, sendo que para o DTH a antena tem dimensões reduzidas; Cabo: a distribuição é feita aos assinantes por meio de cabos de fibra óptica; MMDS: o sinal da operadora é distribuído de maneira semelhante à das transmissões em VHF e UHF e é recebido por meio de uma pequena antena externa.

pela *Revista Veja*,[19] com a inauguração do sistema Direct TV, que chega ao Brasil via grupo Abril, ampliando as opções de TV por assinatura. Em 1998, entraram em operação a Tecsat e a KTV.[20] Há ainda a rede Brasil Sul no Rio Grande do Sul, de Jaime Sirotsky, vinculada a uma das redes nacionais no horário nobre, que transmite também para a Argentina, Paraguai e Uruguai.

QUADRO I - Perfil de cobertura do território nacional pelas Redes de Televisão

Rede/TV	N° de geradoras		Cobertura em 2001 dos domicílios com TV
	1995*	2001**	
Rede Globo de Televisão	91	113	100%
Sistema Brasileiro de Televisão	72	91	98%
Rede Bandeirantes de Televisão	39	37	81%
Rede Manchete (88)/Rede TV!(2001)	26	21	30%
Rede Record de Televisão	26	63	67%
Central Nacional de TV (CNT)	19	23	22%
TV Gazeta S. Paulo	ND	1	ND
Rede Educativa	21	26	ND
MTV (geradoras)	9	9	ND

* - Fonte: Mídia Dados - 1995.
** - Fonte: www.gm.org.br/MidiaDados/tv/84top.htm - acesso em 27 de julho de 2003.

Nesta trajetória, cronologicamente, a história da televisão brasileira é caracterizada por teleteatros, festivais de música, *shows* e programas de variedades, "enlatados importados", telenovelas, telejornais, programas humorísticos, programas de auditório, programas "verdade" e "telejornalismo de serviço", cada época com um gênero em destaque, conforme as demandas políticas, econômicas e sociais.

O estudo do percurso da programação da televisão brasileira de 1965 a 2002 indica que, mesmo diante das novas opções de conteúdos proporcionadas pelo videocassete e pela TV por assinatura, a programação da TV de sinal aberto mantém um padrão integrado nos valores da audiência média, voltado principalmente ao

[19] TV com setenta canais. Revista *Veja*, São Paulo, 19 de junho de 1996, pp. 114-115.
[20] Fonte: MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., p. 145.

entretenimento e à emoção. Este padrão é, em grande parte, estabelecido pela atuação da Rede Globo de Televisão, que tem por base pesquisas e análises de opinião e mercado, em oposição a outras emissoras que tentam seguir outros caminhos e muitas vezes pagam o preço com a perda da audiência.[21]

A grade de programação comentada a seguir tem como amostra a terceira semana de março de cada ano, no período de 1996 a 2002, de segunda a sexta-feira no horário das 19h às 22h, o horário nobre da programação, na cidade de São Paulo, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*. Com a intenção de buscar informações que complementem esta avaliação quantitativa, são também utilizadas matérias publicadas na *Revista Veja*, no mesmo período, referentes ao percurso dessa programação. A escolha da *Revista Veja* se dá pelo caráter informativo de seu perfil editorial, que não utiliza ostensivamente estratégias de promoção dos artistas que compõem o universo do *star system* brasileiro. Para classificar a programação de televisão, utilizamos o conceito de Categorias Televisivas,[22] distribuindo programas em Entretenimento, Informação, Educação e Especial, com os gêneros agrupados como segue: (1) **Entretenimento:** novela, cinema, teatro, *teleplay*, seriados, desenhos animados, música popular, música erudita, humorismo, esporte, programa de auditório, variedades e programas que se aproximem desse conteúdo e formato; (2) **Informativo:** telejornal, reportagem, entrevista, documentário e programas cujos conteúdos de alguma forma tratem dos acontecimentos e fatos cotidianos; (3) **Educativo:** cursos, ciências, artes, civismo e programas que transmitam algum

---

[21] TONDATO, Márcia P. e CARRARA, Renata. *Anos 90 - TV de sinal aberto busca seu caminho em tempo de TV por assinatura*. In: REIMÃO, Sandra (org.). **Em instantes** - notas sobre a programação da TV brasileira (1965-1995). São Paulo: Salesianas/Cabral Editora Universitária, 1997, pp. 65-94.
[22] MARQUES DE MELO, José. Para uma leitura crítica da comunicação apud REIMÃO. **Em instantes** ... op. cit., p. 13.

conteúdo que possa ampliar o grau de conhecimento e habilidades, e (4) **Especial:** infantis, minorias étnicas, religião, agrícolas, outros.

Começando esta análise retomando os resultados e conclusões de estudo semelhante, compreendendo o período de 1965 a 1995, nas mesmas datas e horários,[23] temos que os anos 1960 são marcados pelo advento do videotape, que, entre outras opções, possibilitou a telenovela diária, que vai tornar-se o produto televisivo nacional de excelência. Em 1965, o entretenimento é a categoria mais presente, com os gêneros filmes e seriados, programas de auditório, lembrando que Sílvio Santos está presente na televisão aos domingos desde 1962, apresentando *shows* e variedades. A novela, embora já diária, só é apresentada no horário das 19h.[24]

Os anos 1970 representam a consolidação de uma televisão comercial, estrategicamente planejada para conquistar grandes audiências. A TV Globo desenvolvendo o conceito de 'grade de programação', introduzido pela TV Rio,[25] começando a trabalhar um 'padrão de qualidade'. O entretenimento é o carro-chefe, a telenovela, o gênero de destaque. O informativo começa a ganhar espaço sob os auspícios do regime ditatorial que promove o 'milagre econômico'. São criados, neste momento, os programas **Fantástico, o *show* da vida**, **O Globo Repórter,** além da consolidação do **Jornal Nacional**, todos pertencentes, agora, à Rede Globo.[26]

Iniciada em clima de euforia (Brasil Tricampeão Mundial no Futebol), a década de 1970 foi marcada por milagres e crises. Havia a promessa de melhores dias, pelo menos era isso que promoviam os números que mostravam 80% dos lares

---

[23]REIMÃO, Sandra (org.). **Em instantes** - notas sobre a programação da TV brasileira (1965-1995). São Paulo: Salesianas/ Cabral Editora Universitária, 1997.
[24] REIMÃO. **Em instantes** ... op. cit., p. 26.
[25] Informação prestada por Gabriel Priolli.

urbanos com televisores, queda do índice de analfabetismo, explosão no número de universitários.[27] Mas foi também a década em que aumenta a conscientização de que o futuro brilhante e próspero estava cada vez mais longe, pois, por trás dos índices de desenvolvimento, escondiam-se os índices de mortalidade infantil, migração rural, contradições sociais, geradores de um índice de violência urbana que vai explodir nos anos 1990.

O modelo de desenvolvimento econômico da década de 1970, com base nos objetivos da doutrina da Escola Superior de Guerra, afetou diretamente a televisão durante a fase do 'milagre econômico' ao criar facilidades para atrair investimentos multinacionais, promovendo as condições básicas para a integração nacional por meio do sistema de telecomunicações.[28] Com o argumento da promoção da urbanização e industrialização, para melhoramento das condições econômicas e sociais da população, os governos militares de 1964 a 1985 constroem um sistema de telecomunicações fundamentado na concessão de canais de televisão ao setor privado. Para garantir a audiência de uma televisão pautada pelo investimento publicitário, promove-se o incremento da produção de televisores e facilita-se a compra desses aparelhos e de outros bens de consumo por meio do crédito direto ao consumidor.[29] O mesmo governo, que em determinado momento desaprova o 'baixo padrão cultural' da televisão, é o grande incentivador de um modelo pautado pela concorrência das emissoras, que vê na exploração do sensacionalismo, entendido

---

[26] TEMER, Ana Carolina P. e MONTEIRO, Cláudia G. *Anos 70 - consolidação da liderança da Globo*. In: REIMÃO, Sandra (org.). **Em instantes** ... op. cit.
[27] TEMER, Ana Carolina P. e MONTEIRO, Cláudia G. *Anos 70 - consolidação da liderança da Globo*. In: REIMÃO, Sandra (org.). **Em instantes** ... op. cit., p. 38.
[28] MATTOS. **A televisão no Brasil:** 50 anos de história - 1950-2000. Salvador:PÁS/Ianamá, 2000, p. 52.
[29] MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., pp. 53, 54.

como uso de escândalos, atitudes chocantes, hábitos exóticos, etc. com o fim de emocionar ou escandalizar,[30] a base para a conquista de audiência.

Um levantamento do conteúdo da televisão em 1971 mostra um perfil dirigido ao entretenimento, com concentração em filmes, os 'enlatados estrangeiros' (o que 'aliviava' o controle da censura, pois dificilmente 'punham em risco a segurança nacional') e a importância da empresa privada na programação de televisão, visto que o conteúdo publicitário é maior do que as demais produções, conforme quadro II.

QUADRO II - Conteúdo da televisão em 1971.[31]

Conteúdo transmitido	Horas/semana
Filmes	1080,5
Publicidade	557,9
Novelas	416,7
Programas de auditório	307,6
Esporte	262,5
Notícias	241,2
Educação	218,2
Humor	152,0
Música popular	114,6
Arte, literatura e ciência	59,2
Religião	19,2
Teatro e poesia	15,3

O Plano Cruzado, que "baixou a inflação para zero", e suas "fiscais do Sarney" roubaram as cenas dos telejornais em meados da década de 1980. Pessoas comuns tornaram-se assunto dos noticiários ao se empenharem na fiscalização "contra os abusos dos empresários". Desenvolve-se então um jornalismo mais aberto, mais próximo dos telespectadores, na medida em que o país é democratizado e a população é convocada a conscientizar-se sobre seus direitos, como consumidores e como cidadãos. Pelo menos enquanto isso gerasse audiência.

---

[30] HOLANDA FERREIRA, Aurélio Buarque de. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

Diz o ditado popular que 'depois da tempestade vem a bonança', mas para a televisão brasileira a tempestade ultrapassou décadas, na corrente do que acontecia no país em outras áreas. Os anos 1980 iniciam com cassações de concessões, abrindo um espaço ainda maior para o crescimento da TV Globo, agora Rede Globo, que tem papel essencial nas eleições presidenciais de 1989.

Em 1980, após "um apelo inútil na tentativa de permanecer no ar, apesar de intermináveis crises", a TV Tupi sai do ar. Ao final da década, a Rede Globo "confirma seu padrão de qualidade", a TV Cultura inova sua programação, a Gazeta "homenageia japoneses e árabes" no horário nobre e a TV Bandeirantes apresenta uma programação ancorada em dois telejornais, duas novelas filmes e dois programas de auditório.[32] Esse perfil deixa como legado a hegemonia da Rede Globo, cristalizando um padrão de programação e liderando a audiência, o que só vai ser ameaçado com a entrada do SBT, do empresário Sílvio Santos. Nessa época,

> *a Rede Globo cobre praticamente todo o território nacional com suas 86 emissoras, seguida pela Rede Bandeirantes (90%), Sistema Brasileiro de Televisão (77%), Rede Manchete (51%) e Rede Record (43%). Os índices de audiência mostram 57% dos telespectadores da cidade de São Paulo sintonizados na Globo, o SBT consegue 22%; a Bandeirantes, 6%; Manchete e Record, 4% cada uma; e 7% são divididos entre a Gazeta e as TVs UHF e a cabo, alternativas dos anos 90.*[33]

Ao analisarmos os fenômenos ocorridos depois de 1990, é impossível deixar de falar em novas tecnologias, em mundialização da cultura e globalização da economia, para não dizer da vida. A tudo isso, devemos acrescentar crises internas,

---

[31] Fonte: Anuário estatístico do Brasil, 1972, p. 869 apud MATTOS. **A televisão no Brasil** ...op. cit, p. 114.
[32] CHAVES, Célia e BELFANTE, Vlamir. *Anos 80: TV em clima de cassações e concessões*. In: REIMÃO, Sandra (org.). **Em instantes** ... op. cit.
[33] TONDATO e CARRARA ... op. cit., p. 70. In: REIMÃO. **Em instantes** ... op. cit.

conflitos internacionais, inflação e recessão cobrindo os dois hemisférios do planeta. Neste contexto, a televisão torna-se o principal canal de informação, há a reformulação dos programas informativos, desenvolve-se um telejornalismo marcado pela consolidação do formato "jornal com âncora",[34] mas também pela exploração do sensacionalismo.[35]

Em 1991, o mundo assiste, ao vivo e em cores, à Guerra do Golfo. A televisão, que já havia mostrado os horrores da guerra do Vietnã, desta vez não economiza recursos humanos e tecnológicos para que todos tomem conhecimento do que há de mais novo na indústria bélica. Denominada "guerra sem sangue", "sem mortos nem feridos", com imagens mostrando apenas manchas verdes, lampejos de luzes, reportando ataques noturnos, essa guerra recebe uma cobertura jornalística de uma única fonte – o Departamento de Defesa dos Estados Unidos – caracterizando o jornalismo de guerra como uma forma de entretenimento, "lembrando o *réveillon* nas praias do Rio de Janeiro".[36]

As perspectivas comerciais tornam-se mais atraentes quando as estatísticas de audiência informam que nas classes mais abastadas a televisão está assumindo características de um meio de comunicação de consumo individual, ainda que não diversificado. Considerando apenas os domicílios que possuem mais de um televisor, observa-se que das 7 horas diárias que estes estão em média ligados, 5h30 são geradas pelo aparelho principal. Os demais aparelhos geram, portanto, apenas 22% do tempo de exposição ao meio (1h30). Durante apenas 55 minutos (13% do tempo que estes domicílios dedicam à TV) dois ou mais aparelhos estão ligados

---

[34] TEMER, Ana Carolina P. **Notícias e serviços nos jornais da Rede Globo**. Rio de Janeiro: Sotese, 2002, p. 33.
[35] TEMER. **Notícias e serviços** ... op. cit., p. 34.
[36] LUZ, Dioclécio. *A guerra que não haverá*. In: **America Latina en movimento**. Disponível em >> http://alainet.org/active/show_text.php3?key=3063. Acesso em 03 de dezembro de 2003.

simultaneamente. Em apenas 40% destas ocasiões, os televisores sintonizam canais diferentes.[37]

Esse comportamento, entretanto, não reflete uma situação econômica estável. A euforia desenvolvimentista dos anos militares deixam como legado um país inflacionado e estagnado, situação que passa a ser combatida com planos econômicos, que se mostram insuficientes. Congelamento de preços e salários; moratória da dívida externa; aumento das tarifas públicas, criação e extinção de gatilho de aumento salarial; controle do déficit público; privatização das estatais; confisco das cadernetas de poupança, facilitação das exportações,[38] nada disso, e nem a conquista do Tetracampeonato de Futebol (aos moldes do Tricampeonato em 1970), conseguem manter as esperanças por muito tempo diante de uma situação social cada vez mais difícil.

Em 1998, a economia brasileira é abalada pela crise financeira mundial, ocasionando uma retração de 13% nas emissoras de televisão e 10% nos veículos impressos "forçando-os a adaptações e replanejamento de metas, visando manter os níveis de faturamento e levando algumas emissoras até a apelarem para programas de conteúdo mais popular".[39] Na competição por um telespectador cada dia mais difícil de contentar, seja pelo agravamento da situação econômica e social, seja pelo surgimento de opções para as classes com maior poder aquisitivo, as emissoras buscam opções de programação na diversificação, fazendo com que o quadro *televisão brasileira sinônimo de Rede Globo* comece a mudar.

A programação de televisão desse período é caracterizada pela luta ferrenha pela audiência, que se traduz em experimentações, principalmente nos formatos, com

---

[37] Fonte: LEDA - Nielsen - serviços de mídia - 1991.
[38] MATTOS, Sérgio. **A televisão no Brasil:** 50 anos de história - 1950-2000. Salvador:PÁS/Ianamá, 2000, p. 69.

o desenvolvimento de programas mistos de jornalismo e ficção, drama e jornalismo, variedades e educação, atingindo até mesmo as tradicionais telenovelas, algumas marcando novas tendências (**Pantanal, Kananga do Japão, Vamp, De Corpo e Alma**), outras se transformando em renomados fracassos (**Cortina de Vidro, Brasileiros e Brasileiras**) ou em *remakes* (**Éramos Seis, Sangue do Meu Sangue, A Viagem**). Após várias experiências, as emissoras de sinal aberto chegam à conclusão de que o caminho é o entretenimento, seja ele na forma de humorismo, telenovela ou programas de auditório, ou misturado ao jornalismo, muitas vezes aproximando-se do sensacionalismo.

O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), o segundo no *ranking*, consegue desequilibrar a balança da audiência - ou talvez equilibrar seja mais correto, uma vez que a Rede Globo é o grande peso - utilizando uma estratégia de guerrilha. Atuando primeiramente fora do horário nobre, procura atender mais diretamente aquele público considerado secundário, as classes socioeconômicas A, B, D e E,[40] com os programas **Aqui e Agora**, **Jô Onze e Meia**. Renova o telejornalismo, com o âncora Bóris Casoy e chega ao horário nobre apostando em co-produções, *remakes* e produção independente. Dessa forma, além de se manter firme num segundo lugar, chega a obrigar o primeiro a rever seus programas, especialmente aos domingos, quando a situação se inverte e é a Rede Globo que passa a preocupar-se com o **Programa Sílvio Santos**[41]. Depois de vários anos de liderança, o **Programa do Faustão** perde pontos para as estratégias de guerrilha do empresário Sílvio Santos, que prepara sua sucessão colocando o apresentador Gugu Liberato em seu lugar no

---

[39] MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., p. 64.

[40] A classe C, critério Brasil, é considerada prioritariamente a classe público-alvo da televisão, uma vez que é ela que passa mais horas em frente à televisão (dados IBOPE) e também é ela quem tem maior poder aquisitivo, em relação às DE e menos opções, de lazer e de consumo de bens, em relação à AB.

horário entre 16h30 e 20 horas do domingo. A fórmula provoca a queda da média mensal de audiência do programa global, levando à redução do tempo do programa, depois de tentativas radicais de conteúdo (como apresentação de *sushi* erótico ou *remakes* apelativos contando a vida dos artistas).[42]

Nos bastidores, a Rede Globo promove grande movimentação publicitária. No aniversário dos seus 30 anos, constrói um centro de produção artística, compra equipamentos e promove cursos e treinamento para funcionários e atores. No telejornalismo, as mudanças ficam nas aparências, reforçando as características de mistura informação+entretenimento. Os cenários dos noticiários são mudados, sendo então produzidos como espetáculo.[43] No **Fantástico** entra a ficção, em quadros de teleteatro que retomam as crônicas jornalísticas de Nelson Rodrigues (1995), salientando a característica da mistura de gêneros, e, em 1999, o programa apresenta quadros saídos do circo, num verdadeiro *show* de variedades.[44] O humorismo toma fôlego, embora não muito novo. Estréia em 1996 o programa **Sai de Baixo**, gravado ao vivo, na linha da **Família Trapo** da TV Record dos anos 60/70. Antigos programas são relançados, com personagens criados ao longo de toda a história do humorismo nacional. No campo das telenovelas, os *remakes* são comuns.

Ainda visando a conquista do novo telespectador, o telefone é retomado na busca por uma interatividade, dando ao público a oportunidade de opinar 'em tempo real', gerando uma sensação de participação que objetiva à fidelidade da audiência. Tal estratégia é adotada por todas as emissoras, com variações na forma dependendo dos recursos disponíveis a cada uma. Enquanto a maioria opta por telefonemas de

---

[41] TONDATO e CARRARA. *Anos 90* ... op. cit., p. 92. In: REIMÃO. **Em instantes** ... op. cit.
[42] Um furacão no domingo do Faustão. Revista *Veja*, 29 de outubro de 1997, p. 132. O pesadelo da Globo. Revista *Veja*, 3 de abril de 1996, p. 105. Snif, snif. Revista *Veja*, 2 de setembro de 1998, p. 149. Faustão perde peso. Revista *Veja*, 7 de abril de 1999, p. 137.
[43] MARCONDES FILHO, Ciro. **A vida pelo vídeo**. São Paulo: Moderna, 1989, pp. 52, 53.

premiação (que além de audiência é também uma fonte direta de receitas), ou recebimento de cartas por meio de fax com perguntas aos entrevistados, a Rede Globo inova, dando a oportunidade de escolha do final do programa (**Você Decide**), ou do próximo filme (**InterCine**) ou da temática do próximo programa da série (**Fantástico**).

Neste contexto, a telenovela sobrevive por ser um gênero de consumo horizontal, com penetração significativa em todas as classes socioeconômicas,[45] característica muitas vezes creditada como resultado do modelo norte-americano do nosso sistema de televisão, da importação de técnicas de produção de bens culturais, com as emissoras estruturadas como empresas capitalistas, o que lhes dá recursos para uma produção elaborada. O resultado é um alto padrão de qualidade e, mesmo que alguns questionem o valor artístico, milhões de brasileiros seguem 'grudando' os olhos todos os dias em alguma novela. O gênero está mais vivo do que nunca, porém não é mais em torno dela que se travam as disputas pela audiência.

4.2 Antigas estratégias: novos telespectadores

Depois dos investimentos governamentais para o avanço tecnológico das comunicações (anos 1960), da consolidação da Rede Globo como "padrão" de televisão brasileira (anos 1970), de um período de cassações e concessões (anos 1980) e a chegada da TV de sinal fechado (1990-95), a programação da televisão brasileira chega a grade em que o entretenimento engole a notícia e a violência torna-se tema de um jornalismo sensacionalista. Após essas 'idas e vindas', chegamos a um

---

[44] O circo na TV. Revista *Veja*, 18 de setembro de 1996, p. 122.
[45] Fonte: *A grande vitrine da televisão mantém toda sua força*. Especial Mídia. Ano III, no. 29, julho 2001, pp. 4-12, encarte especial de Revista *ABOUT* - 9 de julho de 2001. Ano XIII, n 635.

consumidor de programação de TV aberta, levemente concentrado na classe C, e nas faixas etárias 20/29 e 30/39, conforme mostra a tabela 1.

Tabela 1 - Perfil do telespectador da TV aberta - 1996/2001

Ano	Sexo		*Classe social*			Faixa etária					
	Fem.	Masc.	AB	C	DE	10/14	15/19	20/29	30/39	40/49	50/65
1996*	**53%**	**47%**	**33%**	**39%**	**29%**	**13%**	**11%**	**24%**	**22%**	**14%**	**15%**
						12/19	20/24	25/34	35/44	45/54	55/64
2001**	**52%**	**48%**	**31%**	**35%**	**34%**	**23%**	**12%**	**23%**	**20%**	**13%**	**9%**

Fonte: *Mídia Dados 1996.
** Especial Mídia. Ano III, no. 29, julho 2001, pp. 10, encarte especial de Revista ABOUT - 9 de julho de 2001. Ano XIII, no. 635.

O acesso facilitado aos aparelhos de TV para as classes C e DE pelo Plano Real faz com que a TV aberta mantenha seu poder de fogo, tornando os anos 1990 "extremamente generosos para o meio,"[46] ainda que as classes AB também já tenham como opção os canais fechados. A possibilidade de consumo de bens não-duráveis dada à população de baixo poder aquisitivo pela abertura do mercado e contenção da inflação, conforme tabelas 2 e 3, repercute direta e indiretamente nas programações, que devem fidelizar esta nova audiência aos seus anunciantes.

Tabela 2 - Eletrodomésticos em novos domicílios[47]

Eletrodoméstico	Total de domicílios atendidos			
	Antes do plano Real (1993)	Depois do Plano Real (1996)	Mídia Dados Televisão	
Rádio	85,1%	90,4%	**1999**	**2001**
Televisão	75,8%	84,3%	87,4%	87,7%
Televisão em cores	50,2%	69,2%		
Fogão	95,2%	96,6%		
Geladeira	71,7%	78,2%		
Máquina de lavar roupa	24,3%	30,4%		
Freezer	12,9%	18,0%		

[46] *A grande vitrine da televisão mantém toda sua força*. Especial Mídia. Ano III, no. 29, julho 2001, p. 4, op. cit.
[47] Fonte: IBGE/PNAD apud MATTOS. **A televisão no Brasil**, op. cit., p. 118.

Tabela 3 - Vendas industriais de aparelhos de TV e vídeo/ aparelhos em uso (1.000 unidades)

Ano	Preto-e-branco (vendidos)	Cores (vendidos)	PB & Cores (em uso)	Vídeo cassete (vendidos)	DVD (vendidos)
1990	577	2.314	29.983	581	N.D.
1991	547	2.443	30.308	696	N.D.
1992	330	2.294	30.080	554	N.D.
1993	**425**	3.399	31.502	816	N.D.
1994	400	5.100	34.555	1.200	N.D.
1995	138	6.066	38.921	1.923	N.D.
1996	N.D.	**8.542**	45.643	**2.704**	N.D.
1997	N.D.	7.836	50.573	2.449	N.D.
1998	N.D.	5.836	53.768	1.992	N.D.
1999	N.D.	4.032	55.103	1.168	23
2000	N.D.	5.289	58.283	1.205	194

Fonte: www.gm.org.br/MidiaDados/tv/84top.htm. Acesso em 25 de julho de 2003.

Estas ocorrências, chegada das novas tecnologias - controle remoto, TV a cabo e por satélite -, entrada das classes D e E no mercado de consumo, se consolidam em uma grade caracterizada por um pseudo jornalismo de serviço, pela participação da população nos programas e conteúdos que enfatizam o drama do cotidiano no horário de maior audiência, o horário nobre, das 19h às 22h.

A partir de 1990, observa-se uma maior presença da categoria "informativo" que antes era menos de 20%, aumentando para 28% em 1990 e estabelecendo-se em 26% em 2002 (tabela 4 – ao final deste item). Outra característica notada na programação desse período é a mistura de gêneros. Programas anteriormente facilmente identificáveis, como, por exemplo, programas de auditório, ou mesmo noticiários, agora misturam o entretenimento, o *show*, com a divulgação de notícias, no primeiro caso; enquanto nos noticiários são inseridos comentários e participações que fogem dos padrões de uma cobertura jornalística informativa e imparcial.

Típico desse tratamento da mensagem, o programa **Aqui e Agora** re-inaugura o gênero do jornalismo sensacionalista, explorando situações bizarras e violentas, com ampla utilização dos *fait divers*[48] - "fatos de interesse humano, ou insólitos, que possuem um apelo emocional em detrimento da razão". Em 1992,, esse telejornal,[49] um dos mais polêmicos da categoria, atinge a marca de 21 pontos em São Paulo. Outro programa a adotar abordagem semelhante é o **Programa do Ratinho**. Na versão "programa de auditório", a apresentação de jogos e entrevistas, brigas de casais e vizinhos e música, em determinados momentos de 1999, tem uma audiência composta por 25% de telespectadores das classes D e E e 40% na classe C.[50] Essa exploração do apelo sensacionalista, triplica de 1996 para 1997 (tabela 5 – ao final deste item), tendo nos apresentadores Luiz Datena[51] e Carlos Massa, o Ratinho, seus maiores expoentes. Datena não esbraveja, nem chacoalha um porrete na cara do telespectador como o Ratinho, seu colega do SBT, mas, ainda que cite filósofos e elogie a atuação da polícia,[52] não deixa de trabalhar com situações que permitam exploração de imagens e repetição de seqüências, numa (re)construção dramática dos acontecimentos do dia.

O foco do nosso estudo são os programas que tenham como conteúdo acontecimentos da vida real transformados em *show*, com exploração do grotesco e da violência, na mesma linha de **Música e Alegria** e **O Homem do Sapato Branco**, o primeiro comandado por Sílvio Santos em meados da década de 1960, e o segundo

---

[48] SANTOS, Marli dos. **O homem que mordeu o cão** - um estudo exploratório sobre a linguagem sensacionalista nos reportagens policiais do telejornal Aqui e Agora. Dissertação de Mestrado em Comunicação Social - Curso de pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo (SP), 1998, p. 2.
[49] SANTOS. **O homem que mordeu o cão** ... op. cit., p. 6.
[50] MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., p. 154.
[51] **Cidade Alerta** (Rede Record) até início de 2003 e **Brasil Urgente** (Bandeirantes) a partir de fevereiro de 2003.
[52] Plantão da periferia. Revista *Veja*, São Paulo, 1 de agosto de 2001, p. 139 e Palmas para ele. Revista *Veja*, 27 de maio de 1998, p. 162.

apresentado por Jacinto Figueira Júnior, que falava das mazelas e dos infortúnios de pessoas simples.[53] Não utilizamos a denominação 'programas populares', lembrando Gabriel Priolli que chama a atenção para o equívoco de considerarmos "programas populares" os "reis da baixaria",[54] e para quem a popularidade do Chacrinha é o melhor exemplo da utilização do formato circo na televisão e que, no entanto, nunca explorou os dramas do cotidiano.

A tabela 5 mostra um aumento do conteúdo sensacionalista em 1999, que é retomado em 2002. Este aumento é percebido pela sociedade que, a partir de 1999, começa a discutir a perda de limites pelas emissoras, demonstrando uma grande expectativa de controle da programação televisiva. Intelectuais, jornalistas e a população em geral apresentam suas opiniões sobre o fenômeno, propondo mudanças na televisão brasileira, com base no baixo nível do conteúdo da programação, que trabalha com "linguagem chula, grosseira (...) que abusam das nádegas da Feiticeira (...) por um deboche sem limites (entrevistas do Ratinho)".[55] Representantes da televisão também demonstram descontentamento com a programação de televisão e defendem a adoção de um controle da programação por parte da sociedade, sem contudo deixar de dizer que "temos a TV que o povo merece".[56] Mas esse povo também não está satisfeito. Ou melhor, está muito insatisfeito com o conteúdo televisivo atual, conforme declarações fornecidas em reportagens sobre o assunto que vez por outra é pauta da imprensa escrita:

> *TV no domingo? Deus me livre. Só tendo estômago. (vendedor, 34 anos) (...) Gugu podia se aposentar, Faustão já deu pra bola e Sai de Baixo encheu. (vendedora, 18*

---

[53] REIMÃO. **Em instantes** ... op. cit., p. 27.
[54] apud MATTOS. **A televisão no Brasil** ... op. cit., p. 154.
[55] SIQUEIRA, Ethevaldo. Uma proposta: mudar a TV brasileira. Jornal *O Estado de S. Paulo*, 4 de março de 2001, p. B11.

anos) (...) Entre Gugu e Faustão dá vontade de dar um tiro na cabeça. (escritor) (...) Prefiro ligar o rádio e ouvir música. Na TV só passa o que não presta. (faxineira, 47 anos) (...) Ficar em casa vendo televisão me dá uma sensação de tempo perdido. (taxista, 48 anos) (...) Há anos as mesmas coisas, exploração dos pobres, dos negros, dos homossexuais. Pior do que domingo, só sábado à noite. (professor).[57]

A este cenário a sociedade responde com a criação de organizações não governamentais (ONGs) que se propõem "a monitorar e buscar alternativas para o desenvolvimento da mídia" (...) "denunciando os abusos, identificando os piores programas, infernizando as emissoras e seus responsáveis (...) repudiando seus anunciantes e mostrando os males que causam".[58] Males esses que, embora ainda não comprovados, como por exemplo, a indução a comportamentos violentos por parte das crianças, podem ser decorrentes, senão diretamente das imagens veiculadas, do tratamento ético dado à violência na programação, em que muitas vezes é autorizada, legitimada e glorificada.[59]

---

[56] Marco Antônio Rodrigues, editor-chefe do Jornal Hoje da Rede Globo em entrevista ao jornal-laboratório do Curso de Comunicação, *Página UM*, da Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi (SP), edição 31, março 2002.
[57] O que eu não agüento mais ver hoje na televisão, Jornal *O Estado de S. Paulo*, cadernos Cidades, p. C1, 5 de agosto de 2001.
[58] TAVARES, Mirela, Cidadania na pauta. Revista *Propaganda* - a alma do negócio. Ano 44, no. 576 - junho/99, reportagem de capa.
[59] LA TAILLE, Yves de. Televisão, violência e infância. *TV Folha - Folha de S. Paulo*. 18 de março de 2001, p. 2.

Tabela 4 - Distribuição das categorias na grade de programação 1965-2002

Categoria	1965	1970	1975	1980	1985	1990	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	Total categoria
Informativo	5,8%	10,9%	15,1%	15,0%	18,3%	**28,4%**	**23,3%**	**27,3%**	**29,2%**	**25,2%**	**21,3%**	**21,7%**	**20,7%**	**26,1%**	20,5%
Entretenimento	75,5%	75,3%	77,7%	68,7%	67,3%	57,3%	64,6%	68,1%	65,6%	67,4%	70,4%	70,2%	70,2%	65,9%	68,6%
Educativo	5,6%	4,4%	4,8%	4,2%	4,1%	0,8%	5,1%	4,6%	4,5%	3,9%	3,3%	3,1%	3,5%	1,6%	3,8%
Especial	1,6%	0,0%	0,4%	0,0%	4,0%	3,4%	4,1%	0,0%	0,7%	3,4%	5,0%	4,9%	5,6%	6,4%	2,9%
Entretenimento /informação	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	4,5%	8,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	1,2%
Entretenimento /educação	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	1,8%	1,5%	2,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%
Outros	8,4%	9,5%	2,1%	12,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	2,4%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela 5 - Programas que exploram aspectos sensacionalistas, misto de jornalismo e entretenimento, com ênfase em acontecimentos violentos									
Emissoras	**Ano de exibição**								
	1996	**1997**	**1998**	**1999**	**2000**	**2001**	**2002**	**2003**	**Total**
	Programas								
SBT	Aqui e Agora	SBT Repórter	SBT Repórter	SBT Repórter					
				Programa do Ratinho	Programa do Ratinho	Programa do Ratinho	Programa do Ratinho	Programa do Ratinho	
TV Globo				Vida ao Vivo Show	Linha Direta		Linha Direta	Linha Direta*	
TV Record		Cidade Alerta	Cidade Alerta	Cidade Alerta	Cidade Alerta	Cidade Alerta	Cidade Alerta	Cidade Alerta	
			Ratinho Livre	Repórter Record				Verdade do Povo**	
CNT			190 Urgente		Cadeia				
Rede TV!								Repórter Cidadão**	
							Canal Aberto	Canal Aberto	
Manchete	Câmera em Manchete		Câmera em Manchete	Se liga Brasil					
	24 horas	24 horas	Márcia						
		Na Rota do Crime	Na Rota do Crime						
Band	Rede Cidade	Rede Cidade	Rede Cidade					Hora da Verdade	
			Zona de perigo	Band Cidade		Zona de Perigo	Brasil Urgente	Brasil Urgente	
Total de horas	3:05:00	14:20:00	12:00:00	**20:00:00**	10:00:00	13:10:00	**24:00:00**	**12:15:00**	**108:40:00**
Porcentagem	2,82%	13,1%	11,0%	**18,4%**	9,2%	12,1%	**22,1%**	**11,3%**	**100,0%**

4.3 Programas: ninguém gosta, mas todos assistem

Como representantes do gênero foco deste estudo, foram selecionados os programas **Cidade Alerta**, **Brasil Urgente** e **Programa do Ratinho**. Os dois primeiros apresentam as mesmas características, considerados jornalísticos, de

caráter policial, acompanham os acontecimentos ao vivo, com equipe de repórteres equipados com motocicletas e helicópteros, para verificar "os fatos onde eles estiverem", nas palavras de seus apresentadores. Esta seleção é resultado da pesquisa quantitativa com receptores. Por ocasião da pesquisa, primeiro semestre de 2003, houve a mudança do apresentador José Luiz Datena do programa **Cidade Alerta** da Rede Record, substituído pelo jornalista Milton Neves, para o **Brasil Urgente**, da Rede Bandeirantes. Na pesquisa de recepção, essa mudança se refletiu em certa confusão: os respondentes, ao declararem suas opiniões, ora mencionavam **Cidade Alerta**, referindo-se ao programa apresentado por Datena, ora simplesmente diziam "Datena", sem referência ao nome do programa.

O **Programa do Ratinho** foi escolhido para ser analisado por ter sido considerado o pior programa da televisão.[60] A análise da intersecção da fala dos telespectadores com o discurso dos programas permitiu, em diversas ocasiões, verificar como as estratégias de comunicação do emissor são mediadas pela subjetividade do telespectador, que procura atender aos seus anseios, construindo o "seu" programa.

4.3.1 Cidade Alerta

O programa **Cidade Alerta** da Rede Record, no ar desde 1995, nas palavras de abertura por seu apresentador, Milton Neves, traz as principais notícias do Brasil e do mundo e é definido comercialmente como um "jornal popular (...), com material policial expressivo, sem perder de vista as referências sociais, (...) com comentários

[60] Vale lembrar que no segundo semestre de 2002, os índices de audiência do Programa do Ratinho atingiam a marca de 19% (dados IBOPE), que caem para menos de 5% no primeiro semestre de 2003. O que talvez explique as transformações no programa, que modifica seu foco às quartas-feiras, a partir de julho de 2003, com a apresentação de um quadro musical.

em linguagem clara, objetiva e direta".[61] Entretanto a observação de seu conteúdo mostra um noticiário policial preferencialmente local, com intervenções regionais e nacionais ou internacionais apenas na medida em que permitam abordagem dentro dos moldes do programa como, por exemplo, a exploração da explosão de uma bomba em Moscou que provocou a morte do especialista em desarmamento de bombas. O programa é apresentado de segunda a sábado, para todo o Brasil, no horário das 17h45 às 19h35.

O cenário principal, onde fica o apresentador do programa **Cidade Alerta,** é um dos estúdios da Rede Record, tendo ao fundo uma imagem representando a silhueta iluminada da cidade de São Paulo, e, à direita, o telão, onde são apresentadas as imagens das reportagens, ao comando de Milton Neves. O apresentador anuncia o tema da matéria de forma objetiva, passando a voz para o repórter que, por meio de imagens, transmitidas primeiramente no telão, ao vivo ou gravadas, narra os acontecimentos, limitando-se a mostrar locais, coletar depoimentos de envolvidos, vítimas ou autoridades, sem preocupação com análise da situação e apuração dos fatos. Nesta estratégia, reconhecemos as características da narração épica, comentadas anteriormente, que é objetiva, com foco em imagens, que completam os 'silêncios' do narrador, dando espaço para interpretação do espectador.

A narração tem a função desenvolver a história, o que é feito com emoção, buscando ampliar a percepção dos telespectadores. A apresentação da matéria ao vivo pode ser interrompida pelo apresentador quando este considera importante o destaque de imagens ou o detalhamento de depoimentos. Tais interrupções são feitas em *off*, ou com cortes para o estúdio. Nas matérias gravadas, não há interrupção; após seu final, volta-se aos estúdios onde o apresentador faz seus comentários que

---

[61] *Sobre o Cidade Alerta.* Disponível em >> http://www.rederecord.com.br/programas/cidadealerta,

também pouco, ou nada, contribuem para maiores esclarecimentos sobre as ocorrências.

Na edição do dia 7 de julho de 2003, aqui comentada, foram mostrados nove assuntos, apresentados durante noventa minutos, com ênfase na matéria sobre tentativa de resgate de presos da penitenciária, fato ocorrido no dia anterior, um domingo, com grande repercussão. O tema do resgate é discutido ao longo do programa subdividido em cinco segmentos: comentários sobre o fato em si, sobre a saúde do piloto baleado, sobre a perícia do piloto, entrevistas com uma piloto, funcionária da mesma empresa do piloto baleado, e entrevistas com autoridades. Os outros assuntos foram: assassinato de agente penitenciário, seqüestro de gerente de banco, apreensão de drogas em favela, tiroteio em frente à delegacia, assalto à ônibus, acidente grave na Via Dutra, morte de garoto de 13 anos ao tentar pegar uma pipa e espancamento ocorrido no Rio de Janeiro.

4.3.2 Brasil Urgente

Brasil Urgente estréia na Rede Bandeirantes no dia 3 de dezembro de 2001, sob o comando de Roberto Cabrini, jornalista de destaque por localizar fugitivos da justiça. Conforme informe da Rede,[62] trata-se de um programa jornalístico, que dá prioridade aos temas locais, aborda assuntos como segurança, saúde, trabalho e comportamento. Produzido pela Central de Jornalismo da Band, as matérias apresentadas no **Brasil Urgente** "têm o tempo que merecem, 1 minuto ou meia hora", nas palavras do Diretor de Jornalismo da Rede, Fernando Mitre. Dentro de uma proposta de jornalismo de serviço, busca uma maior aproximação com o

---

Acesso em 29 de julho de 2003.

[62] http://www.band.com.br/chain-brasilurgente.html , acesso em 06 de agosto de 2003.

público, usando recursos de enquete na rua, telefone, *e-mail* ou o correio tradicional, além de utilizar um helicóptero que informa as condições do trânsito e relata os flagrantes da cidade de São Paulo.

Pelo menos era essa a proposta inicial. Após um ano de existência, sob o comando de José Luiz Datena, que deixa a Rede Record, o programa adota, no primeiro semestre de 2003, o mesmo enfoque que seu concorrente no horário, o **Cidade Alerta** (**Brasil Urgente** é apresentado de segunda a sábado, para todo o Brasil, no horário das 18h às 19h35). Como este, apresenta pouco conteúdo que possa representar algum serviço à sociedade, dando importância aos mesmos desastres e ocorrências cotidianas de uma grande cidade, também demonstrando em seu discurso mais preocupação com os pontos do IBOPE, como no caso do suicídio ao vivo de um PM.[63]

O cenário principal onde fica o apresentador do programa **Brasil Urgente** é um dos estúdios da Rede Bandeirantes, com uma parede de fundo em vidro transparente, através da qual é possível ter uma visão de uma sala de redação com os jornalistas trabalhando e monitores de vídeo no teto. Datena não trabalha com um telão, as imagens das matérias são anunciadas ao comando "na tela" pelo apresentador. Durante todo o tempo, são exibidas chamadas para as matérias no formato de legendas no rodapé da tela. Essas legendas são modificadas ao longo do programa conforme a reportagem vai desenvolvendo o assunto. O objetivo das legendas, explicitado pelo apresentador, é informar o telespectador que eventualmente não tenha acompanhado o programa do início, e que precisa ser atraído, daí o forte tom sensacionalista que se nota em algumas delas.

---

[63]*Suicídio ao vivo*. - Adriana Carranca e Cristina Padiglione. Disponível em >> http://observatorio.ig.com.br/artigos/asp16042003994.htm , acesso em 06 de agosto de 2003.

O apresentador anuncia o tema da matéria já fazendo comentários, uma característica que o diferencia da forma como Milton Neves conduz o **Cidade Alerta**. Enquanto Datena passa a voz ao repórter, é exibida uma legenda, com logotipo do programa, resumindo o assunto. Diferentemente dos repórteres do **Cidade Alerta** que conduzem as entrevistas, descrevem os acontecimentos, mostram os locais, no **Brasil Urgente** essa atuação, na maioria dos casos, se restringe a fazer a intermediação entre o Datena e os entrevistados. A presença do apresentador é constante, interrompendo a fala dos repórteres, questionando os entrevistados, chamando a atenção para outras questões, indagando sobre os pormenores. Tais interrupções são feitas em *off*, ou com cortes para o estúdio. Mesmo nas matérias gravadas, há comentários em *off*. Entretanto, tudo isso, da mesma forma que em **Cidade Alerta**, nada ou quase nada contribui para maiores esclarecimentos sobre as ocorrências. Retomando Rosenfeld,[64] Datena usa o recurso do gênero lírico, fundado na emoção subjetiva do narrador.

Para efeitos de comparação com **Cidade Alerta**, ainda que isso não seja o objetivo principal deste estudo, analisamos o programa que foi ao ar no dia 7 de julho de 2003. Nesse programa foram apresentados nove assuntos e, com exceção de quatro: quadrilha de roubo de cargas, falsificação de cartão de aposentados, prisão de maratonista e descoberta de pessoa morta em apartamento, foram os mesmos apresentados pelo **Cidade Alerta**, embora com outro enfoque, sem que isso signifique maior profundidade, sendo apenas uma questão de luta pela audiência, ou possibilidade de acesso exclusivo aos fatos.

4.3.3 Programa do Ratinho

[64] ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. 4a. ed., São Paulo: Perspectiva, 2002, pp. 22, 24, citado no

Carlos Massa, o Ratinho, é a razão de ser do **Programa do Ratinho,** um misto de assistencialismo e variedades escabrosas, uma versão do SBT para o **Ratinho Livre**, apresentado anteriormente na Rede Record, que chegou a atingir 36 pontos no Ibope na Grande São Paulo, no horário da novela na Rede Globo. No **Programa do Ratinho**, seu apresentador exibe aberrações, num tom apelativo, promovendo a audiência pelo suspense.[65] Apesar das modificações realizadas, como o espaço destinado aos testes de DNA, com as histórias dos casais dramatizadas por personagens com participação fixa no programa, dramatizações estas com apelo humorístico, com caracterização pornográfica, seu apresentador continua "desbocado, abusado, imprudente, e dono de um poder de comunicação assustador".[66]

Levado ao ar de segunda à sexta-feira, das 21h20 às 22h20, o **Programa do Ratinho** é ambientado em estúdio, com auditório. Neste espaço, são dispostas poltronas para os casais solicitantes de exames de DNA, tendo, em uma das laterais, uma plataforma, denominada Balcão de Apelo, onde se apresentam as pessoas que vêm solicitar ajuda para resolver seus problemas. As câmeras de TV se deslocam nesse espaço, onde, ainda, eventualmente, são montadas cenas de humor, com camas, urna funerária, o que for preciso. As dramatizações dos casos de DNA são passadas em vídeo, bem como as histórias de apoio às solicitações de ajuda. Carlos Massa (o Ratinho) fica circulando por todo o cenário, ora participando ativamente das situações, ora ficando ao lado, fazendo comentários sarcásticos como "ainda tem

---

capítulo II.

[65] *Programa do Ratinho - o novo fenômeno da TV*. Disponível em >> http://facluberatinho.sites.uol.com.br/historia, acesso em 05 de agosto de 2003.

[66] *Ratinho que investir em novos programas do SBT*. Disponível em >> http://www.jj.com.br/jj2/cadtv/cadtv10112002-04.html, acesso em 05 de agosto de 2003.

gente que assiste a tudo isso". Para apresentar as atrações,[67] entra em cena o personagem Sombra, do qual só se vê a silhueta por trás de uma parede translúcida. No mesmo espaço, também na lateral, são dispostos estandes para *merchandising*, realizado pelo apresentador, que interrompe as apresentações para "os comerciais", apresentando os produtos no mesmo tom em que comenta as atrações.

Analisamos o programa que foi ao ar no dia 7 de julho de 2003. Nesse programa foram apresentados cinco assuntos, três originados da interação com o público: uma solicitação no Balcão de Apelo, um pedido de um fogão a lenha e um teste de DNA. Além disso, é apresentada uma matéria relacionada à tentativa de resgate de presos do presídio de Guarulhos, explorada aqui sob um ângulo que permitisse a apresentação do inusitado e uma matéria sobre uma pessoa que diz ter poderes paranormais, assunto explorado de forma pejorativa. Aliás, o pejorativo é o tom preferido pelo apresentador, que sempre encontra formas de ridicularizar, depreciar as pessoas envolvidas nas situações apresentadas.

Como explicitado nos capítulos em que discorremos sobre gêneros, optamos por trabalhar o discurso televisivo no sentido do gênero a partir de sua estrutura, para o que definimos os programas analisados dentro da narrativa (os telejornais policiais **Cidade Alerta** e **Brasil Urgente**) e de auditório (**Programa do Ratinho**), que também tem um texto-guia, porém existe a intervenção que, mesmo programada, interrompe a narração, criando um efeito de espontaneidade.

Estes três programas têm como característica comum um apresentador que "fala olhando para a câmera", representando a si mesmo, "sublinhando o fato de que

[67] Usamos o termo propositalmente na medida em que entendemos esse programa dentro do gênero circense.

a TV existe e que seu discurso 'acontece' justamente por essa existência",[68] embora estejam mostrando "fatos da vida real". Essa passagem do real ao televisivo e desse ao real novamente só é possível se levarmos em conta, concordando com Eco, que o que está em questão não é mais a verdade do enunciado, mas a verdade da enunciação, "estamos agora diante de programas em que informação e ficção se trançam de modo indissolúvel e não é relevante quanto o público possa distinguir entre notícias 'verdadeiras' e invenções fictícias".[69] Os apresentadores destes programas, ao mesmo tempo que mostram fatos que estão acontecendo, os transformam em inusitados na sua maneira de narrá-los, ficcionalizando a realidade.[70]

4.4 Abrindo caminhos para desvendar a atribuição de sentidos

A pesquisa realizada com o receptor, em uma visão macro, busca verificar como a mistura informação + ficção é percebida e interpretada em um ambiente urbano, em que carências sociais convivem com consumismo desmedido.

Na primeira etapa dessa busca, foram realizados seis Grupos Focais[71] com o objetivo de coletar informações, percepções e opiniões que colaborassem para a construção de um instrumento quantitativo para avaliação da recepção dos conteúdos especificados junto à população do ABC paulista. Essa técnica de coleta de informações permite alto grau de interação, sendo adequada para assuntos de interesse geral, que não causem muita polêmica.

---

[68] ECO, Umberto. *Tevê: a transparência perdida*. IN **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 186.
[69] ECO. *Tevê: a transparência perdida* ... op. cit. , p. 191.
[70] ECO. *Tevê: a transparência perdida* ... op. cit. , p. 188.
[71] O conteúdo das falas dos entrevistados foram respeitados na íntegra nas transcrições, apenas corrigimos a forma nos casos em que uma intervenção com vistas à correção gramatical não alterasse o significado e a interpretação. A transcrição integral dos GFs está no anexo IV.

Esses grupos foram organizados por faixa etária e classe socioeconômica, a saber: jovens de classe AB, homens acima de 40 anos, classe BC e CD, mulheres acima de 30 anos, classes BC e CD, e um grupo misto, homens e mulheres acima de 25 anos, classe BC. No total participaram dos grupos 31 pessoas, com maior incidência de mulheres (64,5%) uma vez que um dos critérios de seleção era "assistir à televisão em todos os horários e ter filhos". A maioria dos entrevistados desta fase tem nível de escolaridade entre primário completo e colégio incompleto (51,6%), outros 38,8% têm até superior completo. A divisão por classe e idade na organização dos grupos se mostrou adequada apesar de percebemos, no decorrer das reuniões, que as opiniões se distribuem mais em função do sexo e da classe socioeconômica do que em função da idade. Isso foi confirmado com a realização do grupo misto, no qual verificamos maior necessidade de intervenção nas discussões de forma a dar oportunidade para que todos se expressassem. Também notamos que o grau de escolaridade tem influência apenas nas explicações dadas para o comportamento em relação à televisão, sendo que todos assistem a tudo, conhecendo a programação de uma forma geral.

Para a realização dos Grupos Focais, elaboramos um roteiro (ANEXO I) explorando o tema "hábitos de consumo de televisão, preferências e opiniões sobre a programação". No todo, os grupos entrevistados raramente lêem jornal ou revista, sendo a televisão e o rádio os principais meios de informação e entretenimento, ainda que 47% freqüentem clubes e associações e 32% vão ao cinema, o que se explica considerando-se que um grupo foi recrutado junto a um clube de bairro e outro constituído por jovens, público-alvo do cinema. Entre aqueles que lêem jornal e/ou revistas, **O Diário do Grande ABC** é o jornal preferido, jornal da região onde foi realizada a pesquisa, e as revistas são **Veja**, **Exame**, **Isto é** e **Caras**. A maioria (71%)

nunca acessou a Internet. A maior freqüência de audiência de televisão é entre 1 e 2 horas diárias (32%), com menor freqüência entre 3 e 5 horas (29%), enquanto outros assistem à televisão menos de 1 hora por dia (19%).

Os principais assuntos de interesse nos jornais são esportes, diversão, cidade, atos e ações do governo. Os gêneros televisivos preferidos são telejornais, novelas, filmes e desenhos, tratando dos assuntos, em ordem de menções: esportes, política e ações do governo, educação e saúde. No rádio, a maior audiência entre os entrevistados é música brasileira e noticiário. Essa distribuição nos mostra um perfil bem próximo da população em geral que tem por hábito assistir ao telejornal e à novela e usa o jornal como fonte de acesso aos acontecimentos locais e a revista para maior aprofundamento, quando há o acesso financeiro.

Os discursos desses grupos foram categorizados para o levantamento de indicadores a partir dos quais elaboramos um questionário (ANEXO II) utilizado para verificar quantitativamente a recepção de uma programação polêmica, porém com representativos índices de audiência. Essa verificação quantitativa nos permitiu generalizar os resultados dentro dos limites de probabilidade especificados no capítulo em que descrevemos a metodologia do trabalho de campo.[72]

Aplicada a pesquisa quantitativa, realizamos cinco entrevistas focalizadas para verificação da adequação das inferências resultantes da primeira abordagem. Essas entrevistas seguiram o mesmo roteiro dos grupos focais, com aprofundamento dos aspectos relacionados aos programas em questão (**Cidade Alerta**, **Brasil Urgente** e **Programa do Ratinho**). (ANEXO III)

---

[72] Capítulo III - **Pesquisa de recepção** - a construção de significados, p. 113.

4.5 Atribuindo sentidos

O questionário resultante da realização dos Grupos Focais foi aplicado junto a uma amostra de 418 pessoas nas cidades Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul, localizadas na região do ABC Paulista. A aplicação ocorreu em locais de movimento, como pontos de ônibus, feiras livres, nas regiões centrais e bairros a fim de obtermos a maior diversidade possível de perfil, uma vez que, por questões operacionais, optamos por uma amostra não-probabilística por cotas.

Lembrando Lopes, Borelli e Resende,[73] que utilizam a abordagem multimetodológica em seu estudo de recepção entendendo ser esta "antes de mais nada, uma perspectiva de investigação", no momento da análise, procuramos compreender os dados macros na sua estrutura micro. Para tal, os aspectos quantitativos, tais como mapeamento dos hábitos de consumo dos meios, distribuição da preferência e opiniões sobre a programação são analisados juntamente com as construções textuais e práticas discursivas dos receptores, coletadas nos grupos focais e nas entrevistas, e dos emissores, identificados nas transcrições dos programas.

Acreditamos que essa estratégia de abordagem e análise apresenta-se adequada na medida em que permite a verificação da dinâmica de atribuição de sentido, não só nos aspectos objetivos, mas também nos simbólicos, a partir das realizações lingüísticas e comunicativas, como apontado por Casetti e di Chio.[74]

4.5.1 A televisão no cotidiano: perfil de consumo televisivo

---

[73] LOPES, Maria Immacolata Vassallo de; BORELLI, Silvia Helena Simões e RESENDE, Vera Rocha. **Vivendo com a telenovela** – mediações, recepção, teleficcionalidade. São Paulo: Summus, 2002, pp. 39-61.

[74] CASETTI, Francesco e di CHIO, Federico. **Análisis de la televisión** – instrumentos, métodos y prácticas de investigación. Barcelona: Paidós, 1999, p. 248.

Como perfil resultante, a amostra ficou composta por 44,5% de homens e 55,5% mulheres, distribuídos por classe socioeconômica em A (49,6%), 38,1% da classe B e o restante 11,8%, representados pelas classes CD. Essas pessoas têm, em sua maioria, nível de escolaridade colegial ou superior incompleto (42%), apresentam pequena concentração na faixa etária de 18 a 27 anos (30,2%), seguida por 21,5% com 28 a 37 anos. Nessa amostra, as classes A e B aparecem com mais destaque em virtude dos locais de aplicação (feiras livres e pontos de comércio em bairros de classe média) e o uso do Critério Brasil que tem como parâmetro apenas a posse de bens materiais, que sabemos foi ampliada com o Plano Real. Tal distribuição consideramos representativa para fins deste estudo por tratar-se de um perfil proporcional à distribuição da população da região, conforme dados do INPES – IMES.[75]

A descrição dos hábitos de consumo dos meios de comunicação dos entrevistados nos revela uma freqüência regular de leitura de jornais e revistas, com 20,6% lendo jornal todos os dias e 27,3% pelo menos uma vez por semana, enquanto revistas são lidas toda semana por 37,7% e pelo menos uma vez por mês por 21,2%. O instrumento utilizado não levou em consideração a origem desses jornais e revistas, se comprados pela própria pessoa, ou emprestados. Este aspecto, entretanto, era ocasionalmente revelado durante a aplicação em comentários como “leio no serviço”, “empresto de conhecidos”, “leio na manicura”. A maioria (68,8%) ouve rádio todos os dias (tabelas 6, 7 e 8). Essas informações são condizentes com o perfil escolar e socioeconômico dos entrevistados, reforçando o conhecimento de que a população, regra geral, não tem o hábito de leitura freqüente, por questões culturais e financeiras.

---

[75] Instituto de Pesquisa do Centro Universitário de São Caetano do Sul, disponível em >>

Ao analisarmos essas informações em referência às informações coletadas em entrevistas abertas, verificamos que os veículos mais lidos são jornais regionais e **Agora** e, entre as revistas, temos a **Veja** e **Caras**.

Tabela 6 - Hábito de leitura de jornal

Freqüência de leitura	Porcentagem
1 vez semana	27,30%
Todos os dias	20,60%
Mais de 1 x semana	18,40%
Nunca	17,00%
Menos de 1 x semana	16,70%

Tabela 7 - Hábito de leitura de revista

Freqüência de leitura	Porcentagem
Toda semana	37,70%
Menos de 1 x por mês	21,20%
Menos de 1 x por semana	20,00%
Nunca	13,90%
Todos os dias	7,20%

Tabela 8 - Hábito de audiência de rádio

Freqüência com que ouve rádio	Porcentagem
Sim - todos os dias	63,80%
Sim - de vez em quando	30,90%
Não	5,30%

A fala do receptor em relação aos seus hábitos de consumo televisivo demonstra mais uma preocupação em saber o que está acontecendo para efeito de interação social, do que ter elementos para reflexão sobre os acontecimentos. O critério de seleção dos veículos é o tempo necessário para a leitura, significando

http://www.imes.edu.br/comu/serv/inpes/socio09.htm . Tabelas ANEXO VII.

quanto menos tempo, melhor. O conteúdo geral não é percebido como meio de transmissão de assuntos relevantes para o cotidiano.[76]

> *O **Agora** é bom. Tem caderno Nacional, Internacional, Esportes, Lazer, essas coisas de um jornal. ... É aquele jornal que dá para ler rápido. ... É melhor você ler rápido do que não ler. ... Porque se você fica muito tempo sem ler nada sobre atualidades, você perde o ritmo de tudo.(2)*
>
> *Quando, depois de um dia inteiro de trabalho, a pessoa vai querer ver uma coisa ... , ela quer ficar atualizada por alguma notícia, alguma coisa. Quando eu entro no carro, a primeira coisa que eu faço é ligar o rádio, antes de ligar o carro.(2)*
>
> *Você tem que ter assunto para conversar com as pessoas.(1)*
>
> *É bom estar atualizado, tanto nas notícias, quanto nos esportes, em tudo. Quando você está com os colegas, com os amigos você tem que ter algum assunto, né, sobre o ambiente. E a televisão ajuda muito...(2)*
>
> *Ela fica desinformada de tudo. (...) quando os outros conversarem sobre o que já estão sabendo, a coitadinha não 'tá' sabendo de nada. Aí ela vai ... porque numa conversa você vai perceber fala "pô, sempre que eu conto as coisas, aquela ali nunca sabe de nada!" Porque ela não 'tá' sabendo.(1)*
>
> *(comenta com alguém o que lê) com a minha mulher e com meu filho. Tudo que eu vejo que eles não têm tempo de ler, aí eu passo 'pra' eles. (3)*

Em observações sobre a mídia e violência, Rondelli chama a atenção para a dissociação entre crimes econômicos ou de corrupção e a criminalidade mais geral, difundida na sociedade.[77] Segundo a autora, "os chamados crimes contra a pessoa são mais visíveis, detectáveis e passíveis de serem transformados em imagens dos noticiários". Nossas descobertas mostram que os temas 'política' e 'economia',

---

[76] **Legenda das transcrições**: (1) Mulheres, classe BC – 24-60 anos; (2) Homens, classe BC – 34-60 anos; (3) Homens, classe D – 40-70 anos; (4) Mulheres, classe D – 40-50 anos; (5) Jovens – H-M, classe AB – 18-24 anos. Nas transcrições, sublinhamos frases que consideramos representar a análise feita.

mesmo citados entre os preferidos, são assuntos acompanhados quase por 'obrigação', percebendo-se uma certa desconfiança em relação à atuação governamental. As pessoas lêem para ficarem informadas, e essa 'informação' não é suficiente para provocar uma reflexão sobre os motivos da criminalidade comum, que podem, muitas vezes estar relacionados à desvios de verbas, por exemplo.

> *É sobre economia, sobre política. Como que está o governo, o que o governo está planejando. Só fala também, não faz nada. Por enquanto 'tá' somente planejando, espero que ele termine logo de planejar.(2)*
>
> *Eu leio também as notícias importantes que tem. Sobre INSS, sobre o país. Como estão os presidentes. Isso aí precisa olhar. (3)*
>
> *Com política eu não tenho muita intimidade. Essas informações você pega por aquilo que você ouve.(2)*
>
> *Eu não gosto de notícia de política, desses 'deputado ladrão', eu não gosto. São muito desonestos.(a gente precisa ficar informado) mas eu fico revoltado.A gente coloca esses homens lá e eles vão lá roubar a gente! Se vendem, são falsos! Agora 'tá' uma turma aí ... Onde se viu, um deputado ganhar dois ordenados 'pra' ir trabalhar um pouquinho a mais lá? E nosso ordenado da aposentadoria?(3)*
>
> *O Brasil para melhorar sua política hoje precisaria de uns cinqüenta anos. O Brasil, no âmbito político, é um país perdido. É muito difícil você ver uma notícia de política e ver uma coisa boa.(os políticos não fazem nada) para nós.Agora estão com essa campanha do Fome Zero. Há cem anos atrás já tinha esses programas. Se em cem anos não fizeram nada é porque a política é muito podre. O país tem cerca de 170 milhões de habitantes, a política aqui é para 30 ou 40 milhões. Os deputados, senadores, etc. ganham cada vez mais salários mínimos e eu estou com três.(2)*
>
> *Eu assisto também de vez em quando 'pra' ver as medidas políticas, o canal trinta. TV Senado, eu assisto 'pra' ver as mentiras.(3)*

---

[77] RONDELLI, Elisabeth. Dez observações sobre mídia e violência. *Comunicação & Educação*, no. 7, São Paulo: Moderna/USP, set./out., 1996, pp. 34-37.

Dificilmente basta um veículo, havendo uma "justaposição de audiência".[78] Quem tem o hábito de consumo de um veículo, consome outros regularmente, na busca de detalhes, de complementação da informação. Essa prática não reflete um desejo de aprofundamento, mas sim diversidade – ler **Veja** e **Caras**, por exemplo. O mais importante é a quantidade e não a qualidade. Veículos que aprofundem os comentários são considerados "cansativos".

> *Talvez também porque o **Agora** tem uma linguagem mais popular, não é maçante como o **Estadão**. No **OESP** informam muito bem, mas são cansativos. O **Agora** é mais dinâmico. ... Mais sintetizado, mais linguagem do povo. Mas se você quiser se aprofundar mais no assunto, é mais **Estadão**, **Jornal da Tarde**, **Folha de São Paulo**.(2)*
>
> ***Diário do Grande ABC** eu também leio! Eu leio a parte de cidade. No **Diário**, a parte criminal também, esporte. Leio muito jornal, muita revista..(2)*
>
> *De vez em quando eu pego aquele jornal lá que é, **Agora**. Eu gosto dele também, certo?! Revistas, eu gosto de ler a **Veja**. Só pra complementar, aquela **Caras**, né?! (3)*
>
> *Tem outros veículos de informações, né, revista, livros, jornais, essas coisas. Eu acho que por esses outros veículos aí também. Fica informado, porque as revistas são semanais. Toda semana sai tudo o que aconteceu.(2)*
>
> *Política eu sei pelo rádio. Quando estou indo para casa, o rádio está sempre ligado.(2)*

Em se tratando de televisão, apenas 12,5% assistem à TV menos de uma hora por dia, sendo que 45,8% assistem entre 1 e 3 horas por dia e 19,7% entre 3 e 4 horas e o restante, 22%, têm um consumo diário de televisão acima de 4 horas, o que

[78] WRIGHT, Charles. *Sociologia da audiência*. IN **Comunicação da Massa**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973, p. 67.

consideramos um alto índice tendo em vista a concentração etária dos entrevistados, entre 18 e 37 anos.[79] (tabela 9).

Tabela 9 - Quantas horas de TV assiste por dia	
Freqüência com que assiste TV	**Porcentagem**
Menos de 1 hora	12,50%
1 a 2 horas	21,60%
2 a 3 horas	24,20%
3 a 4 horas	19,70%
4 a 5 horas	11,00%
Mais de 5 horas	11,00%

Ainda que nem todas as pessoas tenham a televisão como elemento regulador de suas atividades diárias, mais da metade delas (52,8%) dizem que só assistem ao que interessa na televisão, e aí têm uma audiência regular. Outras têm uma rotina de audiência de televisão bem definida, com programas específicos pela manhã, tarde e noite. Entre os 38,5% que dizem ter uma regularidade de programação televisiva, 64,4% têm uma rotina a partir das 19h, quando assistem principalmente aos telejornais em geral (17,4%), ao **Jornal Nacional** (15,7%) e à novela da Globo (13,9%). À tarde, os programas preferidos são esporte em geral e **Malhação**. Pela manhã o programa **Mais Você** (Ana Maria Braga) se destaca em audiência regular (33,3%) (tabelas 10, 11 e 12).

Nessa rotina geralmente está incluído um ou outro programa com as características objeto deste estudo, **Cidade Alerta**, **Brasil Urgente** ou **Hora da Verdade**. O **Programa do Ratinho** não faz parte dessa rotina, mas, embora

[79] A proximidade desses resultados com os obtidos no perfil dos Grupos Focais confirma a validade da seleção dos mesmos para representação do universo.

considerado um dos piores programas da atualidade, tem seus quadros mencionados por todos, é conhecido por todos, ainda que seja pelas chamadas de divulgação.

> *(A gente fica sabendo dos assuntos) porque às vezes você está assistindo um desenho lá, está la a propaganda do Ratinho, aí a gente acaba vendo aquelas bobeiras que passam. Não que eu assista, mas eu sei o que passa. A gente bate o olho, a gente vê. (1)*
>
> *De vez em quando você passa pelo canal, passa o* ***Datena*** *lá, aí você vê também.(2)*

Tabela 10 - Rotina manhã

Programa assistido	Porcentagem
Ana Maria Braga	33,33%
Bom dia Brasil	9,26%
outros	57,41%

Tabela 11 - Rotina Tarde

Programa assistido	Porcentagem
Malhação	23,81%
Esporte	11,90%

Tabela 12 - Rotina Noite

Programa assistido	Porcentagem
Jornais/Telejornais	17,41%
Jornal Nacional	15,92%
Mulheres Apaixonadas	13,93%
Outros	52,74%

A formação discursiva dominante no relato desses hábitos é a da "informação", ainda que de forma rápida e superficial. O mesmo que ocorre em relação à leitura de jornais e revistas e audição do rádio. Percebemos que a televisão é parte integrante do cotidiano das pessoas, cuja audiência facilita a convivência em sociedade. Na justaposição de meios, a televisão é o veículo preferido. Preocupadas em 'ficar a par do que está acontecendo', as pessoas distribuem seu tempo entre os vários veículos, e

externam isso em um discurso que deixa claro a urgência, o imediatismo, tão caros ao cidadão urbano. O que importa é "ficar sabendo", sem interesse por detalhes ou explicações, daí o valor dado à televisão, ou a preferência por jornais que permitam uma leitura "rápida". A televisão tem ainda a vantagem de permitir que tomem conhecimento dos acontecimentos, sem que seja preciso dedicar-lhes uma atenção especial.

> *Agora jornal, revista, internet também, requer o que? Requer atenção extrema a isso. Por exemplo, você não vai conseguir ler uma revista batendo papo, não dá. Você ouve um jornal batendo papo. Entendeu? Ela (a televisão) é uma coisa mais rápida. De repente não tão ampla, porque você pega uma revista que tem uma reportagem, detalhada e tal, fala muito mais sobre isso, mas ela (a televisão) é muito mais rápida, muito mais fácil! Entendeu?(2)*

> *Porque eu não leio jornal. Jornal é difícil, então eu só vou ter estas notícias pelo rádio ou pela televisão. Então, alguma coisa que me interessa eu procuro.(3)*

> *Você vê uma amplitude maior na televisão, né!? Você tem um acompanhamento. Não quer dizer, na minha opinião, que seja mais minuciosa, mas é uma coisa tão fácil.(1)*

> *A parte de jornalismo, acaba virando assunto, né!? Porque você fala: "nossa, você viu o que apareceu no repórter? Aquela cidade que encheu de espuma!" Acaba sendo um assunto mesmo, que apareceu. É diferente de você ver uma foto no jornal.(2)*

> *Eu estudo de manhã e trabalho à tarde, aí à noite, o tempinho que sobra, eu assisto ao **Jornal Nacional**. Novela das oito eu só assisto quando está assim no fim, quando está aquele fervor nas ruas, que está nas bancas de revistas, a gente vê os comentários, comentários no trabalho, aí eu vejo.(1)*

> *Agora às vezes eu assisto algum seriado de TV. Nos finais de semana quando dá tempo, assisto a **Plantão Médico** também, alguma coisa assim. (...) Eu entro em casa e faço bem esse esqueminha: eu sento e assisto à novela das sete, assisto (a)o jornal assisto a outra novela, vou tomar banho e durmo.(5)*

> *Começa e eu ligo na novela das seis e só desligo depois do **Programa do Jô**. ... (eu não fico só na Globo) eu mudo. (2)*

A televisão é vista como a principal forma de distração, na maioria das vezes por falta de opções, por dificuldade de acesso financeiro ou físico. Além de assistir à TV, os entrevistados saem de casa, para compras, passeios, visitam amigos (32,3%), lêem (21%) e ouvem rádio (18,7%), o que resulta em uma vida com forte presença dos meios de comunicação de massa (tabela 13).

Tabela 13 - Atividades praticadas para passar o tempo

Atividades	Porcentagem
Sai de casa	32,30%
Lê	20,90%
Ouve rádio	18,70%
Dorme	9,00%
Trabalha - inclusive no computador	7,00%
Trabalhos Manuais - crochê, horta, artes	5,30%
Esportes-pescaria	5,30%
Atividades com netos, passeio, bate-papo	4,90%
Fica na internet - incluindo ICQ	3,40%
Música - ouvir, praticar	1,70%
Estudar	1,50%
Trabalho voluntário	0,20%
Outros	1,20%

Os hábitos de consumo de televisão descritos tornam-se relevantes ao considerarmos a opinião das pessoas sobre o papel da televisão em suas vidas. A programação de TV como um todo é considerada falha, porém é a única opção de lazer da população, esta falta de opção, em parte, justifica a audiência do que existe. Essa é a opinião das pessoas e o argumento para a audiência de uma programação considerada deficiente em proporcionar conhecimento e diversão. Para 63,8% dos entrevistados, a televisão representa um meio de informação, embora também

considerem que seja distração (50%). É considerada fonte de diversão por 20,5% e um hábito por 19,6% (tabela 14).

Tabela 14 - A televisão para você ...

	Total	*Homens*	*Mulheres*
Informa	63,77%	68,1%	60,3%
Distrai	50,00%	42,9%	55,6%
Diverte	20,53%	22,5%	19,0%
É um hábito	19,57%	16,5%	22,0%
Ensina coisas boas	7,25%	10,4%	4,7%
É assunto para conversar	6,76%	3,8%	9,1%

Assistem à televisão porque ela está lá, de fácil acesso, bem ou mal, informando sobre o que acontece na cidade e no mundo. O aspecto gênero do telespectador não representa grande influência na recepção. A tabela 14 nos mostra que, para homens e mulheres, a televisão é um meio de informação e distração, sendo que os homens consideram que ela 'ensina coisas boas' com mais freqüência que as mulheres, que, por sua vez, têm na televisão um hábito.

> *É rápida, é só você ligar lá, e ela já te dá uma ampla visão da coisa Você vê, você está ligado. Você liga, tem um programa que você que você quis, sei lá, uma reportagem no Taiti, outra lá no México.(4)*

> *Eu começo assistir na hora do **SPTV**. Eu almoço assistindo, eu assisto (ao) **SPTV**, depois **Globo Esporte**, o **Jornal Hoje**. Aí eu desligo ... passo a tarde estudando, depois eu canso de estudar e vou para a (rádio) **Imprensa**, porque fico com muita coisa na cabeça, um monte de números. Aí eu ouço um pouquinho de forró. Depois eu assisto (a)o **Marcelo Rezende**, que é o **Repórter Cidadão**, depois eu mudo para aquele da **Record**. **Simone Nicoli**, também que eu gosto de assistir. De lazer que eu assisto é da **Band**, o da **Márcia**. Aí eu fico variando na televisão. Depois eu vou para o **Cidade Alerta**. Quando termina eu desligo porque não quero saber de nada ... quando termina o **Cidade Alerta** eu fico sem ouvir nada. Sem ouvir som, sem ouvir televisão. Ai eu volto a assistir (a)o **SPTV 2ª edição**. ... É difícil assistir (à) novelas,*

*eu assisto (à) filmes, mas é assim, o **Cine Record**, depois lá pelas nove horas da noite, às vezes eu assisto à **Sessão de Sábado**, e às vezes eu assisto (a)o **Caldeirão do Huck** também.(4)*

A televisão é uma coisa muito mais fácil do que qualquer outra mídia, porque você liga ali. Você está lavando a louça, você está fazendo uma outra coisa, você está escutando, vendo. Entendeu?(1)

*Novela, quando estou em casa. Atualmente a que eu mais assisto é aquela **Sabor da Paixão**, das seis. É que é o horário que eu ainda estou em casa. Mas é assim: a televisão ligada e eu cuidando dos meus afazeres. Eu faço um curso à noite, então... **A Casa das Sete Mulheres** eu também gosto de assistir, porque eu já estou de volta em casa na hora, é sempre assim.(4)*

Educação é uma das funções menos consideradas relevantes à televisão, sendo que por educação entendem programas que "ensinem a fazer alguma coisa" (67,3%), uma visão instrumental que não inclui a formação cidadã do telespectador. Entretanto, existe uma grande expectativa em relação ao papel da televisão como educadora junto às mães. As donas-de-casa se ressentem da falta de programas que conversem com elas, que lhes dêem dicas sobre como cuidar da família.

*Às vezes eu assisto o **Pra Você**, de quinta-feira, porque vai o ginecologista, o doutor José Bento. Eu gosto dessas palestras. Ele presta muito esclarecimento sobre a saúde da mulher. Passa a fisioterapeuta, a pediatra. (...) É, eu gosto muito de assistir essas coisas assim nesses programas. A **Ana Maria** também leva essas pessoas. (...) Leva jornalista, leva tudo.(4)*

*Depende do assunto, se for algo muito grave a gente comenta, fala o que acha errado. Eu e meus filhos assistimos à **Malhação**. Então é assim, se tem assunto de aborto, por exemplo, a menina vai na clínica fazer o aborto e lá ela se arrepende, é nessa hora que eu comento que o que a menina iria fazer estava errado. Como as histórias são curtas dá para passar algo para as crianças. Eu acho bom.(1)*

Ao invés daquela Aparecida Liberato, Ana Maria Braga e aquele papagaio ficar falando besteira, fofoca, por que não ensinam o aposentado a ter uma vida mais sadia? (3)

*Eu não estou participando do **Show do Milhão**, estou em casa assistindo, mas eu estou adquirindo cultura. Ele dá entretenimento com cultura.(4)*

Instrui a gente, né!? Instrui. Ajuda, alerta (sobre) muita coisa. A televisão ... ajuda sim. Ajuda a instruir, por exemplo, surge alguma coisa, que às vezes a gente está assistindo junto com o neto, aí já fala para ele "está vendo!?" (3)

A minha filha mais nova e meu neto não chegam até o portão. E eles perguntam por que eles não podem e eu sou obrigada a entrar em um assunto com eles, o que é completamente estranho. Então quando se comenta sobre isso e entra no assunto do Beira Mar, entra-se no assunto das drogas, "nunca pegar bala de ninguém" e é difícil porque eles têm cinco e sete anos. (1)

A opinião geral é que é difícil educar filhos hoje em dia, existe um saudosismo de como as coisas eram diferentes e boas antigamente. Nesse caso, devemos considerar a mudança de parâmetros, do que as pessoas lembram do passado e do que elas vivem hoje.

Para mim é muito complicado lidar com isso. Eu trabalhei 30 anos no Fórum, na área criminal. Então eu vejo o que cresceu da época que eu trabalhava com o crime para hoje. Quando aparecia um crime de morte ou estupro era tão bárbaro que se trazia em segredo de justiça. Agora eles chegam falando na televisão, entrevistam até o defunto. Existiam muitas coisas pelas quais tinham respeito, e de repente eu me vejo em um mundo completamente diferente do que eu fui criada. A gente sabe quanto se perdeu o freio. Por mais que você queira acreditar não dá.(1)

Apesar da importância dada à informação, a maioria das pessoas (56,1%) só se sente informada "de vez em quando" ao assistir à TV. Um estado de nervosismo quando assistindo à televisão é considerado acontecer "de vez em quando" para 48,7%, enquanto 43,9% dizem "nunca" terem esse sentimento em relação aos

conteúdos da televisão. Vemos este sentimento como reflexo do que comentamos anteriormente em relação ao "vazio do pensamento" proposto por Kehl e reforçado por Kaplun[80]. O consumo televisual seria produto da aquisição de um hábito, condicionado social e circunstancialmente, gerando uma relação momentânea e superficial entre a TV e seus telespectadores. As formações imaginárias de uma sociedade complexa, dos habitantes de uma cidade metropolitana (no caso o Grande ABC paulista), com todos os problemas decorrentes disso, provocam esta distribuição quase igualitária de opiniões, metade reagindo às cenas chocantes, incomuns e metade praticamente indiferente.

Quando definimos Cultura, utilizamos os conceitos 'processo social', 'modos de vida' e 'teia de significados' estruturados por relações de poder, acesso a recursos e oportunidades e mecanismos de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas.[81] O discurso dos receptores nos mostra um cotidiano caracterizado por um contexto cultural em que a presença da televisão é interpretada como parte constituinte natural. A televisão 'faz parte' da rotina sem, contudo, 'ser a rotina'. Percebe-se que a relação com esse meio é dialógica, as pessoas ligam e desligam a TV, ou a deixam ligada o tempo todo, conforme suas necessidades de entretenimento e informação.

O fato de ser a TV a principal opção de lazer não significa que seja a única. Dentre as atividades "para passar o tempo" mencionadas, aquelas que promovem a interação social são as de maior destaque: sair de casa, praticar esportes, fazer atividades com netos, passeio e bate-papo. Ainda que nessas ocasiões manifestem-se subprodutos do consumo televisivo, seja nas temáticas das conversas, ou nos padrões de consumo de bens, o que observamos é que a maneira como isso ocorre não se

---

[80] KAPLUN apud SILBERMAN, , 1998, pp. 157,160 citado no Capítulo II.

constitui em momento algum uma via de mão única. Retomando Martín-Barbero, verificamos nesse processo que a recepção extrapola o momento da audiência, fazendo parte do estabelecimento do indivíduo como ser social.

> *Eu assisto para passar o tempo. Eu chego em casa e começo a assistir às novelas. Pelo horário seria a novela das sete, aí nisso eu já emendo com o* ***Jornal Nacional.*** *Eu assisto (a)o* ***Jornal Nacional*** *e depois assisto à novela. Acabou a novela, eu vou dormir.(5)*
>
> *Eu prefiro mais ler uma revista, ler um jornal. Eu acho uma fonte mais confiável do que a televisão, então eu uso a televisão mesmo para passar o tempo, quando não tenho nada o que fazer, como diversão.(5)*
>
> *(Lazer) Bom passear não tem muito aonde ir também, né!? Não tem, mas TV a gente sempre acaba caindo. Porque TV é igual a banca de jornal, você chega lá, você acaba olhando, tem que assistir, não tem jeito. (...) Na maioria das vezes assistimos (a) televisão juntos (com os filhos).(1)*
>
> *Completa um pouco do seu dia a dia. Quando você chega do serviço você quer ouvir ou ver qualquer coisa que aconteceu, quem falou. Quando chego, eu quero ligar a televisão 'pra' ver, eu quero ver. Então isso faz parte também. (1)*
>
> *Eu uso a televisão para ver esporte, música, gosto de ver bastante* ***Clipper da MTV****. Assisto a algum programa informativo, sobre curiosidades, como o* ***Discovery****. Às vezes também, não é sempre, geralmente quando os meus pais estão assistindo, eu paro e assisto junto, mas também não sou muito de ficar assistindo não. Eu uso a TV mais como meio de entretenimento. Não para informação. Para informação eu leio o jornal.(5)*
>
> *Programa que eu assisto muito é aquelas pegadinhas que tem no 11 de sábado à noite. ... Eu me esborracho de rir.. O* ***João Kleber*** *ou então é a* ***Luciana Gimenez****. É diversa, têm diversos casos. ... Então são essas coisas, tá cheio de pegadinha assim que acaba passando o tempo e você rindo sozinho. (2)*

---

[81] GEERTZ e THOMPSON citado no Capítulo I – **1.1 A Cultura na construção dos significados**.

4.5.2 Identificação dos programas e preferências pela programação

De um modo geral, espontaneamente, os programas são identificados pelos seus apresentadores e pelo gênero. Os nomes dos programas somente são mencionados com maior freqüência na abordagem mais aproximativa, ou seja, nas entrevistas. Também são identificados pelo horário de exibição. Falam que pela 'manhã' e à 'tarde' são apresentados programas com mulheres, que ensinam receitas e dão conselhos dos médicos. Aos 'domingos' não há uma programação, só os programas musicais. Um aspecto relevante no discurso de classificação é o reconhecimento da programação a partir das atividades cotidianas. Aos domingos, os programas musicais proporcionam lazer, o mesmo acontecendo com alguns programas exibidos à tarde, entre 14h e 17h, que para algumas pessoas, é um momento de relaxamento. Nesta leitura está em jogo a competência de leitura dos telespectadores em relação aos gêneros, desenvolvida ao longo do tempo, desde a época do rádio e reforçada com a televisão, que se organiza a partir de e organiza o cotidiano das pessoas.

> *De domingo, eu gosto do **Jovens Tardes**. ... Eu gosto do **Disco de Ouro** que tem no SBT. Que tem cantor. Eu gosto de assistir coisa que tem cantor, porque anima. Porque de Domingo programação mesmo... Às vezes eu assisto (ao) jogo.(4)*

> *Dia de Domingo mesmo à tarde, não está passando assim nas outras emissoras, eu gosto de assistir o **Campeonato Espanhol** na Band. Eu gosto de assistir, passa a **Super Liga** do meio-dia, quando tem a **Super Liga** de vôlei masculino, feminino, basquete. Eu gosto de tudo. (4)*

> *A tardezinha, que passa programa assim mais policial, mais de bandido, dessas coisas.(4)*

> *De lazer que eu assisto é da **Band**, o da **Márcia**. Aí eu fico variando na televisão.(4)*

*Tem um programa, eu gosto muito, só que eu não assisto porque o meu pai não gosta que a gente fica com a televisão ligada até tarde, é o **Jô**, eu gosto do **Jô**.(1)*

*Depois do **Datena** também tem um jornal, que é o **Bandeirantes**, eu também assisto ... e depois vem o, eu ponho na **Globo** 'pra' assistir (a)o jornal. (2)*

*De domingo, eu assisto ao **Padre Marcelo**, a missa. Bonito! Depois, ligo na Aparecida do Norte, canal dois, direto, oito horas. Aí continuação vem , **Enesita Barroso**, música caipira, depois disso vem a **corrida**. É um lazer 'pra' mim. Eu gosto do ... do gordo lá. Como é que chama? **Faustão**! E o Gugu também faz aquela, ajuda, **Gugu na Minha Casa**, né!? Eu gosto.(3)*

Telejornais, filmes, telenovelas e esportes são os gêneros de programas preferidos dos entrevistados, sendo que telejornais são os mais assistidos (74,6%). Os telejornais são considerados diferentes uns dos outros, pois mostram os assuntos sob diferentes pontos de vista. O papel representado pela televisão como principal meio de informação transparece também na classificação dos programas considerados os melhores: **Jornal Nacional** (27,3%), **Jô Soares** (10,3%), **Globo Repórter** (9,6%) e **Fantástico** (9,3%). Nesse resultado fica clara a intertextualidade na leitura da programação reforçada na mistura de gêneros: **Jornal Nacional** e **Globo Repórter** fornecem a informação pura, enquanto **Jô Soares** e **Fantástico** propiciam um misto de informação e entretenimento, ajudando a 'fechar' o dia e iniciar a semana[82]. (tabela 15)

Tabela 15 - Melhores programas

Programa	Porcentagem
Jornal Nacional	27,3%
Jô Soares	10,3%
Globo Repórter	9,6%
Fantástico	9,3%

[82] **Jô Soares** vai ao ar, de segunda a sexta, no final da noite, e **Fantástico** domingo à noite.

Globo Esporte	5,0%
Jornal da Globo	4,8%
Os Normais	4,3%
Casseta e Planeta	3,8%
Novelas	3,8%
Jornais/Telejornais	3,3%
Mulheres Apaixonadas	3,3%
Domingo Legal	2,2%

Na classificação da programação por gênero, a distribuição de audiência, 38,6% para telenovelas e 34,5% para esportes, explica-se pela distribuição de homens e mulheres da amostra. Especificamente, as mulheres preferem novelas (58,44%) e os homens preferem esportes (62,3%). Outros gêneros em que há diferenciação de preferência são programas de fofocas, preferidos pelas mulheres (20,35%) e humorísticos, preferidos pelos homens (20,22%). (tabela 16)

Essa diferença de preferência reflete uma questão cultural do papel da mulher na sociedade. Ainda que os costumes tenham se modificado, com a inserção da mulher no mercado de trabalho, com algumas mudanças de valores, notamos, nesses resultados, que, no cotidiano do lar, os comportamentos estereotipados persistem: mulheres gostam de fofocas e homens, esportes e sexo (representado aqui pelos programas humorísticos brasileiros, com forte conteúdo de apelação sexual, exploração do corpo feminino e situações sexistas). Na fala dos entrevistados, fica claro também o papel da mulher como 'companheira', que faz companhia no futebol, mesmo não gostando, embora o marido durma quando não gosta do programa.

> *E às vezes eu assisto, assim, jogo. É que meu marido gosta, mas pra ele não ficar assistindo só ... Por que somos só nós dois! (4)*

*O (marido) assiste ao **Cidade Alerta**, não tem jeito. Eu não suporto aquilo. E quando eu 'tô' lá vendo, eu 'tô' assistindo aos **Flintstones**, ele chega, e eu estou assistido aos **Flintstones**, desenho animado. Ele fala, tira desses **Flintstones**.(1)*

*(**Show do Milhão**) 'Iche', aquele ali como eu gosto! Meu marido não gosta, mas logo ele também dorme.(4)*

Eu, programa que eu assisto muito é aquelas pegadinhas que tem no nove de sábado à noite. Eu me esborracho de rir. 'Tá' cheio de pegadinha ... que acaba passando o tempo e você rindo sozinho. (2)

*Igual televisão também, eu vejo muito amigo meu dizendo "nós temos visto uma pegadinhas". Eu assisto também quando eu 'tô' com vontade, a **Praça é Nossa**, né, que passa de sábado, aí eu fico. Tem **Zorra Total** também que é no cinco, eu fico.(2)*

Quando passa uma mulherada lá, 'da hora'. Tem hora assim que passa umas mulheres lá que 'tá' louco! Nada a ver com os velhos, mas passa, 'é' uns quadros divertidos, umas pegadinhas.(2)

Tabela 16 - Gêneros de programas preferidos

Gêneros preferidos	Total	Homens	Mulheres
Telejornais	74,64%	79,78%	70,56%
Filmes	44,44%	47,54%	41,99%
Novelas	38,65%	13,66%	**58,44%**
Esportes	34,54%	**62,30%**	12,55%
Programa de auditório	14,73%	10,93%	17,75%
Humorísticos	14,49%	**20,22%**	9,96%
Desenhos	12,56%	11,48%	13,42%
Fofocas	12,08%	1,64%	**20,35%**
Nenhum	0,24%	0,00%	0,43%
Outros	11,35%	7,65%	14,29%

O telespectador prefere o formato jornalístico mais próximo do épico, com preponderância da ação sobre a emoção. Nesse sentido, 46,9% dos entrevistados preferem os programas jornalísticos que dão as "principais notícias do dia", o que

associamos à característica de exposição rápida às informações, sem exigência de comentários ou análises que permitam uma visão mais detalhada das situações. A opção por formatos com participação ativa do âncora é exceção à regra, representando 19,3% da amostra que assinalam "noticiários comentados" como seus preferidos.

Programas que "ajudam a população a resolver problemas", **SPTV** aqui mencionado como exemplo, são preferidos por 17,8% da amostra. O acompanhamento dos acontecimentos diários, ao vivo, ou mesmo gravados, com ênfase no inusitado, como acontece em **Cidade Alerta** e **Brasil Urgente**, é considerado informativo por 15,9% dos entrevistados. (tabela 17)

Tabela 17 - Preferência por programa jornalístico conforme a abordagem

Abordagem	Porcentagem
Apenas dão as principais notícias do dia	46,90%
Comentam o que está acontecendo ao vivo	19,30%
Ajudam a população a resolver os problemas	17,80%
Acompanham os acontecimentos ao vivo	15,90%

Essa preferência concretiza-se na audiência da **Rede Globo**, reconhecida como tendo o jornalismo mais informativo e mais diversificado, na perspectiva dos telespectadores. Os noticiários das outras emissoras, **Bandeirantes**, **Record** e **SBT**, são citados a partir de uma necessidade de complementação de informações, a exemplo daquilo já comentado em relação à justaposição de fontes. Ao ser 'bombardeado' por informações, o telespectador sente-se instrumentalizado para o convívio social.

*Eu gosto (de assistir a vários jornais). Eu vou ver se eles combinam as notícias. Tem hora que tem um que não dá a notícia que o outro deu. Eu gosto dos dois, viu! O da **Globo** é marido e mulher que fazem. O da **Band** é um casal também.(3)*

*Só a **Globo**, só a **Globo**. Porque outro canal é só crime, assalto, estupro, matança. E eu já vejo isso daí o dia todo na rua, dirigindo, trabalhando, então, você chega em casa, chega de ver essas coisas. (...) Eu gosto da **Globo**. Eu gosto muito do jornalismo da **Globo**.(2)*

Canal 7, canal 9, canal 5, canal 4, cada um com o seu programa, com o seu jornal. Um comenta sobre enchente, outro comenta sobre seqüestros.(2)

Tem o jornal do Bóris Casoy que eu gosto, eu não gosto da figura do Boris Casoy, o âncora. O que ele passa para a gente não é nem a verdade, ele passa a certeza. Não gosto dele. O noticiário em si eu gosto.(1)

Cidade Alerta e **Brasil Urgente**, após a entrada de José Luís Datena como seu apresentador, são programas vistos, em alguns casos como fonte de informação sobre os acontecimentos da cidade, sendo considerados também programas que orientam a população para a "sobrevivência nas grandes cidades". São classificados como 'programas policiais', ficando a denominação 'telejornais' para o **Jornal Nacional**, **Jornal da Record, Jornal do SBT** e **Jornal da Band**.

*O que aparece nesses programas (**Datena**, **Cabrini**) já é uma coisa real, do dia a dia, sobre o que acontece em toda cidade grande que existe no Brasil.(3)*

*Eu vejo notícias à noite assim, sempre vejo, o **Datena**, que é no sete.[83] Tem programa que eu gosto de ver a imagem mesmo, eu vejo também o da **Band** também com aquele, o **Cabrini**, também eu vejo. ... É, isso mesmo, eles não mostram, ficam falando também, fazendo comentário. ... Eles falando a notícia. É bom que eles dão a notícia e eles não ficam comentando a notícia, eles dão a notícia e já vão passando pra outro, não fica comentando e esticando a conversa naquele assunto.(2)*

[83] Por ocasião desta entrevista, Datena ainda era apresentador do **Cidade Alerta**, na Record, canal 7.

No discurso dos programas, a formação dominante também é a "informativa". Ao proporcionar conhecimento sobre 'últimas ocorrências, acompanhando os acontecimentos 'ao vivo', o programa capacita o telespectador a (sobre)viver em uma cidade caótica, segundo as 'últimas informações'. Vimos nas falas dos telespectadores que a sobreposição de fatos por parte do apresentador, que em um mesmo bloco aborda várias ocorrências, em uma estratégia discursiva de prestação de serviço de informação,[84] é bem aceita. Anotamos desde já este aspecto como sendo uma forma de identificação entre emissor e receptor, relevante para a audiência de um conteúdo polêmico.

MN[85] - Eleonora Pascoal, vamos lá. O que está havendo agora?

Imagens aéreas, noturnas: a repórter relata que a polícia foi recebida a balas em uma favela na Zona Sul.

MN – Aí. Já, já a volta do Percival. ... Agente penitenciário é executado na Zona Norte de São Paulo. Ele trabalhava também no presídio Adriano Marrei, em Guarulhos. A polícia investiga se o crime tem alguma relação com a tentativa de resgate de presos ontem. Os detalhes chegam agora com a repórter Fernanda Santos, aqui no meu telão. Vai lá, Fernanda.

D[86] - Ladrões amarram uma falsa bomba no gerente da Caixa Econômica Federal, para assaltar agência. Reportagem do Sandro Barbosa, no olho da Band.

D – Olha, uma pessoa foi encontrada morta agora há pouco em um apartamento. Não sei em que ponto da cidade. ... É no bairro de Moema. Uma pessoa foi encontrada morta. Deixa eu ver, ô Figueiredo. Pois não, Figueiredo.

D – O rapaz foi encontrado morto agora há pouco? Tá bom. 'Me' dá o comandante Adilson, que acompanhou todo o resgate do rapaz, do Alexandre,

---

[84] Em negrito, a fala dos apresentadores, em redondo, a descrição do programa. Os sublinhados indicam o foco da análise feita. Observamos ainda que as falas não estão na íntegra, e a seqüência só foi mantida quando expressão do foco de análise.
[85] **Milton Neves – Cidade Alerta**, 7 de julho de 2003.
[86] **Datena – Brasil Urgente**, 7 de julho de 2003.

que foi baleado naquela tentativa de resgate. Qual foi a conversa hoje dos pilotos hoje lá, hein, comandante?

D – Você está chegando ao ponto do assalto, ou ainda não? Qual a informação que nós temos aí? Um assalto a ônibus. No bairro do Campo Belo. Que imagem bonita de São Paulo. Bairro do Campo Belo. Daqui há pouco o comandante Adilson dá mais informações.

Interpretamos as representações do que se vê na televisão a partir de um contexto no qual interagem interesses ideológicos que dirigem os sentidos para a facilitação da aceitação das situações. Retomando Rondelli, "a mídia torna-se uma caixa de ressonância da opinião pública",[87] sensibilizando as pessoas em relação à existência e freqüência da violência, ao que acrescentamos que não necessariamente no sentido da mobilização em prol de uma solução.

*Outros assuntos [sobre os quais] costumamos discutir muito é sobre essa violência, essas barbaridades que acontecem. Somos duas mulheres em casa. Como eu vejo o programa do **Datena**, comentamos sobre isso, temos medo. Claro que sem terrorismo, temos medo, mas procuramos tomar cuidado.(1)*

Seqüestros, morte, briga, eles falam muito essas coisas, e eu fico ligado nessas coisas. Gosto de ver não pelo fato de gostar, mas de ver o nosso Brasil até que ponto chegou, porque hoje está um vandalismo. O nosso país ... a gente não tem sossego na rua, não tem em casa. (2)

A prática discursiva sobre os aspectos negativos dessa programação enfatiza nossas colocações anteriores de que o telespectador, como já comentado, quer e prefere formatos rápidos, que possam ser consumidos sem muito envolvimento intelectual e emocional.

[87] RONDELLI. Dez observações sobre mídia e violência ... op. cit. p. 35.

*O meu padrasto tem hábito de assistir o **Ratinho**, e aquele outro lá, o **Datena**. Eu não gosto, não adianta, é o tipo de jornalismo que não me atrai em nada, eu não consigo assistir. Tem sensacionalismo. Prefiro o estilo da **Globo**. É um jornalismo legal. Eu não gosto do jornalismo do **Datena.** São coisas que ... é o cotidiano, mas é o cotidiano violento. Não dá uma informação financeira, não dá uma informação, uma coisa boa, entendeu? Só aquele negócio sensacionalista mesmo. É crime, é bem policial. (2)*

*Não quer dizer que nós aqui só gostamos de coisas que tragam cultura. Entendeu? Não é isso, a gente gosta de ver um besteirol de vez em quando, você está lá com o canal e você põe lá numa reportagem que não tem nada a ver, entendeu? Mas não é que a gente venha pra casa querendo ver o **Datena**, vem pra casa querendo ver um **Jornal Nacional**. Tem essa diferença.(2)*

Nos dois programas analisados, **Cidade Alerta** e **Brasil Urgente**, o recurso da 'imagem ao vivo' é amplamente utilizado como argumento de atribuição de qualidade ao programa. O uso de figuras de linguagem ajuda a construir um discurso emocional a respeito de imagens de acontecimentos sobre os quais se tem pouca informação, além de, na maioria dos casos, serem comuns em uma metrópole como São Paulo. O acompanhamento ao vivo não implica o fornecimento de informações precisas, muito pelo contrário, nada se sabe a respeito dos fatos narrados, mas que têm que ir ao ar, pois estão acontecendo ali e agora. Os assuntos são desenvolvidos na medida em que há imagens passíveis de serem exploradas pelas equipes que percorrem as ruas de São Paulo, seja por terra ou pelo ar.

Durante a transmissão do programa **Cidade Alerta** ocorre um assalto a ônibus ao qual é dado destaque, com imagens ao vivo da perseguição policial. Esta ocorrência é explorada por Milton Neves no sentido da novidade, uma vez que o outro acontecimento relevante nesses termos, da possibilidade de transmissão ao vivo, é a invasão de uma favela por policiais, que já está sendo noticiado (explorado)

por Datena, no programa **Brasil Urgente**, transmitido praticamente no mesmo horário, pela Band.

Com o intuito de 'melhor aproveitar as imagens do assalto', porém sem perder o contato com o secretário de segurança comentando sobre a tentativa de resgate por helicóptero, o apresentador sobrepõe os dois assuntos. A narração é confusa, com imagens de ônibus na Avenida Santo Amaro e entrevista, em *off*, do secretário. Às perguntas sobre a tentativa de fuga, o apresentador acrescenta comentários sobre o assalto, em uma narração confusa, transmitindo informações não verificadas, equivocadas até.

> **MN – Pois não, Cavalcante, só um minuto. Dr. Furukawa, o senhor falou dos presídios ... ah eu não tenho** (dirigindo-se à equipe técnica que informa pelo fone de ouvido que não há imagem disponível)**. Cavalcante, fique à vontade então. Mais uma pergunta ao dr. Bittencourt, na seqüência outra informação. Vai lá, Cavalcante.**
>
> Cavalcante fala sobre os procedimentos da polícia, enquanto isso imagens da perseguição ao ônibus e de fotos do caso relatado pelo dr. Bittencourt em *off*. A narração fica confusa, pois o delegado fala como se as imagens fossem do caso que ele relata, quando na realidade são da perseguição ao ônibus sendo assaltado.
>
> **MN – Esse aí é o 27º. Distrito Policial do bairro do Campo Belo, do lado da Vereador José Diniz, na esquina da Rua Demóstenes, com a Barão do Triunfo. É o 27º. aí no Campo Belo, na zona sul de São Paulo. E a informação é que o cobrador foi baleado, os bandidos assaltaram, fizeram o assalto lá, e ainda meteram fogo, viu Eleonora.**
>
> **MN – OK, doutor. Eu quero voltar a essa imagem da Avenida Santo Amaro. É uma avenida muito afunilada, atravancada. Volta, volta, volta, porque foi um flagrante ao vivo. Nós vamos recuperar a imagem. O desespero de um motorista ou de um cobrador, entendeu. Ele ... a informação é que dentro deste ônibus tinha ... Aí, a polícia atrás dos assaltantes. Vamos voltar aquela imagem. Aninha, por favor aquela imagem, exatamente quando encostava a viatura. Olha o desespero do profissional do volante. O cobrador ele vem aqui para dizer que é o**

outro ônibus, que não foi esse dele que foi assaltado. Esse é o cobrador, o trocador. Está vendo, ele está fazendo sinal de que não é esse, não, é o outro de lá.

Em **Brasil Urgente**, o apresentador trabalha a questão emocional, utilizando a mesma sintaxe fragmentada característica do texto de **Cidade Alerta**. Datena, ao mesmo tempo, descreve as imagens, fala com a equipe técnica e faz comentários sobre as ocorrências.

D - Parece que a polícia está invadindo a favela. Deixa eu ver. Cadê o Luciano? ... Tem tiro? Tem tiro? (falando com Luciano) **Fica aí, à vontade. À vontade não, tome cuidado. Não é para ficar à vontade também que você leva bala. À vontade, mas nem tanto.**

Resumo narrado por Datena: **Invasão em uma favela na Zona Sul. A polícia com metralhadoras, com pistolas. O Luciano disse que agora há pouco houve tiros. Vai lá Luciano. Quantos policiais aí? Olha, a imagem ao vivo,** (repete) **invasão de uma favela contra traficantes. Olha lá, prenderam dois, olha lá, pegaram um 38. Você tem a imagem dos tiros aí ou não? A molecada, cara. Menina?**

D - Perigoso ter bandido escondido aí. Teve tiro aí, é lógico que foi deflagrado (comenta observação dos policiais locais sobre os cartuchos encontrados terem sido deflagrados ou não)**. Eu estou tentando achar ... Bota em tela pequena, ô Luciano, por enquanto. Porque pode ter bandido aí.**

D - O Luciano continua ao vivo na favela, onde o pau comeu lá ... pelo menos balas ... houve troca de tiros, e bala voando para todo lado. Aí Luciano Júnior.

No decorrer do programa o apresentador pede para que as imagens sejam mostradas novamente.

D - Simão, você conseguiu recuperar a imagem do tiro, no momento em que o Luciano entrava? Conseguiu ou não? Conseguiu? Está tentando recuperar, pelo menos. Porque quando a polícia invadiu a favela, houve bala para todo lado, e o Simão aqui está tentando de todas as formas recuperar essas imagens.

D – (a fala de Datena em *off*, entremeada com imagens do local e fala do repórter e dos envolvidos, polícia e traficantes). **Agora, por gentileza, ô Simão. Acho que tem**

a imagem do tiroteio já. Conseguiu a imagem do tiroteio? Deixa eu ver, deixa eu ver na tela. Foi agora há pouco. Já. Ouça aí a policia invadindo a ... vai ter tiro aí. Foi agora há pouco, bala na Favela do Porco, bala para todo lado. Está ouvindo os tiros aí? Olha, deu para ouvir, deu para sentir. É a imagem ao vivo, agora. Mas você viu a invasão da favela, quando houve a invasão da favela ... os responsáveis pela segurança do tráfico, uma molecada de 12 anos de idade ... uma coisa absurda você viu? Estou ouvindo ... e a menina com 18 anos.

A falta de interesse do apresentador Milton Neves pela ocorrência na favela nós identificamos como silêncio local, caracterizado pelo corte no comentário, pela mudança para assuntos totalmente díspares (a leve chuva que cai no momento, por exemplo). O apresentador trata a operação na favela como mais um assunto e rapidamente fala do tempo, deixando claro que não há interesse, apesar da expressão ***mega***, usada pela repórter, para dar destaque à matéria. O apresentador apenas comenta ***é a polícia trabalhando***, interpretando o ocorrido apenas como mais uma ação policial, uma obrigação, menosprezando o fato, pois este já está sendo amplamente explorado pelo concorrente (**Brasil Urgente**), que chegou antes ao local.

MN – Mas é realmente um grande dispositivo. Aí o 27º. Distrito Policial do bairro do Campo Belo, muita viatura, muito policial militar. E seria só essa ocorrência da avenida Santo Amaro ou poderemos, até com Carlos Cavalcante e dr. Bittencourt, poderemos saber pela informação que ele tem a todo momento. É só esse assalto, só entre aspas, ou tem mais, Eleonora Pascoal?

Eleonora diz que é só esse e a **mega** operação na favela.

MN – Muito bem, está aí a informação. É a polícia trabalhando. Há chuva na zona Sul de São Paulo. Aleluia, uma chuvinha e tal, porque realmente está precisando, nesse inverno brasileiro de 2003.

O helicóptero, um facilitador da mobilidade no trânsito da cidade de São Paulo, é transformado em um elemento da notícia. As ocorrências são narradas a partir da

sua presença. O sentido de transmissão de informação é reforçado pela ênfase do uso de recursos tecnológicos (o helicóptero) ao longo de todo o programa, seja pela declaração explícita, seja pelo uso de metáforas. O mesmo assunto é retomado e retomado, em uma tentativa de atribuição de sentido pela repetição, uma vez que não se tem nada além daquelas imagens, recém-gravadas.

> **MN - Antes eu quero atender aqui a um chamado da Eleonora Pascoal. Aconteceu você vê aqui. Vai lá Eleonora, a repórter voadora.** (repetido vários vezes no decorrer do programa)
>
> **MN - Eleonora Pascoal, a repórter voadora. Vai lá Eleonora, sobrevoando o presídio. Vamos lá.**
>
> **MN - Aí Eleonora Pascoal, no Águia Dourada número um. Aconteceu você vê aqui no** Cidade Alerta**.**
>
> Eleonora em assalto a ônibus, ao vivo. Com *motolink*.
>
> **MN – Está vendo, dr. Bittencourt, são ocorrências a todo momento. O trabalho difícil da polícia militar, da polícia civil. Ali no corredor de ônibus de Santo Amaro é muito perigoso, não é dr. Bittencourt?**
>
> **MN – Cavalcante só um minuto, olha o trabalho da Eleonora Pascoal com o Águia Dourada número dois. Assaltantes assaltaram ali, bandidos assaltaram um ônibus na Avenida Santo Amaro. Agora, Eleonora Pascoal informação de cima e de baixo. Vamos lá.**
>
> Datena também faz comentários sobre helicópteros em relação à tentativa de resgate, porém sem ênfase no uso pela equipe de reportagem, que não o helicóptero como recurso principal de atuação.
>
> **D - Porque o helicóptero sempre foi visto com muito glamour. Um meio de salvar vidas através do grupamento Águia, que trabalha com o corpo de bombeiros, dos policiais militares. Uma imagem sempre muito bonita. O helicóptero, na verdade também, é tido como um meio muito caro. E de repente ... bandido utilizando helicóptero.**

As opiniões sobre este recurso se dividem. Os telespectadores ao mesmo tempo em que consideram importante ter a imagem ao vivo, transmitida pelo helicóptero, também comentam que há um certo exagero, mais no sentido da monotonia gerada pela repetição das imagens, do que pelo fato da exploração em si. Notamos, entretanto, que, apesar desse reconhecimento, as pessoas identificam isso como inerente à transmissão, interpretando muitas vezes a utilização do helicóptero como sinônimo de atualidade, "se aconteceu, o helicóptero está lá".

> *(Ele) Pede pro homem do helicóptero onde está, tudo isso aí. Tem sim. É importante. Eu assisto do começo ao fim. Eu, eu fico contente quando, não contente (com) desastre, que é chato ver desastre, (mas quando) os bombeiros vão lá e conseguem socorrer a pessoa, ainda salvar a pessoa, vai de helicóptero, leva, é bonito isso, né!? Parece coisa da vida! (3)*

> *Eu acho que estou me aterrorizando assistindo. Toda vez que tem fuga de preso na cadeia o helicóptero passa em cima da minha casa. Aquele helicóptero é meu radar. Então, quando ele está lá eu já ligo a televisão, porque eu sei que alguma coisa aconteceu.(2)*

> ***Cidade Alerta** não tem jeito, eu não suporto aquilo.(...) só que fica lá meia hora passando aquilo! Vai o helicóptero em cima do carro de polícia, até a polícia não chegar na favela, o helicóptero não pára de filmar, e a gente é obrigado a ficar vendo aquilo, quer dizer, parece que você está dentro do helicóptero, né, seguindo a polícia pra vê aonde a polícia vai. Não interessa aonde é que ela vai! Filma quando chegar lá! Não é verdade?(1)*

A preocupação com o programa concorrente é constante. As características dos programas são enfatizadas no decorrer dos relatos dos acontecimentos, como parte desses. Ainda que exageradamente utilizada pelo apresentador, tal postura explica-se pela fragmentação da estrutura do programa que, se não for bem administrada em termos de despertar o interesse do telespectador, oferece oportunidades para *zapping*.

MN - Nós temos helicópteros aqui na força aérea da Rede Record de Televisão. Ontem ... o grande assunto policial, que continua a partir de agora no Cidade Alerta**, a tentativa de resgate via helicóptero aqui em Guarulhos na Grande São Paulo. E a família do piloto, sobretudo pela Rede Record. Ontem, informação exclusiva durante a programação esportiva, durante o nosso futebol, no comando do Luciano do Vale, o melhor gol da TV. Agora, nesta segunda feira, mais informações ao vivo para você sobre o seqüestro de um helicóptero e a tentativa de resgate num presídio de Guarulhos, aqui na Grande São Paulo.**

MN - Vamos acompanhar o Mário Augusto. Nós temos repórter em cada setor onde há informação que você precisa na sua casa a respeito deste acontecimento de ontem em Guarulhos.

Em resposta aos telespectadores *zappeadores* e também como forma de facilitar o acompanhamento dos relatos fragmentados é utilizado o recurso da repetição, do resumo comentado, da síntese do desenvolvimento do programa até aquele momento. Com isso, novamente, tem-se a impressão de que existe uma preocupação com o serviço da informação, ao mesmo tempo em que se reforça a atualidade do acontecimento, no caso um dos únicos elementos que justificam o noticiário visto que pouco é informado de concreto sobre as ocorrências.

MN – Obrigado a você que nos aguardou. Estamos ao vivo com duas das principais autoridades envolvendo o poder público em relação à segurança pública do Estado de São Paulo, o delegado Bittencourt. Dr Bittencourt, dr. Furukawa. Os dois ao vivo aqui no Cidade Alerta**, ao lado do Percival e do Cavalcante.**

MN - Mas todos nós estamos preocupados, e ambos, as duas autoridades elogiaram o heroísmo, a perícia. Como eu fiz no começo do programa aqui hoje, do comandante Colaço. Olha lá onde ele parou. O dr Bittencourt falou, o dr. Furukawa também.

MN - Nós mostramos tudo isso ontem ao vivo, na nossa programação, inclusive no futebol da Rede Record de Televisão. O agente de escolta penitenciário que assistiu a tentativa de resgate vai falar conosco daqui a pouquinho.

MN – Muito bem. Obrigado ao dr. Bittencourt, ao dr. Furukawa. Volto a falar com eles na seqüência. Mas prestem atenção ... imagens de um cinegrafista amador mostram as marcas dos tiros que foram disparados contra o helicóptero que foi usado para tentar resgatar presos ontem à tarde em Guarulhos. Acompanhem comigo essas imagens absolutamente exclusivas. Você vai acompanhando, por favor, você vê aí nas imagens de um cinegrafista amador. Eu repito, que helicóptero ficou com vários furos de balas.

D - Isso em 30 segundos. Marquem no seu relógio, não dá nem tempo de *zappear*, não vale a pena *zappear*.

D - Eu tenho uma pergunta importante a fazer, mas isso eu faço em trinta segundos, e trinta segundos aqui é trinta segundos mesmo. Pode marcar no relógio, que eu volto já.

A cobertura dos acontecimentos pelo programa **Brasil Urgente**, na figura do apresentador **Datena**, aparentemente segue um texto mais coerente do que o relato de **Milton Neves** em **Cidade Alerta**. **Brasil Urgente** utiliza legendas ao longo das apresentações para facilitar o acompanhamento das matérias. Estas legendas, ressaltamos, têm o mesmo estilo do discurso dos apresentadores, assemelhando-se às manchetes dos jornais impressos mais populares, utilizando recortes de informações, de caráter puramente estratégico para atrair a atenção do leitor.

Legenda: **Cheque falso revela quadrilha de R$ 20 milhões.**
Legenda: **Quadrilha de roubo de cargas é presa em São Paulo.**

Legenda: **Presos conversam dentro da cadeia sobre tentativa de resgate.**
Legenda: **Ousadia, bandidos usam helicóptero para resgate de presos.**
Legenda: **Secretário de administração penitenciária diz que agentes agiram certo.**
Legenda: **PCC pode estar envolvido em tentativa de resgate de presos.**
Legenda: **Guarda da muralha conta como foi a tentativa de resgate.**

Legenda: **Tiroteio entre bandidos e policiais.**
Legenda: **Polícia prende bandidos em favela.**

Legenda: **Polícia é recebida a bala em favela.**
Legenda: **Polícia estoura ponto de tráfico em favela de SP.**
Legenda: **Adolescentes trabalhavam para o tráfico em favela em SP.**

Outra estratégia para garantir ao telespectador a novidade da transmissão, salientando o "furo" jornalístico, é a menção do horário. Para os telespectadores assíduos, essa concorrência reforça a sensação de "estar sendo informado".

(O marido assiste ao) ***Datena*** *às vezes, também, ele fica lá e cá, lá e cá. Mas ele fica mais no* ***Cidade Alerta****. É mesmo horário. Tanto é, que se você coloca no, no, na* ***Band****, está passando uma ocorrência e depois no outro está passando a mesma coisa. Mesma coisa. Se você perdeu uma frase em um, você bota no outro.(1)*

Eu acho mais pela noticia, não tem uma notícia que agrada, você às vezes procura três, quatro jornal para ver se repete... Agora eu acho que esse negócio de você pegar três, quatro jornal vê é porque agora está muito cômodo você com o controle remoto na mão, eu vou do canal 2 até o 4, 5 e volto, eu fico assim, eu não paro.(2)

MN - Obrigado Célia Bravim, daqui há pouco você volta. Agora seis da tarde mais 29.

MN – Temos novidades de Guarulhos, vamos lá ... 6 e 39, Carlos Cavalcante ao vivo aqui no Cidade Alerta**.**

MN - Está vendo imagem ao vivo agora, 6 da tarde mais 3 minutos entendeu, imagens ao vivo. Estamos mostrando porque está lá no mesmo lugar, o helicóptero.

MN - Meus amigos do Brasil, o helicóptero tentando resgatar um preso em Guarulhos ontem à tarde. É o tema central do Cidade Alerta **até 7h35. Vamos agora ao vivo ao Hospital das Clínicas, aqui em São Paulo.**

O apresentador de **Brasil Urgente** dá destaque maior à questão do horário, reforçando a exclusividade da cobertura. Para isso utiliza um discurso que tenta

transparecer sinceridade para com o telespectador, dando a entender que está alertando a respeito de estratégias adotadas pela emissora concorrente que seriam 'prejudiciais' à qualidade da informação transmitida, logicamente enfatizando a necessidade do 'real time', da 'exclusividade'.

> **D - Cadê o momento da invasão da favela com as crianças de 12, 13 anos? Cadê o momento da invasão da favela? Veja aí essa imagem ao vivo agora, com a polícia já se dispersando, por volta das 6 horas da tarde, a polícia invadindo. Olha lá, tiro para todo lado, umas 6 horas da tarde. Tem Monteiro Lobato** (referência ao Cidade Alerta) **contando história 'não, porque isso é exclusivo nosso'. Já demos às 6 horas da tarde, tanto que o menino que tinha 13 já está com 18 anos. Tá a fita aí, você entendeu como é o negócio? Olha lá o Luciano. Olha quando eles entram lá.**

4.5.3 As práticas discursivas: estratégias e motivações

O telespectador descreve seus hábitos de consumo televisivo em termos de 'filmes', 'novelas', 'programas de entrevistas', 'telejornal' e 'humorismo', mas ao comentar os aspectos qualitativos desta programação, somente dois são destacados: telejornais e outros, externando uma distinção entre realidade e ficção.

Embora hoje a televisão não seja mais considerada onipotente nos seus efeitos, os telespectadores ainda têm uma visão purista, ingênua, dos processos jornalísticos de seleção, elaboração e divulgação dos fatos. O que é mostrado nos noticiários é a realidade, a verdade, sem contestação. A ficção fica para as novelas e filmes, sendo que ao conteúdo dos filmes é permitida maior liberdade de exploração de situações e abordagens temáticas e imagéticas, o mesmo não valendo para as novelas, algumas consideradas abusivas e de má influência para os jovens.

No que diz respeito ao telejornalismo, a discussão resume-se à diversidade da abordagem, ao foco do assunto. O telejornal é bom quando fala de vários assuntos e é

sensacionalista quando enfoca somente aspectos negativos, desgraças, violência, não importando a profundidade com que os assuntos são tratados, ou a reflexão sobre suas causas e conseqüências. Os programas de ficção podem até ser violentos, tratarem dos mesmos assuntos vistos no telejornal, porém, em função da expectativa de entretenimento, os sentidos a eles atribuídos são diferenciados. O horizonte de expectativa dos conteúdos ficcionais permite a cena violenta, mesmo considerando que a 'novela exagera', comentam que na novela não é real. No programa jornalístico, não é cena que choca, até porque os caso de violência são 'relatados' e não 'mostrados'. O que choca no jornalismo é saber que aquilo que está sendo relatado realmente aconteceu. Mais uma vez vemos que a leitura feita dos conteúdos televisivos passa necessariamente pelo real: não é o programa que é violento, o jornal, mas a sociedade, a cidade.

> *Eu gosto da **Globo**. Eu gosto muito do jornalismo da **Globo**,(...) meu padrasto tem hábito de assistir o Ratinho, aquele outro lá, o **Datena**. Eu não gosto, não adianta, é o tipo de jornalismo que não me atrai em nada, eu não consigo assistir. Tem sensacionalismo. Prefiro o estilo da **Globo**. É um jornalismo legal. Eu não gosto do jornalismo do **Datena**, tal, são coisas que, é o cotidiano, mas é o cotidiano violento.(2)*
>
> *Eu considero **Jornal Nacional** um jornal sério, e passa essas coisas de policial batendo em qualquer pessoa, isso acontece a todo o momento, mas eu não gosto de ver. É uma coisa que me incomoda. Eu não gosto de ver.(1)*
>
> *No **Datena** aparece sangue ... ontem mesmo, eu pondo lá, ele mostrando não sei quem que decapitou a avó. Você não vê isso, por exemplo, no **Jornal Nacional** ou no jornal da **Record**. ... É filtrado. ... Passa por um filtro. É um jornal que você fala " é mais apurado, é a noticia". Você não precisa explorar tanto a imagem de alguma coisa.(2)*
>
> *É, a violência é diferente no telejornalismo e na novela. É, ela é vista de modo diferente né!? Por exemplo, apesar de que você vê notícias iguais, a moça da novela apanha do marido, é espancada, e você vê isso na televisão. Só que aí você vê uma*

outra realidade, que a pessoa vai na polícia, vai, e na novela por enquanto, não está mostrando isso. Por enquanto ele está por cima, não se deu mal ainda.(1)

O telejornal é realidade, né!? Porque o que está mostrando não é encenação, é verdadeiro! Agora na novela você sabe que aquilo não é real. É um filme, uma novela, né!? No jornal, no jornal! Porque, lá no fundinho do seu consciente, você sabe que novela, é novela! E o jornal é realidade! Quer dizer que, choca muito, né!? É, são coisas absurdas, né!? Pai, estuprando o filho, netas, um absurdo. Na novela você não vê isso. A novela camufla melhor as coisas, né!?(1)

Eu acho que tem diferença assim um programa de ficção, né. Por exemplo um filme e um programa que mostra aí a violência do dia-a-dia. Na ficção você está consciente daquilo lá. É tão bem bolado que você sabe que aquilo lá não existe. E na violência aí, você está, você viu, o cara mostra nitidamente. Isso choca. Eu sinceramente, não gosto dessas coisas.(2)

Sei lá, esses programas assim igual eu 'tô' falando, tem que mostrar esses programas sim. Mas eu não gosto. Você vê umas novelas aí que eu acho que é pior do que essas coisas aí. Tem coisa pior do que meu filho ver essas novelas que passam aí, às 6h da tarde? Tem coisa que pra ele ...(2)

A passagem do real ao ficcional, podemos dizer, só acontece, torna-se interessante, na medida em que esse real mostrado pela televisão não se aproxime do real do cotidiano de cada um, como a apresentação de acidentes, enchentes, incêndios. Nesses casos, para amenizar a dissonância cognitiva, na medida em que todos estão sujeitos, com diferentes graus de probabilidade, a tais ocorrências, mudam de canal, ou até mesmo desligam a TV.

Um programa que eu não suporto, quando eu chego em casa e o meu pai está assistindo, é ***Cidade Alerta****. O que mais me atordoa é aquele barulho de ambulância, é o som, porque a noticia em si eu acho assim uma noticia bem à margem, aquilo que está no cotidiano, que acontece a cada cinco minutos em cada esquina, de violência. Eu não gosto de ver, principalmente aquele barulho, o tom de voz do* ***Datena****.(1)*

Eles mostram. Mostram gente presa as ferragens. Os bombeiros pelejando para tirar, corpos estirados pelo chão. Mortos. Eu não me acostumo com isso. E quando passa enchente então.(..). Eu não gosto também de incêndio não. Incêndio, enchente, acidente de trânsito. (4)

Agora sobre o ruído. Nós moramos perto do bombeiro. Ali é direto aquele barulho. Mas você sabe que aquilo eu nem ouvia. A partir do momento que ela (a esposa) se acidentou, que eu escutei o barulho ali perto de casa, hoje qualquer barulho me assusta. Porque ela quase arrancou o pé com linha de pipa, então o bombeiro foi lá, e eu fui atrás dela, e tinha um monte de sangue no chão, luva, aquele negócio de soro, e eu tinha escutado o barulho. (2)

E dão uma importância para aquele fato ... "porque a vizinha matou a irmã de não sei quem, e não sei que". E você já vê aquilo todo o dia. Porque eu trabalho no fórum criminal, você já vê aquilo todo o dia. Você chega em casa e 'vê' aquele barulho de polícia, aquele povo falando de violência, você não agüenta.(1)

A curiosidade é uma das principais motivações para a audiência de uma programação polêmica. Ver a desgraça alheia tem uma certa 'graça', é a fofoca, curiosidade. As mesmas motivações que impulsionam o consumo da ficção, impulsionam o consumo da divulgação de fatos 'inusitados' e da violência. O sexo, o bizarro, por fazerem parte de um imaginário proibido, assuntos que historicamente devem ser resguardados para preservação da moral religiosa e da imagem das famílias 'de bem', são temas que proporcionam campo para a exploração da natureza curiosa do ser humano.

O homem não tem curiosidade por aquilo que ele conhece, por aquilo que conhece o final, ele quer ver o novo, ou o mesmo, sob novo ponto de vista. Uma das reclamações mais freqüentes em relação à programação de TV é a repetição. Repetição pura e simples, de conteúdos inteiros, de formatos, de assuntos. Porém, estas mesmas pessoas buscam a repetição, assistem aos vários telejornais, mudam de

canal insistentemente. Fazem isso por curiosidade, em um processo de busca que adentra o simbólico, ultrapassando aquela necessidade primária de 'ficar sabendo o que aconteceu durante o dia'. Nesse sentido, a leitura do telejornal, ou do programa policial, se aproxima da leitura da ficção, lembrando a classificação feita pelos próprios telespectadores. Ao buscar relatos diferenciados sobre um mesmo assunto, o telespectador procura elementos que o ajudem a elaborar uma informação, muitas vezes considerada 'absurda', pela forma como é apresentada, ou 'fora dos padrões da normalidade'.

> *Uma emissora quer colocar mais coisa, e uma pessoa que vê hoje uma pessoa sendo decepada, decapitada, não vai querer ver outra pessoa sendo decapitada. Ela vai querer ver uma coisa muito maior. A curiosidade dela é muito maior. Então tem muito da curiosidade, de competição entre as emissoras. As emissoras exploram muita a curiosidade da pessoa.(5)*

> *Se eu sei de alguma coisa à tarde "sabia que aconteceu isso aí, explodiu uma cidade", a primeira coisa que eu faço ... eu chego em casa e já fico procurando uma noticia sobre aquilo lá. (3)*

> *Que nem, nossa! O caso daquela velhinha que mataram no banho, eu não estou acreditando será que é isso mesmo, e aí você vai atrás para saber, para você ver mesmo se é aquilo. ... Você sabe que é ruim, você que ver, você sente necessidade de ver. ... Mas eu vejo assim, vamos supor que eu pegue meio de relance assim, será que eu entendi bem. Aí você põe em outro, na hora que você vê mesmo. Aí eu não tenho vontade de ver mais, aí eu não tenho.(3)*

> *Outro programa que é horrível, mas que o pessoal fica esperando, é aquele do **João Kleber**! Porque ele foca dando uma chamada de uma notícia de alguma coisa, até o final, no último bloco que ele fala, então para que telespectador fique preso naquilo! Então mais, o que é isso? É curiosidade do ser humano. O ser humano é curioso.(5)*

> *Não vê que você começa a ver. Como na **Márcia**: ela começa com uma história do casal lá que 'tá em intriga, não sei o que, não sei o que lá, aí aquilo fica meia hora, pra ela, pra ela falar o x da história lá. Você fica assistindo, por que? Você é curiosa! Quer saber o final! (1)*

> *(...) Mesma coisa com o Big Brother! Às vezes você assistia lá, não acontecia nada, um fazendo ginástica, outro lá não sei o que e outro deitado. Só tinha aquilo. Mas como? Como que eu não ia ver? No outro dia eu ia falar, eu perdi ontem! É curiosidade! É 'pra' atiçar a pura curiosidade! Não tem outra coisa! (1)*

Os comentários sobre a curiosidade são, na maioria, feitos na terceira pessoa. As pessoas parecem evitar reconhecer que somos todos curiosos. Justificam a audiência a uma programação sensacionalista, repetitiva, a partir de uma curiosidade natural do seu humano, porém sem incluir-se no grupo de 'curiosos'.

> *Agora, quais os assuntos que interessam à população, que atinge massa e dão audiência? Sexo, fofoca, violência e violência explícita. Vira o botão do canal e escorre sangue. São os extremos da população que gosta de ver sangue, de falar sobre sexo, gosta de ouvir falar disso.(2)*

> *Eu acho que é aquele tipo de pessoa voltada assim, por exemplo, eu se estou andando no carro, no trânsito, e acontece um acidente, se for pra eu parar pra ajudar eu paro. Mas parar 'pra' ficar olhando, para querer saber o que aconteceu, de curiosidade, eu não paro. Não sou aquela pessoa que quer ver sangue, quer ver o que aconteceu, aquela curiosidade. E eu acho que esse tipo de pessoa que pára' pra' ficar vendo o que aconteceu, se tem sangue, quem morreu, quem, ou se está uma briga, a pessoa que fica olhando qual o motivo, é esse tipo, esse estilo de pessoa, que gosta desse **Datena**, do **Ratinho**, que faz aquela brigaiada no programa, aquela **Márcia** que é só briga. Cada um fala, cada um tem sua briga pessoal lá, e mostra pro público sua briga pessoal.(2)*

Os meios de comunicação são, hoje, parte do espaço público.[88] Nos discursos até aqui anotados, vimos que as pessoas relacionam-se a partir dos meios, lendo os acontecimentos noticiados conforme seu meio social. Esse processo é possível graças à identificação emissor-receptor. "A degradação do funcionamento das comunidades intermediárias - mundo acadêmico, religioso, científico, cultural", na visão de

Wolton, [89] mascarada e acelerada pela mídia de massa, torna natural ao cidadão a exposição da vida cotidiana, rotineira. A TV representa "a passagem da uma convivência de comunidades no seio de um espaço público mais ou menos amplo para o reino de um espaço público ampliado, dominado pela regra mediática.[90] Os meios promovem cenários com os quais as pessoas possam identificar-se,[91] colaborando para a inserção na sociedade e reconhecimento como cidadãos. Nisso reside um outro aspecto de motivação para a recepção de programas centralizados em acontecimentos cotidianos, representando a necessidade de 'fazer parte', de encontrar o Outro para sentir-se sujeito. No contexto mediático, isso se traduz em participar da recepção, buscando nela elementos que possam ser compartilhados na vida pessoal.

> *É, dá notícia das pessoas. Uma vez passou um sobrinho meu no* ***Cidade Alerta****. Ele está preso. Eu não vi o dia que passou. E uma vez, na favela Paraisópolis, lá no Morumbi, pegou fogo, passou minha prima chorando, que o barraco dela pegou fogo. Nesse dia eu também não assisti, mas a prefeita ajudou ela e ela já comprou outro. Às vezes a gente diz que não vai assistir porque é coisa de morte, mas às vezes passa alguém da sua família. ... A pessoa diz que não vai assistir porque é coisa de polícia, é coisa de assaltante, mas pode estar alguém da tua família ali. Ninguém escapa dessas coisas não. Porque está vivo.(4)*
>
> *Eu gosto de assistir mais porque eu tenho dois filhos. Ela que é novinha e um menino. Aí eu coloco, deita um na cama e o outro eu fico no colo e ligo a televisão para assistir. Mas na verdade eu não sou assim, apegada mesmo na televisão mesmo. ... Acho que tem coisas que dá até para comparar com a realidade, assim do que a gente passa.(1)*

---

[88] MENEZES, José Eugênio de Oliveira. Comunicação como ciência da cultura: os meios como espaço de construção dos sentidos. *Communicare: revista de pesquisa* / Centro Interdisciplinar de Pesquisa, v. 1, no. 1. São Paulo: Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, 2001, pp. 47-58.
[89] WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público** - uma teoria crítica da TV. São Paulo: Ática, 1990, p. 222-223.
[90] WOLTON. **Elogio do grande público** ... loc. cit.

Na preferência pela programação vale notar algumas peculiaridades em relação ao gosto das pessoas de menor poder aquisitivo. Não havendo motivos de identificação, sejam eles racionais, pela proximidade com a realidade vivida, ou emocionais, pelo sonho de mudanças dessa realidade, os conteúdos distantes da sua realidade são negados. Nesta categoria estão as novelas, que apresentam situações glamourizadas e os programas femininos, que fornecem orientações sobre culinária e beleza.

> *Que nem, novela eu não assisto. Assisto também (a)os repórteres. Tem o repórter da* ***Globo*** *(o* ***Jornal Nacional****) E o antes, depois do* ***Datena****, também tem um jornal, que é o* ***Bandeirantes****, eu também assisto 'ele', e depois vem o, põe na* ***Globo****, para assistir (a)o jornal.(4)*
>
> *Na novela tem traição em geral, todo mundo é rico e tem carro importado, mas ninguém trabalhou. Eles estão sempre resolvendo os problemas da família, é o filho que não está bem, e ficam sempre na sala. Parece que não sai para trabalhar. ... (4)*
>
> *Eu gosto também é da* ***Claudete****. Eu gosto também dela quando passa notícia. Como um dia que passou uma senhora que tinha sido presa por causa de uma besteirinha de nada, por causa de uma lata de ervilha. Aí vem aqueles que corta cabelo, aí eu mudo de canal ou então desligo. (Só gosto) quando passa notícia ou então, quando ela passa lá do Nordeste, fazendo pamonha, fazendo canjica, essas coisas assim. (4)*
>
> (diálogo entre duas mulheres classe D):
>
> *F: Eu assisto à* ***Ana Maria****. Quer dizer, nas férias eu estava assistindo muito. Agora como tem mais um pouco ... é que eu tenho que levar o menino para o* colégio. *Mas eu assistia para pegar as receitas.*
>
> *W: Eu não. Passa umas receitas que eu nunca vi...*
>
> *F: Mas parece ser tão apetitosa.*
>
> *W: Eu vou fazer meu bolo lá. Vou mandar alguém fazer.*

4.5.3.1 A transformação das ocorrências: do fato à emoção

---

[91] MENEZES. Comunicação como ciência da cultura ... op. cit, p. 52,53.

Na fala dos telespectadores, na expressão de suas preferências e formas de leitura, notamos a influência das estratégias comunicacionais da emissão. O que torna o fato interessante não é ele em si, mas a maneira como é apresentado. O fato transformado em emoção, a ação transformada em tragédia, o cotidiano transformado em epopéia.

> *E aí eu gosto de assistir, eu gosto de assistir também aquele programa do* ***Vagner Montes****, que tem na* ***Record****! Que começou agora! Você viu o menino de dez anos? Que queria uma escola, morar numa escola externa? Um menino de dez anos, aquilo ali chamava atenção. Eu chorei, todo mundo da platéia chorou! (4)*

Os apresentadores dos programas são avaliados sob diferentes pontos de vista. A maioria dos entrevistados comenta o papel destes, em um discurso de reprovação em alguns casos e, em outros, de total aprovação e cumplicidade. Os homens preferem uma narração mais descritiva, sem que isso, necessariamente, implique em uma preocupação com a neutralidade por parte do narrador. Quanto mais 'detalhes' forem fornecidos, melhor conceituado será o apresentador. Para os telespectadores mulheres, principalmente das classes C e D, o elemento mais importante dos programas polemizados, **Brasil Urgente**, **Cidade Alerta** e **Programa do Ratinho**, é o apresentador, considerado um defensor da população mais vulnerável, menos protegida, com menos recursos.

> *Eu vejo notícias à noite. Assim, sempre vejo, o* ***Datena****, que é no sete. Tem programa que eu gosto de ver a imagem mesmo. Eu vejo também o da Band também com aquele, o* ***Cabrini***[92]*, também eu vejo. ... É, isso mesmo, eles não mostram, ficam falando também, fazendo comentário. ... Eles falando a notícia ... é bom que eles dão a notícia e eles não ficam comentando a notícia, eles dão a notícia e já vão passando pra outro, não fica comentando e esticando a conversa naquele assunto, então por isso que eu*

[92] Como já observado, antes do Datena, o Brasil Urgente era apresentado pelo Cabrini.

gosto. Então eles falam um monte de coisa, só que aí a gente absorve, o que interessa.... Eu acho que a gente tem que assistir, mas não se influenciar ' naquilo'. (2) Tem que assistir de passagem e não ficar encucado. Eu, pelo menos quando assisto, não fico impressionada.(1)

*(O **Datena**) mete o pau na polícia também. Quando a polícia falha ele fala também. Tem que ser realista. Tem que falar a verdade, não pode cobrir nada, não! Não é verdade!? (Se a polícia errou) tem que falar. Tem que falar. Se fez coisa boa, elogia, eu 'sou' dessa opinião, né!?(3)*

*Aí um dia ele sujou a camisa do **Ratinho**, o **Ratinho** teve que trocar a camisa, aquilo ali eu acho uma baixaria! Assim, o povo não tem respeito, mas nem o povo lá dentro do palco tem respeito por ele!(4)*

Regra geral, entretanto, homens e mulheres consideram o tratamento dado às ocorrências ou os discursos utilizados pelos apresentadores exagerados e, até, abusivos. Na visão comparativa do receptor, **Brasil Urgente** informa menos do que **Cidade Alerta**, porém é mais argumentativo. Para alguns, a argumentação significa prestação de serviço à sociedade, para outros, estão ***esticando a conversa***. Em ambas as perspectivas, o receptor se considera parte ativa do processo, captando apenas o que lhe convém, em um claro processo dialógico, do qual a televisão faz parte na medida em que 'responde' a algumas necessidades - informação, participação, diversão - mas sem exclusividade.

*(violência) Seria entrar na intimidade das pessoas, né!? A maioria, a maioria (dos programas fazem isso)! O **Ratinho** faz! Quando vêm aqueles coitados lá, que eles falam aqueles absurdos, e ele incentiva, né!? Ele incentiva a pessoa a falar tal coisa, depois ele, quer cortar, fingindo que ele é o ... "não, não, nossa, isso não pode, isso não!" Mas ele quer que fale! Então pra mim ele é um falso, um cínico, um sem graça, então por isso que eu não gosto dele! Entendeu? (1)*

*Olha, o **Ratinho** explora, o **Datena**, nossa, coisinha desse tamanho ele faz desse tamanho, muito sensacionalista. Eles aumentam muito.(2)*

Para que ocorra a transformação dos fatos do cotidiano em notícias 'sensacionais', na maioria dos casos, é utilizada a narração dramatizada, com o emprego de recursos lingüísticos, como hipérbole e metáfora.

Esses recursos são importantes para despertar, ou alimentar, aquela curiosidade anteriormente comentada. Exemplificando, no programa **Cidade Alerta** do dia 7 de julho, aqui analisado, o apresentador **Milton Neves** dramatiza a tentativa de resgate de presos por helicóptero a partir do ferimento do piloto, funcionário da empresa locadora de helicópteros. O apresentador realça o acontecimento recorrendo às expectativas de um público imaginário que abrange não só a cidade de São Paulo, mas todo o Brasil, público esse que estaria profundamente preocupado com a saúde do piloto.

Toda história requer uma vítima e um herói. No caso os dois papéis são representados pelo piloto, sem vínculo com os bandidos, e a sua habilidade em pousar o helicóptero no teto do presídio sob fogo cruzado. Neste discurso faz pressuposições manipuladoras, dando sentido a uma seqüência de imagens que de outra forma não teriam poder de atração, dada a fragmentação. Aqui, identificamos o recurso discursivo do silêncio constitutivo, pois ao promover um relato dramatizado das imagens, o apresentador dificulta e até impede ao telespectador de exercer uma leitura própria.

> **MN - A repórter é Patrícia Calderon.** (virando-se para a repórter no telão) **Importante Patrícia é sabermos agora como está o piloto. <u>'Tá' todo mundo torcendo por ele</u>, é claro. Boa noite ....**

> **MN - Agora atenção, o piloto que foi seqüestrado <u>e obrigado</u> a pousar nesse presídio em Guarulhos. Ele mora num bairro da zona sul de São Paulo. V<u>amos saber tudo da vida dele. Esse é um grande brasileiro</u>. A repórter Célia Bravim foi**

até lá para saber como vive este homem que podia ter morrido na mão de bandidos. Pobre rapaz, 28 anos, trabalhador, piloto, trabalho difícil, vem bandido mete o revólver na cabeça, é obrigado a descer no presídio. Uma coisa impressionante.

MN - Mas sintam a habilidade dele, onde ele parou. Vejam onde ele conseguiu pousar. Olha ali, e com dois bandidos junto com revólver na cabeça dele. A pressão. Vamos mostrar o presídio. Olha a pressão em cima dele. A habilidade desse profissional, o controle desse profissional. Olha onde ele conseguiu parar, gente. É muito pouco espaço. E ainda pressionado, sabendo que podia ser morto, como quase foi, também pelos policiais da muralha, ele conseguiu parar nesse espaçozinho.

MN - A Patrícia Calderon está lá e, de novo quero saber, o Brasil todo quer saber, o Brasil todo está preocupado com ele ... até porque todos nós estamos torcendo demais pela recuperação do piloto. Coitado, a grande vítima dessa história. O senhor não pode morrer nunca, e os nossos médicos vão salvar a vida dele. Haja o que houver, com a ajuda de Deus.

MN - Essa é a imagem deste momento. O helicóptero está lá ainda, naquele lugarzinho em que ele conseguiu parar mesmo com dois bandidos ameaçando: "pára, desce ou morre". E há esta informação ... esse piloto que ele foi atirado exatamente por um dos bandidos, entendeu esse piloto é um herói, é um competente, é um homem maravilhoso importante demais. Haja o que houver, se Deus quiser, ele vai se recuperar porque nossos médicos são muito bons, como ele é extremamente hábil.

MN - O estado de saúde do Alexandre Colaço. Ele que foi realmente heróico, fantástico, maravilhoso e com uma habilidade tremenda de parar onde parou. É muito grave o estado de saúde do piloto Alexandre Colaço, baleado durante essa tentativa de resgate, ontem, de presos.

MN - Por favor, coloca de novo o helicóptero ou ao vivo ou na imagem de ontem, no lugar que parou. (...) Sabe qual é o espaço que tem aí? É como descer na cabeça de um alfinete, mal exagerando. Esse piloto é fantástico. E pressionado por dois bandidos com revolver na cabeça, conseguiu parar nesse espaçozinho. Mas, mais do que nunca, ele não pode morrer, não pode.

4.5.3.1.1 O recurso da repetição

A identificação emissão-recepção é trabalhada pelo apresentador que antecipa sua audiência, explicando ao telespectador a dinâmica do programa, justificando os cortes e retornos em nome da informação. A repetição é citada como importante para que as pessoas possam acompanhar melhor a narração dos diversos acontecimentos. Isso promove uma impressão de análise dos acontecimentos, quando, na verdade, as frases do apresentador apenas enfatizam o trabalho do programa, sua importância e qualidade. No trecho analisado, notamos ainda a sintaxe fragmentada. O apresentador não finaliza as falas, 'divagando' entre os assuntos, aparentemente sem a mínima preocupação com a construção de um texto lógico, coerente, estruturado.

> **MN - Oh Márcia, acompanha comigo, por favor, esta reportagem. Você e o Brasil. Exclusivo. O** Cidade Alerta **da Rede Record de Televisão, que trabalhou demais ontem no domingo, foi dia de futebol ... para o** Cidade Alerta **não ... são 24 horas de atenção total. O** Cidade Alerta **conseguiu uma entrevista com um agente de escolta que acompanhou de perto o resgate de presos neste domingo. Pelo menos a tentativa. (...) Vamos acompanhar aqui no meu telão. Vamos lá, vamos ver, porque é uma reportagem exemplar.**
>
> Entrevista com o agente.
>
> **MN - Muito bom. Excelente nosso repórter Lucindo conversando com este personagem que voltará a falar conosco na seqüência. Este trabalho tem duas etapas. Agora, eu tenho mais informações, mais personagens. Nós estamos dando todos os detalhes. Aqui no** Cidade Alerta **é assim, tudo tem começo, meio e fim e os lados também. Os personagens contando aquilo que aconteceu, suas opiniões profissionais, realmente do ramo.**
>
> Percival entrevista o Secretário.
>
> **MN - Percival, só um minuto, eu volto com você já, já, por favor, eu volto com você. ... Eleonora Pascoal ... Temos uma outra ocorrência. Quer dizer, independente desse assunto central, aconteceu, você viu aqui, não é slogan, é fato. Eleonora Pascoal, vamos lá. O que está havendo agora?**

4.5.3.1.2 Os argumentos: o aval das autoridades e a prestação de serviço

Além da dramatização da situação, a polêmica é também um recurso utilizado para despertar o interesse do telespectador. Ao entrevistar autoridades, o apresentador faz questionamentos quanto às decisões tomadas, os procedimentos adotados, exigindo dos entrevistados posições definidas, comparando opiniões. **Milton Neves** procura exercer um controle interacional, relatando os assuntos conforme lhe convém. Salientamos novamente uma construção errática de texto, constituído por frases incompletas, sem seqüência lógica.

> **MN - Chama o Secretário Furukawa, que está junto com Percival. <u>O Dr. Bittencourt, um dos pilares da Polícia Civil hoje do Estado de São Paulo acabou de falar do PCC. O sr. não acreditava nessa ligação, e agora secretário, o sr. insiste dizendo que o secretário havia dito que o PCC não estava envolvido</u>. Pode inclusive falar com nosso secretário.**
>
> Furukawa explica sua posição.
>
> **MN - Dr. Bittencourt, Campo de Marte é um ponto fraco?**
>
> Dr. Bittencourt fala do Campo de Marte e da DACON.
>
> Dr. Bittencourt fala sobre a necessidade de proibição da visita íntima.
>
> **MN - <u>Secretário, isto é com o sr. O que o sr acha da posição do delegado?</u>**
>
> Secretário Furukawa fala sem deixar claro sua opinião.
>
> **MN – Mas qual é sua opinião secretário?**
>
> Secretário responde.
>
> **MN - Mas aí é muita teoria, não é secretário?**
>
> **MN - <u>Não querendo ficar contra o senhor não,</u> mas se fosse só esposa, ou mesmo companheira legítima, mas tem muito preso que escala muita prostituta, mulher de programa que vai lá e conturba tudo. Não é bem assim, sempre esposa. E, oxalá fosse sempre esposa e companheira legítima.**
>
> **MN – A visita íntima, meu caro Carlos Cavalcante. Dr. Bittencourt, <u>o que ele falou na tua reportagem gravada à tarde, repetiu agora ao vivo com a presença do secretário Furukawa</u>, <u>ambos com opiniões divergentes, e em alto nível, alto</u>**

nível. Parabéns aos dois. E ele, no entanto, foi coerente, o dr. Bitencourt, gravado e ao vivo, a mesma opinião.

O apresentador **Datena** também polemiza os assuntos, algumas vezes até confundindo os entrevistados, atribuindo sentidos às suas falas ao interseccionar assuntos e comentários. No caso do resgate, primeiro levanta a hipótese de participação do PCC e depois, a partir do relato de um guarda testemunha do ocorrido, questiona o preparo dos agentes da muralha.

Legenda: Presos conversam dentro da cadeia sobre tentativa de resgate.

D - Mas, atenção, está chegando agora uma gravação exclusiva, interceptada de presos conversando sobre o resgate feito pelo helicóptero. Deixa eu ver. Tem a gravação aí no ponto? Deixa eu ver na tela.

D – Doutor, essa é a narração do telefone celular que foi interceptada. O sujeito diz 'é tem o dia da derrota e o dia da vitória'. O dia da derrota e o dia da vitória. Deu para o senhor entender aí, doutor?

D – Tão dizendo, a polícia. A Fátima é especialista no PCC, tem várias reportagens do PCC. Tão dizendo que o PCC pode estar envolvido nisso, o PCC. Eu não acho que o PCC. Tudo é o PCC. O sujeito solta um pum na praça da República, foi o PCC que mandou, e daí por diante e tal. Tão dizendo que o PCC mandou. Se o PCC tem alguma organização, não ia fazer uma tentativa de resgate idiota como essa aí.

D – A polícia aventa mais uma vez a possibilidade do PCC envolvido nisso. Fátima você acredita nisso? É possível que haja envolvimento do PPC mesmo?

D – Do lado de fora? Abre essa imagem, onde está a Luciana. A impressão que o Kleber tem é que alguém auxiliava na tentativa de tiros, da tentativa do resgate. Que alguém aí fora poderia estar dando cobertura ao pessoal do helicóptero, é isso, ô Kleber? Aí não tem cheiro de PCC não.

D – Como foi a história? Eu não entendi. Antes do helicóptero? Kleber você está falando uma coisa importantíssima. O Kleber é guarda de muralha, estava lá no

local. Quer dizer que ontem de manhã já tinha gente atirando na muralha? Época do que? Espera aí, você diz que o armamento é ineficaz. Vocês trabalham com que arma? 38! É brincadeira, com as armas que esses caras têm. Diz que estavam com fuzil dentro do helicóptero. Vocês não têm colete na muralha? Olha essa é uma afirmação grave. O armamento é ruim? Carabina 12, deve ser velha a carabina 12 . ( ) Mas não é um armamento específico para esse tipo de coisa, calibre 12 não serve em numa luta numa certa distância, calibre 12 não serve para nada de longe. Mas de longe não serve para nada. Quer dizer que começaram a preparar terreno atirando de manhã, de fora da muralha para dentro?

D – Agora, o guarda disse que o armamento que eles tinham não era adequado. Calibre 12 e revolver 38, não seria adequado para esse tipo de ação. O que o senhor, como secretário da administração penitenciária, tem a dizer sobre isso? ( ) Ô Kleber, o secretário está dizendo que acertaram o helicóptero pra caramba, que dizer que ele acha que o equipamento é adequado, o que você acha disso? ( ) O Senhor acha que houve apoio por terra também, nessa ação?

Enquanto **Milton Neves** (**Cidade Alerta**) restringe seus comentários a questionamentos junto aos entrevistados, principalmente se forem autoridades ou pessoas com cargos representativos (diretores de empresas, profissionais), **Datena** faz questão de opinar diretamente sobre tudo o que é noticiado,[93] seja no sentido positivo ou negativo. Talvez por ter sido policial, **Datena,** numa demonstração de personalidade forte, característica que faz questão de salientar como sua marca, dirige-se aos entrevistados de destaque com muita liberdade, o que pode levar os telespectadores a acreditarem em um suposto poder de influência, em um trânsito livre do apresentador junto a esse grupo, refletindo-se em maior acesso às informações.

[93] Em itálico na transcrição.

D - Boa noite secretário. O senhor tem que ficar correndo do PCC. Correndo não ... o senhor não tem medo. (Secretário) Eu não ... eu ... mandaram uma carta dizendo 'não tem nada a ver com você'. Mandaram uma carta dizendo que não tem nada a ver com o senhor também?

D - Muito obrigado pela sua participação mais uma vez e boa sorte para o senhor. Que Deus proteja o senhor, secretário. Agora, quero dizer uma coisa, se matarem um antes do outro, o outro vai atrás. Um abraço, secretário.

D - O dr. Bittencourt já falou comigo, e foi extremamente sincero. Aliás, a polícia tem sido sincera ultimamente, dessa administração passada para cá, não temos nada que reclamar. A polícia quando comete erros, fala. Eu disse, naquela outra tentativa de resgate, quando os presos foram resgatados, que o pessoal falou 'é, mas não atiraram no helicóptero'. Eu falei 'se atirassem e pegasse no piloto, a polícia ia ser responsabilizada'. Eu me lembro que falei isso direitinho, acho que foi até com o senhor e com o dr. Bittencourt. Agora o dr. Bittencourt reconheceu, falou 'Datena, é o seguinte', falou inclusive para o irmão do piloto, 'nós atiramos, mas não sabíamos quem estava lá dentro, se o piloto estava participando da ação ou não'. Então a polícia foi clara nisso, assumiu que atirou, era ordem do governador, e ordem sua 'se quando se aproximar aeronave não identificada do presídio, vai levar bala'.

Caso: Cheque falso revela quadrilha de R$ 20 milhões.

D - Agora, doutor, sobre esta história de roubo de carga, uma quadrilha que parece empregava cerca de 40 pessoas, um absurdo.

D – Quer dizer que o sujeito tinha uma empresa, era praticamente uma empresa. E aquele chefão, o tal de alemão, tá solto, ou tá na cana também, doutor?

D – 10 milhões de reais, em média por mês. E muito empresário bom não movimenta isso hoje em dia no Brasil. Deixa eu ver a reportagem aqui. Eu volto a falar rapidamente com o senhor porque eu vou liberá-lo, eu tenho um acordo para liberá-lo. Eu quero falar mais uma coisinha sobre isso. A polícia descobre uma quadrinha especializada em roubo de carga através de cheque falso. A fortuna está estimada em 20 milhões de reais. O que eu começo a rir aqui é como é que pode. Quando a gente diz aqui que o crime está organizado, ele está muito mais organizado do que a gente pensa, é por isso que eu falo, a polícia é que tem que ser organizada cada vez mais, mais verba para a polícia, para combater esses marginais.

4.5.3.1.3 O tribunal mediático

Os programas se colocam, na pessoa de seus apresentadores, como juízes das situações, criticando e elogiando a atuação das autoridades, posicionando-se sobre procedimentos, porém de uma maneira superficial, mais lançando idéias estereotipadas do que argumentações fundamentadas. Essa argumentação se concretiza em uma lacuna possibilitada pela falha dos mecanismos policiais e jurídicos formais. Conforme Rondelli, "esses programas constroem uma justiça e ética próprias", funcionando como "tribunal que levanta o fato, sentencia e julga".[94]

Porém, ao mesmo tempo em que fazem afirmações de caráter subjetivo, os apresentadores ressaltam a fala de autoridades, em uma demonstração de neutralidade, buscando apoio, numa posição "não sou eu quem está falando, alguém mais já disse". Nesses comentários, freqüentemente recorrem a outras situações, na forma como foram divulgadas nos meios de comunicação.

> **MN - Agora, temos que elogiar também os policiais militares da muralha. <u>Porque o governador Alckimin deu ordem "tem que mandar bala mesmo"</u>, "chegou helicóptero, deu aviso, vai descer, prega o fogo neles". Porque da outra vez, da outra vez o que aconteceu? Os policiais militares da muralha hesitaram. Desceu o helicóptero, os fugitivos se mandaram e sobrou para quem? Para os policiais da muralha e <u>nós da imprensa descemos o porrete neles</u>. A orelha puxada pelo comandante da polícia militar, pelo governador, tudo direitinho. Aí o governador Alckimin falou "agora não, chegou é fogo". Como fizeram ontem.**
>
> **MN - <u>Então como da outra vez, todo mundo caiu de pau nos Policiais Militares da muralha. Os de ontem, parabéns</u> Até porque já temos a informação agora que quem atingiu o heróico e maravilhoso piloto foi um dos bandidos, e se Deus quiser ele, vai sobreviver. <u>Parabéns a vocês policiais da muralha deste presídio de Guarulhos. Da outra vez foi zero, pipocaram, hesitaram, faltou treinamento.</u>**

---

[94] RONDELLI, Elisabeth. Dez observações sobre mídia e violência. *Revista Comunicação e Educação*, no. 7, São Paulo: USP/Moderna, set./out., 1996, p. 35.

Desta vez foram determinados, corretos e obedeceram às ordem do governador Alckimin e do secretário da segurança, do comandante da polícia militar, o comandante Alberto, então aí estão os corpos de gente que não podia fugir, que tinha que ficar aí mesmo, aí no presídio e só não fugiram porque os policiais militares da muralha foram extremamente competentes e obedientes e profissionais. Eles exatamente fizeram aquilo que as autoridades determinaram, o governador do Palácio dos Bandeirantes, o nosso Secretário Saulo e também o comandante da polícia militar, o comandante Alberto.

MN - Então precisamos identificar agora, oportunamente, Percival de Souza, esses policiais que atiraram porque eles merecem aplausos, porque cumpriram muito bem a obrigação deles. O Percival aí está. Nós temos a autoridade que vocês tão bem conhecem e já, já, os dois falarão aqui no Cidade Alerta .

Em outra situação:

É o trabalho da polícia, porque tem muita viatura. Antigamente não tinha. Era difícil de achar, era mosca branca, mas agora não ... mas também aumentou muito o número de bandidos. Atenção Eleonora Pascoal, e a perseguição? Tem mais detalhes?

D – Meu Deus, 30% do roubo de carga do Estado. E a polícia sempre trabalha com aquela possibilidade de conexão do roubo de carga com o tráfico de droga, contrabandeáveis, aí por diante. Mas o que interessa é que a polícia está se organizando também à medida que o crime já está organizado há muito tempo. A polícia está se organizando, recebendo verbas. É por isso que eu peço aqui todo dia, aqui. O cidadão brasileiro quer ver o dinheiro do imposto dele revertido em verba para a polícia, para a polícia poder protegê-lo. A segurança é fundamental. E tomara que vocês continuem prendendo esses bandidos, tá bom doutor.

Uma das funções atribuídas aos programas por seus apresentadores é o seu 'papel social' de orientação e alerta à sociedade, função esta já reconhecida na fala do telespectador. No decorrer dos programas, à narração dos acontecimentos somam-se observações e sugestões do apresentador sobre a atuação das autoridades nos casos

relatados. No caso do programa **Brasil Urgente,** o apresentador disponibiliza um número de telefone para uma eventual prestação de serviço.

MN - E as autoridades? Vou cobrar de uma delas já, já, de uma delas do lado do Percival, uma autoridade muito importante no mundo penitenciário. Por que lá não tinha tela, arame farpado, não tinha alguma coisa estendida lá? Por que o helicóptero desceu?

MN - Correto. Agora só para terminar, dr. Bittencourt. O senhor teve uma participação brilhante no Cidade Alerta**, como também o dr. Furukawa. A sua opinião foi completamente diferente da dele. Em casa, o pessoal toma a sua posição. O senhor, como um dos principais delegados de polícia do Estado de São Paulo, vocês não podem junto ... as autoridades ... fazer esse tipo de reivindicação, para acabar com a tal de visita íntima, ou pelo menos diminuir, disciplinar melhor isso?**

MN - Só um minutinho que me ocorreu algo para perguntar para a Márcia. Você falou há pouco do seu sindicato ... as autoridades policiais, devido a antecedentes, prometeram uma tela um cabo de aço para impedir que haja a chegada, o pouso de um helicóptero, mais uma vez num presídio aliás no Brasil e nesse caso, de novo, tinha esse espaço para descer o helicóptero conforme desceu. Vocês, através do sindicato, não têm como exigir isso do poder público?

Caso: Presa quadrilha que falsificava cartões de aposentadoria.

D - Isso é importante porque o que tem de aposentado que assiste a gente. Como era efetuado o golpe? Diz para a gente.

D - Tá bom e aí? Rapelavam o dinheiro dos aposentados? Agora vem cá, o aposentado perdia a grana dele? Lê aí uns 3, 4, 5 (o repórter tem em mãos uma lista de algumas pessoas que sofreram o golpe)**, sei lá. Esse é o bandido vagabundo, sem vergonha. Já não chega ... o que já se dá de golpe no aposentado é a própria aposentadoria, porque o dinheiro que o cara recebe é um golpe que é um verdadeiro chute no dedão do pé. Não é verdade? O cara receber a miséria de aposentadoria que recebe hoje em dia. É uma piada a aposentadoria. Agora tem cara que dá golpe em cima de golpe. Dá para ler o nome de algum aposentado?**

Legenda: Fale com Datena – (0xx11) 3771-5724

D - Vamos ver se alguém desses aposentados liga para cá, para falar com a gente.

A instauração de um 'tribunal mediático' torna-se possível pela utilização do estereótipo. O discurso dramático do apresentador é pontuado por uma análise imediatista, com base no senso comum, que tem como argumentos as poucas informações sobre os casos, e as imagens. Para o telespectador, esse conjunto discursivo - repetição, 'entrevista', comentários - transmite a idéia de reflexão pela identificação dos valores enfatizados pelo apresentador, caracterizados pelo preconceito e o estereótipo.

Igual, o cara tem dezessete anos, dá dois de mim, três, um metro e oitenta, dezessete anos, pode matar, estuprar que não vai preso. Não é condenado porque é menor. Eu acho que é errado. Se o cara teve cabeça 'pra' fazer a coisa errada, ele tem que pagar por aquilo que ele fez. Pode ser meu filho, meu neto, meu vizinho. Pode ser quem for, não tem esse negócio. Mas eles já não mudam justamente porque vem lá da camada de cima lá. Cadê os meninos que mataram o índio queimado? Você acha que eles 'tão' preso? 'Tão' nada, 'tão' nada, tem ninguém preso não.(3)

Em um discurso subjetivo, o apresentador expõe uma posição ideológica de necessidade de maior repressão à participação de crianças na criminalidade. Usando as imagens das crianças abordadas pelos policiais na invasão da favela, incentiva o telespectador a aceitar uma violência institucionalizada, elaborando um cenário caracterizado por uma 'cultura de violência', uma vez que "nossa juventude está perdida".

D - Olha estamos de volta. Eu dizia agora há pouco que houve uma invasão da polícia na Favela do Porco, aqui na Zona Sul de São Paulo. Olha os tiros, ouça os tiros, sinta o drama. (trabalha a emoção) **Bala passou do lado, comendo solto. Tem mais tiro ali. Coisa de 15, 20 minutos atrás. O Luciano está aí, está ao vivo.**

Luciano, o que as pessoas ficaram impressionadas com a idade dos garotos. Dá para você repetir a idade e quantas passagens pela polícia?

D - O tenente que está com a escuta. Tenente Al Casa. O pessoal do Brasil inteiro ficou apavorado com a idade dos meninos, os meninos envolvidos no tráfico de drogas. (exagera, transforma em universal, o textual) **Daqui há pouco vou rodar a entrevista, criança de 12 anos com 5 passagens pela polícia, de 13 com 5 passagens, uma menina de 18 anos com 7 passagens pela polícia. Quer dizer, o Brasil ficou chocado com isso, mas vocês já estão acostumados não é, tenente?**

Retoma o assunto, resume, generaliza.

D - Porque isso foi agora há pouco, nós pegamos ao vivo, e polícia só viu esses meninos armados até agora, estavam com 3 armas aí dentro da favela, tão dizendo que eram campanas, que são olheiros. E o Luciano continua lá. É uma molecada de 12 anos, 17 anos, 18 anos, trabalhando para o tráfico de drogas. Eu estou impressionado, Luciano, com a idade. Você pode repetir? ( ) Quantas passagens? ( ) Aviãozinho. ( ) Qual a idade dos dois? ( ) Essa é a realidade do Brasil. Pergunta quanto ele ganha por mês? ( ) Quanta ela ganha por mês? ( ) Pergunta quanto o pai ganha por mês. ( ) E a mãe dela? ( ) Absurdo. Eu vou voltar daqui há pouco. Essa é a realidade do país. Estamos jogando nossa juventude no lixo. Infelizmente.

D - Sabe o que eu acho? Que nós estamos jogando nossa juventude no lixo. O país que não tem preocupação com sua juventude, não tem preocupação com seu futuro. Nós estamos jogando nossa juventude no lixo, deixando que os traficantes ... bota a imagem dos tiros de novo ... moleque de 11, 12 anos. Estão ouvindo os tiros? A menina estava com revólver, o menino com revólver. (...) Tudo isso porque a sociedade não dá (não precisa mostrar a cara dela) a oportunidade também, mas o traficante vai lá e adota. Isso é missão do Estado também, que não ocupa a favela, que deixa a favela ao Deus dará, na mão dos traficantes. Aí a polícia tem que ir lá e fazer repressão, e levar tiro de moleque de 10, 11 anos de idade e aí a maior parte da legislação protege o menor, que pode chegar te dar um tirou na cara, matar. Vai para a Febem, fica lá se quiser, ou não, vai embora, sai de lá pior do que entrou. O moleque com 12 anos de idade, com 5 passagens pela polícia, os outros, qual o número de passagens, Luciano?

No conteúdo dos meios, o sentido é construído a partir do senso comum, sem nenhuma preocupação com uma ruptura que promova a reflexão, o questionamento. **Datena** torna-se um representante de um grupo desprotegido na medida em que parte de estereótipos, idéias difundidas e assimiladas, para chegar à realidade. Suas palavras refletem uma posição ideológica de que todo o mal do país se concentra na instabilidade social, sem definir ao certo o que seja isso, e refrata uma posição de que por meio da força é que conseguiremos a ordem.

Regra geral, a mídia trata a violência de uma forma estigmatizada "contra os pobres e a pobreza".[95] Condenada ou aplaudida, a participação ativa do apresentador é interpretada como um momento dialógico. Ainda que não exista espaço para a reflexão por parte do telespectador, na sua visão percebemos que o comentário subjetivo de **Datena** é entendido como promoção de diálogo.

> *Vejo também o repórter agora, o **Datena**. Às seis horas da tarde. Assistia (também quando era na **Record**), assistia. Sou fã dele, porque ele é positivo. Ele é positivo porque ele é enérgico. Ele fala as coisas que são certas, mesmo. Inclusive, ele fala que teve um filho que foi drogado. E eles falam as verdades, e outra, fala com a turma que tem filhos, para abrir o olho.(4)*

> *Eu mudei pra **Band**, no dia que o **Datena** mudou, eu mudei também. Eu gosto dele, agora que ele está sendo ameaçado de morte e ele, ele pode não estar fazendo nada, ele não tem condição de mudar nada, mas pelo menos ele luta pelos nossos direitos. Então, eu até deixei de gostar do **Cidade Alerta.** Eu falo **Cidade Alerta**, mas é o **Datena**, é o **Brasil Urgente**, né!?(4)*

> *Ninguém é igual ao **Datena**, eu gosto mais do **Datena**. Eu acho sem graça (o **Milton Neves**)! Ninguém é igual! Um passa melhor do que o outro, a notícia. A diferença é que, o **Datena**, ele luta pelo direito da gente, ele é contra os bandidos, ele não tem medo de falar a verdade. O **Datena** não está nem aí, ele briga com a polícia se ela estiver errada, e aí, ele luta, luta, luta e eu fico me perguntando, 'como é que esse homem tem coragem?'(3)*

---

[95] RONDELLI. Dez observações sobre mídia e violência. ... op. cit., p. 35.

*Ele (apresentador do **Repórter Cidadão**) é como o **Datena**. Ele gosta de falar de todos. Ele é como o **Datena**. Eu acho bonito o jeito dele. Ele não tem negócio de estar ali, aquele ali é pobre, aquele é rico, ele gosta mais é da pobreza. Ele vai fundo. Eu acho muito importante porque tem que dar valor para a sociedade toda.(3)*

*No **Datena** eu gosto do jeito que ele apresenta o programa, ele faz um comentário, daí ele falou, tipo assim, das falhas ... dos responsáveis pelas. Então eu gosto de ouvir o comentário do próprio apresentador. Entendeu? Porque a gente tá assistindo, eu mesmo às vezes me dá vontade de ..., se eu pudesse falar mesmo o que... 'tá' vendo ali Mas eu gosto de coisa que fala sobre coisa, quem é responsável e quem não é.(3)*

*Vejo também o repórter, o **Datena**. Sou fã dele, porque ele é positivo, né!? Ele é positivo porque, ele é enérgico, né!? Ele fala as coisas que 'é' certa, mesmo? Inclusive ele fala que teve um filho que foi drogado, né!? E ele fala as verdades, e outra, fala com a turma que tem filhos, pra abrir o olho. Mas ele mete o pau na polícia também. Quando a polícia falha, ele fala também.(3)*

Com relação às ameaças de morte sofridas pelo apresentador, a divergência de opinião entre os telespectadores deixa clara a interação desses com os programas. Como era de se esperar, aqueles que consideram o programa informativo, prestativo, defendem o apresentador, consideram essas ameaças uma prova das boas intenções do apresentador. Os demais, por sua vez, vêem nesses comentários sobre ameaças de morte mais um exagero, uma forma de chamar a atenção.

*O **Datena** está sendo ameaçado de morte porque ele fala contra os bandidos, né, ele mesmo falou, ele e aquela repórter, Fátima Souza. E tem mais autoridades aí que estão, é juiz, é promotor, é não sei o que, está tudo ameaçado de morte!(3)*

Ah, ele fica chamando, ele fica chamando muita atenção, batendo na mesma tecla, sabe. É, "tão dizendo que vão me matar, mas eu não tenho medo de morrer não, pode vir me matar que eu 'tô' esperando", 'pra' que ele vai fala isso? Neguinho já vive matando sem ninguém fala nada e ele fica procurando encrenca aí! Agora por que tem que ele fala isso? Porque tem vários seguranças, mas isso não resolve não. Não viu o segurança do exército com o filho do homem lá, não mataram o homem. Quando bandido quer matar, não tem esse negócio não, não tem o que segura.(2)

4.5.3.1.4 Os outros recursos

Como já observado em vários momentos, a sintaxe dos textos dos apresentadores, principalmente de Milton Neves, é fragmentada. Os assuntos não são encerrados, o apresentador passa de um assunto a outro, chamando os repórteres, aparentemente na medida em que é comunicado, pelo fone de ouvido, sobre novos acontecimentos. Essa fragmentação, em alguns casos, resulta em um texto que necessita imagens para sua compreensão, o que entendemos que possa ser parte de um estratagema para prender a atenção do telespectador, que tem a impressão de estar sempre recebendo informações atualizadas. Os vazios da fala do apresentador apresentam-se como 'silêncio fundador', uma oportunidade para que o telespectador reflita sobre o que foi dito. Ao mesmo tempo em que enfatiza que o programa dá uma cobertura completa dos acontecimentos, o apresentador destaca as oportunidades para que o telespectador faça suas análises, eximindo-se dessa responsabilidade. Nessa prática, a intertextualidade manifesta é característica. O apresentador recorda fatos semelhantes como recurso de contextualização de fatos desconectados, apresentados sem uma preocupação maior de análise, ou mesmo informação.

> **MN - Até já Eleonora. 'Te' chamo na seqüência. Vamos falar de ousadia, agora de bandidos ... A ousadia dos bandidos em tentativa de resgate de presos no Presídio Adriano Marrei aqui em Guarulhos, aqui na Grande São Paulo, sem dúvida, não tem tamanho. A reportagem é de Carlos Cavalcante, acompanhe ...**

> **MN - Gostaria que você ficasse na escuta agora, <u>Cavalcante</u>, pois vamos fazer uma entrevista ao vivo neste instante. Entrevista ao vivo com a piloto Márcia Faria, que está aqui nos nossos estúdios. Boa Noite, Márcia.**

MN - A Márcia continua conosco aqui nos estúdios e enquanto isso, em pílulas, vamos mostrando tudo aquilo que aconteceu ontem e ... o mais importante ... o estado de saúde do Alexandre Colaço. Ele que foi realmente heróico, fantástico, maravilhoso e com uma habilidade tremenda de parar onde parou.

Outra seqüência.

MN - Aí a Fernanda, nossa repórter ... Agora vou falar em covardia ... Bandidos seqüestram a gerente de um banco, e o pai dela de 74 anos de idade também é seqüestrado.

Outra seqüência.

MN - Secretário muito obrigado ao senhor por enquanto. Aliás, parabéns ao senhor, parabéns ao dr. Bittencourt. São duas opiniões, em alto nível, colocadas ao vivo em rede nacional no Cidade Alerta**, mostrando todos os lados, e você na sua casa, você na sua casa, tira suas conclusões. Muito obrigado e os dois repórteres voltam com os dois entrevistados na seqüência.**

Na falta de informações mais detalhadas, mais consistentes, fruto de investigação jornalística, que permitam uma análise da situação, não que esse seja o objetivo do programa, o apresentador faz referências a outros contextos, por exemplo, situações semelhantes em outros países, e comenta as providências tomadas; claro, porém, sem levar em conta as diferenças estruturais e culturais. Analisamos essas referências do ponto de vista do auditório pretendido e do efeito pretendido sobre este auditório, que no caso poderia ser a transmissão de uma imagem culta.

D - É de repente numa dessa que cai um policial, não é tenente? Perguntei uma vez para um juiz de futebol 'o que você tinha que escolher ser juiz de futebol?' Eu queria pergunta para o senhor 'Por que você resolveu escolher ser policial militar?' E perguntei foi para o Serra uma vez, 'Ô Serra, por que você vai querer ser presidente do Brasil? É uma gelada, um abacaxi que não tem tamanho'. A mesma pergunta faço para o senhor, por que quis entrar para a polícia? A

imagem da polícia é fantástica e tal. Não é brincadeira fugir de bala. Foi agora há pouco. Tenente, parabéns. Não é fugir de bala, é baixar da bala quando é possível, mas também dar quando precisa.

MN - Dr. Furukawa, eu falava a respeito do que fez a polícia de Nova York. O senhor que é um homem que estuda o que o mundo faz no campo da segurança, no mundo da penitenciária. Os americanos acabaram boa parte com a criminalidade de Nova York, que é a capital do mundo, expulsando os policiais ruins e remunerando muito bem os policiais que ficaram. Nesse caso, esses agentes que fizeram um brilhante trabalho (...) neste momento não dá para remunerar esses bons profissionais, porque se eles tivessem errado, o senhor os puniria, não dá para realmente para remunerar, para dignificar a função deles?

Mas os americanos fizeram isso.

O apresentador também recorre à lembrança de fatos passados e até da ficção, como se fossem acontecimentos relevantes o suficiente para estarem presentes na memória coletiva. Neste sentido, lembramos Halbwachs,[96] para quem a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares (...) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as do passado. Todos os recursos são úteis para a contextualização de um relato fragmentado, sem coerência.

MN - Os ensinamentos do, aspas, Mestre Escadinha ... olha aparecem, os seguidores não param de aumentar. E a ousadia aumentando também, o helicóptero lá no presídio pra resgatar um preso. Entendeu? Isso começou com o Escadinha, faz tempo, e ele já está regenerado, dizem.

MN - Todo preso, meus amigos, adoraria ser um passarinho. O Escadinha foi muito melhor que o Steve Mc Queen no filme Papillon, ele não tinha um helicóptero para pegar. O Escadinha deu certo. Agora ontem não deu certo.

---

[96] HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

Pela dimensão da ocorrência, a tentativa de resgate de presos do presídio em Guarulhos, na Grande SP, ocorrido no domingo anterior, foi assunto também explorado no **Programa do Ratinho.** O apresentador inicia a matéria abordando o assunto sob a mesma perspectiva dos programas jornalísticos: o sistema de defesa dos presídios contra esse tipo de ação, resgate por helicóptero, a atuação da polícia e a precariedade do sistema presidiário. Nesta abordagem, deixa claro sua posição de que "ao bandido não deve ser dada a menor chance", linha desenvolvida já na época em que comandava o programa **190 Urgente**, não deixando de questionar o serviço de segurança dos heliportos da cidade, dos quais se coloca como usuário regular e, portanto, grande conhecedor, argumento utilizado para fundamentar suas opiniões.

Os recursos lingüísticos utilizados são os mesmos encontrados nos demais textos: a dramatização, o exagero, os silêncios.

> **R -** (em *close*) **Olha aí, é aquele negócio. <u>Colocaram o cabo de aço aí onde ficam as quadras. Mas, tinha que colocar cabo de aço na penitenciária inteira.</u> Cercar a penitenciária inteira de cabo de aço. <u>É barato isso, gente</u>. Se fosse um negócio caro, até a gente falaria "não tá fazendo por falta de recurso", mas cabo de aço é um negócio muito barato, para colocar no presídio, para evitar até que um helicóptero se aproxime. <u>Quer dizer, o coitado do piloto, que não tem nada a ver com a história, acabou ... está lá no hospital</u>. E a polícia também, chegou perto tem que meter fogo. Como vai fazer? <u>Vai deixar ... Está errado primeiro quem deixou subir num prédio comercial um bandido armado</u>. Tem que descobrir quem é que trabalha nesse prédio comercial, porque ele que deixou o bandido subir no heliporto. <u>Porque para subir em heliporto em prédio não é fácil, ainda mais em um prédio desse daí</u>** (referindo ao DACON)**<u>, que eu conheço muito bem.</u> É muito difícil, tem esquema lá dentro. Tenho certeza absoluta. Pode pesquisar que tem, não é possível. Agora ... tem que cercar todas as cadeias.**

> **R -** (em *close*) **Mas é que ele saiu de um lugar, saiu de um lugar, aonde não tinha o outro camarada. <u>O cara entra dentro de um helicóptero e fala "pára naquele prédio que eu vou pegar um amigo meu". Quantas vezes eu já fiz isso?</u> Pegar um amigo meu. Quando chega lá, o amigo está armado. Aí põe o revólver na cabeça**

do comandante fala "vai em tal lugar" e o cara tem que ir. Ou vai ou morre. Fazer o que? Aí o coitado do rapaz lá, no hospital, em coma, e o duro é que o bandido não morre. Nunca morre. Que coisa! Oh, raça do diabo (aplausos) E a polícia ... tá certo ... tem que meter fogo. O errado tá em não ter colocado cabo de aço para a pessoa nem passar perto.

4.5.4 Classificação da programação: os gêneros e as mediações

A relação do homem com o mundo se dá por meio das palavras, cuja utilização pressupõe atribuição de significados, que vão ser polissêmicos, conforme as referências sociais, ideológicas e psíquicas de seus enunciadores e enunciatários. Atribuídos os sentidos, como estratagema de facilitação da comunicação, textos são classificados refletindo a relação entre o homem e sua expressão da natureza, constituindo-se o gênero. Na comunicação de massa, o gênero, retomando Martín-Barbero, transforma-se na interface utilizada pela indústria para antecipar uma audiência, que, por sua vez, tem neste uma perspectiva de leitura. Para essa leitura, é necessário que o telespectador tenha uma certa competência.

Já observamos que esse telespectador facilmente classifica a programação como 'filme', 'novela' ou 'telejornal'. Isso ele 'aprendeu' e já faz parte de seu capital cultural mediático. Porém, uma avaliação dessa programação que vá além das expectativas de gênero, ultrapassando também a dicotomia 'real' x 'fictício', exige um estímulo maior. Sendo o objetivo principal deste estudo entender as leituras feitas da programação televisiva, após comentarem aspectos gerais da programação e suas preferências, pedimos às pessoas que categorizassem os programas a partir do que elas consideram ser o pior, explicitando, nas entrevistas, seu significado.

4.5.4.1 O que há de pior na programação de TV

Os programas considerados os piores são aqueles que trazem situações do cotidiano dramatizadas por uma abordagem sensacionalista da exploração da aberração, da exposição ao ridículo e até do assistencialismo. Como piores programas são mencionados: **Programa do Ratinho** (21,51%), **Canal Aberto** (João Kleber) (11,46%) e **Hora da Verdade** (Márcia Goldschmidth) (9,26%). Na tabela 18, que traz a relação completa das menções, notamos que nem sempre as pessoas reconhecem o programa pelo seu nome, e sim pelo apresentador.

Tendo em vista as análises feitas das estratégias de dramatização adotadas pelos programas polemizados e esta classificação, verificamos mais uma vez que o telespectador não reconhece sensacionalismo nos programas ditos 'policiais', atribuindo aos mesmos um caráter jornalístico.

Tabela 18 - Piores Programas da TV

Programa do Ratinho	21,51%
Canal Aberto (João Kleber)	11,46%
Hora da Verdade (Márcia)	9,26%
Domingo Legal (Gugu)	4,71%
Cidade Alerta	4,40%
Linha Direta	4,24%
Faustão	3,77%
Novelas	3,61%
Big Brother	2,67%
Sérgio Malandro	2,51%
Te vi na TV	2,04%
Datena	1,73%
Casseta e Planeta	1,57%
Outros	26,53%

A tabela 19 mostra a distribuição das opiniões sobre a programação de TV. A identificação dessas opiniões foi obtida a partir da concordância ou não com frases construídas com os indicadores levantados nos Grupos Focais.

Uma análise geral desta distribuição indica que a questão da violência na TV é mais relacionada aos comportamentos do que às conseqüências. Desrespeito é violência para 88,7% das pessoas, enquanto 88,5% não relacionam violência à morte. Brigas e vocabulário vulgar são considerados violentos por 62,1% e 53,2%, respectivamente.

Os relatos sobre os hábitos mostram pouca diversificação de atividades de lazer e grande justaposição de meios, conforme já comentado junto às tabelas 6 a 13. De um modo geral, verifica-se que a televisão não é necessariamente vista nem como fonte de diversão, nem de informação. Analisamos estes resultados como reflexo de uma falta de opção, de caráter dialógico e compulsório na medida em que seus conteúdos refletem e refratam o cotidiano, motivando as interações sociais, em alguns casos.

> *É tem outros veículos de informações, revista, livros, jornais, essas coisas. Eu acho que por esses outros veículos aí também. Eu acho que não faz muita diferença não televisão. Com a programação que tem, só se melhorar! Com a programação que tem, não. Do jeito que é, não faz muita diferença não! (1)*

Tabela 19 - Opinião sobre a programação de TV

Você concorda ou discorda que ...	Concordo	Discordo	Não sei
No Programa do Ratinho tem muita coisa que é combinada.	90,4%		
Alguns programas são violentos porque desrespeitam as pessoas.	88,7%		
*Programas **não** são violentos só quando mostram mortes.*	88,5%		
Falta diversão na TV.	69,7%		
Não é preciso assistir à TV para ficar mais informado.	69,6%		
A competição entre participantes chama a atenção.	67,2%		
Violência na TV é mostrar as pessoas brigando.	62,1%		
O Programa do Ratinho é violento.	61,6%		
Na TV, o que falam é mais violento do que o que mostram.	53,2%		
O desenho do Pica-pau é violento.	50,4%		10,8%
A TV mostra a realidade de forma mais atraente.	48,1%	49,5%	

O **Programa do Ratinho** aparece como exemplo de manipulação e violência, se às frases a ele especificamente referidas somarmos as características apontadas como indicadores de violência, como uso de vocabulário vulgar e desrespeito às pessoas. **Canal Aberto** e **Hora da Verdade** também são citados como programas que "exageram" ou são "inadequados porque exploram situações bizarras, violentas, ou infelizes", mas também são considerados "chatos" e "desinteressantes". Estes programas não cumprem as expectativas em relação à satisfação da natureza curiosa, nem necessidade de informação por parte do telespectador.

Tabela 20 - Programa que é chato porque faz suspense e não mostra nada

João Kleber (Canal Aberto)	49,3%
Outros	19,6%
Márcia (Hora da Verdade)	10,0%
Programa do Ratinho	8,4%
Em branco	6,5%

Não Há	6,2%

Na categoria "Outros" encontramos com maior incidência: **Te vi na TV**; Gugu (**Domingo legal**); **Sabadaço**; Faustão.

Na seqüência, comentamos a distribuição da tabela 19 a partir dos discursos do receptor. Primeiro os aspectos mais gerais, depois os relacionados mais diretamente à temática deste trabalho, o que implica que os comentários não são apresentados na ordem decrescente da distribuição percentual.

O primeiro aspecto comentado é a opinião sobre a capacidade de a televisão oferecer diversão.

4.5.4.1.1 Falta diversão na TV

Praticamente 70% das pessoas pesquisadas consideram que "falta diversão na TV". Isso se torna relevante na medida em que também dizem, tanto na abordagem quantitativa como na qualitativa, que a televisão é uma das principais opções de lazer existentes. Estas colocações adquirem sentido quando analisamos os discursos sobre os programas humorísticos, considerados ruins, antiquados e sem graça. A exceção fica por conta do programa **Casseta e Planeta**, classificado como 'inteligente' na medida em que satiriza a realidade apresentada no noticiário da semana. **Zorra Total** é preferido em relação à **A praça é nossa**, ambos apresentados aos sábados, sob o argumento de que **A Praça é nossa** só traz gente mal vestida e velha.

Além dos programas humorísticos tradicionais, são mencionados como fonte de diversão o **Programa do Jô**, **Globo Repórter** e **Repórter Record**. O **Programa do Jô** é representativo do que as pessoas consideram entretenimento televisivo de boa qualidade porque traz diversão com as piadas do apresentador, mostra o inusitado, cumprindo seu papel na satisfação daquela curiosidade natural já

comentada, e tem uma linguagem acessível, sem apelação de vocabulário, ou 'baixarias' como identificado pelas pessoas. Os demais programas citados são reconhecidos como entretenimento por pessoas de nível socioeconômico D, com baixa escolaridade, o que talvez explique esse reconhecimento, uma vez que se constituem no único momento de relaxamento, sem vínculo com a realidade por elas vividas.

> *Eu gosto das figuras que ele(Jô) leva. Ele leva desde intelectuais até pessoas de banda de rap. Ele leva de tudo um pouco. Ele faz uma seleção de figuras totalmente diferente e leva para a TV.(...)Quando a gente vai assistir (a)o* ***Programa do Jô****, você sabe que vai ver o inesperado. Ele não segue aquela coisa, aquele ritmo assim. A única coisa que ele segue são as piadinhas. Ele abre com as piadas mas de repente ele mexe com quem está no palco e aquilo ele traz para o programa.(1)*
>
> *Ele (o Jô) é assim, a gente vai assistir ao programa do Jô você vai vê o inesperado. Ele não segue aquela coisa, aquele ritmo assim. A única coisa que ele segue são as piadinhas. Ele abre com as piadas, mas de repente ele mexe com quem está no palco e aquilo ele traz para o programa. Não é uma coisa assim de relance. A inteligência dele eu gosto. Eu acho ele assim super engraçado. Ele faz da inteligência dele uma coisa engraçada.(2)*
>
> *(Humor)* ***Casseta e Planeta****! Eu acho divertido. É o único divertido, o resto eu não gosto de nenhum. Nossa,* ***Zorra Total*** *eu detesto. Nem ele, nem* ***A Praça é Nossa****. Não vai, enjoei. Eu não gosto do Chico Anysio, não gosto.(1)*
>
> *(****Casseta e Planeta****) também. Eu pouco assisto, né, só nas férias mesmo, mas eu acho que eles são divertidos. O único programa que mexe com político, que mexe com todo mundo e fica tudo certo! (1)*
>
> *Eu gosto de humor, agora,* ***Zorra Total*** *é uma coisa assim, meio sem graça.* ***Casseta e Planeta*** *eu acho legal.* ***Zorra Total****, são quadros meio, que não me agradam assim muito, que você não dá aquela assim, você não dá gargalhada, não é uma coisa muito inteligente, sabe!? É uma coisa meio ... o cara vai lá e vê a mulher meio pelada, uma coisa meio, nada inteligente.* ***Casseta e Planeta*** *eu já acho uma coisa mais ... A sátira deles é uma coisa um pouco mais inteligente, eles mexem com a realidade. Eles*

pegam político, e pegam ... eles mexem com notícia da semana, eu acho uma coisa bacana. (2)

***A Praça** é muito sem graça. Fica aquele homem sentado ali e vai chegando aquele pessoal velho, vestido feio. Vão falando umas besteiras, e todo mundo ri. Não gosto não. ... O **Zorra Total** só não tem auditório. ... Os humoristas são todos antigos.(3)*

*(O que é divertido na televisão?) Tem **A Praça é Nossa**, que diverte, só que é muito tarde. Tem muitas coisas no **Globo Repórter**, que fala sobre os animais, que fala sobre a selva. No **Globo Repórter** fala sobre a selva, sobre peixe, que eu gosto. Tem também agora aquele **Repórter Record**, na Record, que um dia falou lá do Piauí, das praias, que deve tem muita gente que nem conhece! E lá é muito bom, é diversão! (4)*

Retomamos Gabriel Priolli, quando diferencia "programa popular" e "reis da baixaria", para analisar a fala de alguns dos entrevistados, que lembram Chacrinha como um exemplo de diversão popular na TV:

Nossa televisão é uma porcaria, é só pegadinha, só de ouvir a voz do Faustão... Quem fazia isso bem já morreu que era o Chacrinha. (O que o Chacrinha fazia de melhor?) Não tinha pegadinha, era programa de auditório, e eram diferentes as pegadinhas dele, ele jogava melancia, abacaxi no auditório, divertia. (3)

Ele (Chacrinha) foi o pioneiro desses tipos de coisa, mas ele fazia melhor que esses caras de hoje. Eles tentam imitar, mas não conseguem. Eles apelam muito para o sexo, para humilhar o telespectador. Ao meu ver eles tentam fazer uma cópia sem sentido, Chacrinha trouxe o circo para a televisão.(3)

Outra alternativa de diversão são os programas com competições, sendo **Big Brother Brasil** o exemplo mais típico. As pessoas consideram que esses programas, apesar de exagerarem algumas vezes, divertem.

Tabela 21 - Programa que exagera, mas diverte porque tem competição dentro do programa	
Outros	35,6%
Não há	24,6%
Não conhece	17,0%
Gugu (Domingo Legal)	9,1%
Programa do Ratinho	8,1%
Big Brother Brasil	6,5%
Caldeirão do Huck	5,5%

Na categoria "Outros" encontramos com maior incidência: **Te vi na TV**; Sérgio Malandro; Sílvio Santos; **Roleta Russa**; João Kleber; **Interligado**; Gilberto Barros; Faustão; **Curtindo uma viagem**, Celso Portioli.

> *Sei que diversão na TV é só programa humorístico, não tem, acho que nem tem como fazer um programa divertido. Não tem, só tem* ***Casseta****. Ah, eu gosto também programa assim, que nem é, tem o do, no SBT,* ***Curtindo uma Viagem****, também gosto. É de, meninos contra as meninas, né!? Que eles ganham uma viagem, sei nem, não sei se eles ganham mesmo aquela viagem, mas tudo bem! A gente acredita que ganha, né!? Eu também acho legal aquilo lá, é de competição, né!?(1)*

Nesse contexto, a variação dos formatos, a criação de situações dramatizadas, cômicas, com envolvimento de pessoas comuns, como ocorre nos programas de auditório, com competições, torna-se uma opção bem vinda de entretenimento.

4.5.4.1.2 A TV mostra a realidade de forma mais atraente – a questão da manipulação

Há aspectos nos programas que podem ser comparados com a realidade, a questão é que essa é muito dura, e na televisão, para 48,1%, a realidade é mostrada de uma maneira mais atraente. Neste sentido, os programas jornalísticos ‘não

mentem, não maquiam, retratam a pura realidade' e a televisão é considerada manipuladora por não mostrar tudo, só mostrar o que interessa à emissora, seja positivo ou negativo. A manipulação, quando identificada e reconhecida, representa a omissão dos meios em não divulgar aspectos que poderiam complementar as informações, não divulgar as conseqüências dos acontecimentos. A televisão hoje seria mais verídica, graças à tecnologia. As pessoas não vêem a tecnologia como uma possibilidade de manipulação de imagens, mas sim como oportunidade de maior veracidade.

> *Não, eu não acredito que exista não. Isso mostra em programas de telejornal, é isso mesmo. Mesmo porque, hoje existe uma cobrança do povo muito grande, em relação à veracidade das notícias.É coisa interativa, é tão rápida. Hoje a mídia 'tá' aí, é só jornais, revistas, televisão, tem internet, então se eles caírem em descrédito. Acho que já existiu uma manipulação muito grande de notícias. Acho que hoje não, mesmo porque não existe um canal só, né!? São vários, então, é complicado várias emissoras fabricarem, manipularem, cada uma manipularia de um jeito. As notícias são dadas por eles. Depende do jogo de interesse, não sei.(2)*
>
> *Na televisão eles mostram só o lado ruim. Eles não mostram nada de bom, tem punição, mas não mostram. Você não vê o que acontece com essas pessoas que praticam crime depois de um tempo. A mídia manipula. Eles só mostram o fato em si, não divulgam o que aconteceu de ruim com eles, também.(1)*
>
> *A Globo só mostra o lado bom, só o lado que interessa a eles, o lado que interessa ao pobre não mostra. ... Ele só mostra a parte do interesse deles pra fazer a mídia deles. Eles mostram quando trata de produção. Fala "a Volkswagen produziu tantos veículos" , mas não fala porque o salário do pobre ... não fala, só fala na mídia. Se fala lá do Nordeste, só mostra a lavoura. Mostra lavoura, lavoura, lavoura, mas não mostra a miséria que tem lá no Norte no Nordeste. Não mostra nada, a miséria, é só lavoura, fazendeiros, banqueiros. Só esse pessoal é que eles mostram. Só mostram a coisa para fazer mídia. Coisa que dá, que interessa a eles, mas a verdade a fome, a miséria, a má educação, que existe no Brasil, eles não mostram. (3)*

'Tão' fazendo tanta coisa para chamar a atenção, que você nunca sabe o que é verdade ou não.(3)

Mesmo acreditando que a televisão tenha uma instância manipuladora, não a consideram poderosa, capaz de exercer grande influência nos comportamentos. Um eventual poder só existiria junto às pessoas inclinadas a desvios comportamentais ou às crianças porque os pais estão ausentes, não conversam com seus filhos. No geral, o que mostram na TV é superficial demais para ser levado em consideração ou não é compreendido. As crianças, por exemplo, são consideradas incapazes de perceber a implicação das mensagens. Nesse discurso, a referência principal para análise é a própria situação, 'se eu posso, se eu pude, os outros também podem'. As leituras, notamos, são feitas a partir da história de cada um, de seu contexto social mais próximo.

Na novela você não vê isso. E se tem, que nem, por exemplo, na novela das oito tem as, as lésbicas, né!? Quer dizer, se você pegar minha filha de dez anos ela nunca vai perceber. Entendeu? Ela não ia perceber, quer dizer, deixa aquele tiro no ar. Quer dizer, quem é mais esperto entende, né!? Quem não, coitado.(1)

Tem um monte de mãe que fala isso (que não consegue controlar o que os filhos assistem). Em reunião, eu já vou à reunião escolar faz anos, né!? Sempre tem aquela mãe que o filho é pentelho, que a professora reclama e, sempre ela fala a mesma coisa "Eu não posso ficar cuidando dele, não tem jeito!" Como não tem jeito? Se na minha casa tem, por que na dela não tem? Acho que é muito corpo mole. Dá pra obrigar, dá pra fazer. Dá o exemplo! Quando eu vejo começar um filme ou assim, qualquer coisa que eu não gosto, eu já mudo de canal, embora ele tenha TV no quarto dele, né!? Habitua a ficar junto, né!?(1)

Eu acho que quando a pessoa faz isso (cheirar cola, virar bandido), é porque quer! É porque a pessoa não chega a esse ponto, mas porque quer! Não é por causa de ilusão de amigo, é porque quer mesmo! Eu acho que a pessoa só vai pro lado ruim porque

quer! Porque eu já tive oportunidade de ser uma pessoa ruim! Porque meu pai morreu quando eu tinha cinco anos! (4)

Nós (adultos) assistirmos, tudo bem, porque já temos as informações formadas na nossa cabeça ... agora as crianças não. ... Eles questionam muito, como no caso do casal que atirou o filho contra o carro, 'Mãe porque ele fez isso? Porque ele usa droga. E porque ele usa droga? Onde ele acha droga?. (1)

Ela está bem maquiada, tem o corpo perfeito, é isso aí. Outra hora você liga no Gugu Liberato nada do que se aproveite, ali você só vê bunda. Então que dizer, a pessoa só vê aquilo, então que dizer o corpo dela tem que ser o meu, ela vai condicionando aquilo na cabeça dela, isso eu falo para quem tem a cabeça, e se condiciona com isso, porque é assim... . Isso é porque a pessoa luta por um destaque... Ela quer se mostrar que ela está bem, que ela esta bem colocada na sociedade, ela se mostra para as outras pessoas, então eu acho que induz nesse sentido, que você tenta ser...(5)

Acreditam que na apresentação dos quadros dos programas ocorram algumas montagens, dramatização para despertar a atenção dos telespectadores. Porém, novamente em um processo de redução de dissonância cognitiva, pois afinal todos assistem a essa programação e dizem, no caso dos programas policiais, tratar-se da realidade, justificam isso em função da guerra pela audiência ou até mesmo do atendimento das necessidades da população. Em alguns casos, colocam em dúvida esta possibilidade de manipulação, teatralização.

*(Não tem exploração no programa do) **Datena**, não! (...) Aquela **Márcia**? Aquilo lá pra mim, é programado! Tem cada uma lá! O **Datena** tem boa audiência, não tem!? Eu gosto dele! (A **Márcia**) onde se viu? Cada uma que vai lá! Será que existe essas coisas que fazem lá? Ah, não!.(4)*

*Como o **Ratinho**. Ele só mostra bobagem, briga, violência. Marido dando soco em mulher. E dizem que é a produção que pede para fazer isso.(3)*

*(**Ratinho**) A senhora não acha que lá, ou aquilo lá é combinado ou é baixaria demais. Eu tenho a leve impressão de que aquilo lá é pago, ' pra' fazer aquilo lá. Eu acho*

que tem que ser pago, porque não é possível. Mas acontece que eles chamam atenção, sensacionalismo porque a turma não tem o que fazer. Fica dando risada.(3)

*As pessoas que vão lá (no **Ratinho**) vão pelo dinheiro, porque eles contratam para participar do programa. O povo está morrendo de fome, então aceita.(2)*

Mas ao mesmo tempo em que essa pessoa está lá, ela deve receber alguma coisa. Ela vai lá se expor ao ridículo, mas ganha cem reais ou alguma coisa assim.(2)

*(...) Esse **Ratinho**, eu só assisti uma vez, porque aquelas pessoas que vão naquele **Ratinho**, fazer aquele papelão na televisão, lá. Todo mundo vendo, aquilo lá, aquilo lá é pago pra fazer, viu!? Os caras tão ganhando cachê, no mínimo! Nossa, a mulher lá, o homem aqui, um ofendendo o outro. 'Pra' mim isso aí é programado! Não é realidade, não! E o **Ratinho** diz que ganha uma nota, né!? (As pessoas) assistem para ver, se batem lá, mulher ofende o marido, marido ofende a mulher, né! ... E a gente, às vezes não tem programa nenhum! Mas o **Ratinho**, só assisti uma vez, eu não gosto! (1)*

*E tem lá, um taca chinelo, aí fica aquele monte de calçado no meio. Eu já ouvi falar que tem alguma coisa que é combinada. Eu acho que todo programa tem, só que o **Vagner Montes** disse que no dele não tem isso! A **Márcia** também diz que no dela não tem! (4)*

Para exemplificar como isso pode acontecer na programação, reproduzimos um trecho **Programa do Ratinho** no qual o apresentador deixa claro tratar-se de uma matéria montada para ser apresentada no programa. A produção seleciona um fato corriqueiro e o transforma em assunto pela dramatização, atribuindo, nesse processo, grande importância à atuação do programa no sentido da prestação de serviço. Nessa matéria é apresentado o caso de uma mulher que 'tira coisas de dentro de um ovo para resolver os problemas das pessoas'. **Ratinho** critica o charlatanismo, a exploração financeira das mazelas do povo pelos falsos curandeiros, encobrindo, logicamente, a abordagem do próprio programa, que faz o mesmo, porém com o argumento do alerta à população.

R - (em *close*) **Daqui há pouco, você não pode perder nesse programa. A mulher ... ela diz que tira coisas de um ovo, mas ela vai ter uma surpresa ... Ela acha que esse programa ... minha comadre, safada, pilantra ... engana esses coitados que vão aí. Aliás, todo mundo que vai atrás desse negócio de macumba, de macumbeiro, a vida só vai para trás. Se negócio de macumba desse lucro, todo macumbeiro tava milionário ... tá tudo quebrado, tudo numa m... desgraçada. O cara não consegue consertar a vida dele, vai consertar a tua.**

R – Isso é uma safada, eu vou te contar. Como é que fala surpresa em inglês? *Surprise*. Vamos ver essa história do ovo. Essa mulher ... sabe aquelas safadas, que a pessoa 'procura ela', "você me traz um ovo que vou mostrar o feitiço que estão fazendo para você". Ela faz uma mágica, vai lá coloca o ovo num plástico e começa tirar coisa do ovo. Mas nós fizemos uma surpresa para ela.

R – Essa aí vai parar de fazer macumba. Vai enganar, coitadinho. O pessoal aí ... que eu vou te contar uma coisa. O povo que acredita nisso, além de pagar 35 tinha que levar uma sova, para largar a mão de ser tonto, viu.

4.5.4.2 Delineando a presença da violência na televisão

A violência está ligada ao crime, que é violento por si só, porém na televisão a exploração torna o sexo e a aberração temas violentos. As pessoas praticam a violência para conseguirem o que querem, porém não existe justificativa para sua prática. Em muitos casos a composição texto mais imagem é o que é violento, sendo que só a imagem nem sempre choca tanto. Na maioria das vezes, as palavras é que tornam a situação violenta (53,2% - tabela 19). Os discursos a seguir ilustram o efeito da composição imagem+palavras. Nesses discursos, fica claro que as palavras dão sentido às imagens, e, talvez por isso as pessoas não considerem as imagens dos programas **Cidade Alerta** e **Brasil Urgente** violentas, pois pouco ou quase nada é comentado sobre elas, como observamos nos diversos exemplos das falas de seus apresentadores.

O que seria assim mais violento em um programa, não importa se novela, filme, a imagem ou o texto, as palavras...?Eu acho que é o conjunto, não dá para você separar o que é mais.(3)

Mostrar por exemplo o pai e mãe que a filha matou. (Mas eles mostraram de longe) É, mostraram de longe, mas falaram, as crianças entenderam o que ele falou. Pode ser que não via o corpo direito nitidamente, mas estava ali.(3)

Por exemplo, se você pegar uma propaganda contra a fome, você vê imagens violentas, violência contra a própria integridade da pessoa, a pessoa passando fome, necessidade, mas o texto não é uma mensagem de violência, é obvio. Você sente aquela imagem, o impacto que você sente daquela imagem não é uma mensagem de violência. Você sente aquela mensagem como mensagem de solidariedade.Você tem que associar tudo junto, não dá para você falar assim, é a palavra, porque às vezes a pessoa pode estar usando uma palavras violenta e se você juntar com a imagem vai dar outro sentido. (5)

Eu concordo, acho que é isso. A mesma coisa que campanha de câncer de mama. Eles mostram a realidade, então é uma coisa que incentiva as mulheres a fazerem prevenção, porque antigamente ninguém fazia.(5)

A parte que eu assisti também era a pessoa falando, mas ela contava nos mínimos detalhes o que aconteceu. Isso não precisa ter imagem. É o que a gente falou não precisa ter imagem. Isso aí é só texto, mas o texto que eles falam é uma coisa muito violenta. Porque na verdade o grande exagero é você mostrar violência, mostrar sexo, mostrar mulher sem nenhuma necessidade. É gratuidade.(5)

Indagadas sobre o que seria a violência na televisão, as pessoas confirmam as avaliações anteriores, agora de uma forma mais genérica. A falta de respeito, as brigas em programas de auditório são as situações consideradas mais violentas, mencionadas por 29% e 23% dos respondentes, respectivamente. Cenas de morte e ocorrências da vida real são situações violentas quando mostradas na TV para 12% e 10% dos respondentes. Na avaliação quantitativa, as diferenças entre homens e mulheres só acontecem em relação à falta de respeito e o vocabulário utilizado, a

primeira situação considerada mais violenta pelas mulheres, 35,4% contra 21,3% dos homens, e a segunda pelos homens, 4,9% contra 2,7% das mulheres. (tabela 22)

Violência na televisão normalmente não é relacionada a programas jornalísticos, sejam eles de caráter sensacionalista ou não. Programas jornalísticos e programas com características apontadas como violentas não são considerados os mais violentos. Violento é a dramatização, que não é identificada como um recurso jornalístico. A narração de fatos envolvendo mortes, ataques, acidentes e desastres noticiados nestes programas é considerada prestação de serviço jornalístico. Se são narrados, é porque aconteceram. O formato dessa narração não é considerado sensacionalista por seus telespectadores. Para os telespectadores homens, estes programas são alerta para a população, e a maneira como os fatos são narrados, em etapas, ao longo da programação, enfocando vários elementos, é considerada uma forma de detalhamento, interpretada como interesse do apresentador em orientar sobre os perigos da cidade. Essa interpretação, retomando Rondelli, promove um cenário de uma sociedade fora de controle, de uma cultura de violência ao contrário de uma cultura solidária, pois "o outro é sempre visto como um potencial inimigo de quem se deve, sobretudo, desconfiar".[97]

[97] RONDELLI. Dez observações sobre mídia e violência ... op. cit. p. 35.

Tabela 22 - O que é violência na TV			
	Total	**Homens**	**Mulheres**
Falta de respeito	29,1%	21,3%	**35,4%**
Brigas em programas de auditório	22,9%	19,1%	**26,0%**
Cenas que mostram a morte	12,1%	13,1%	11,2%
Mostrar a realidade	10,3%	9,3%	11,2%
Guerra por audiência	5,7%	**7,1%**	**4,5%**
Mostrar sangue	5,2%	4,9%	5,4%
Cenas que envolvem sexo	4,7%	4,4%	4,9%
Manipulação de situações	4,4%	5,5%	3,6%
Armas	4,2%	3,3%	4,9%
Vocabulário	3,7%	**4,9%**	2,7%
Situação ao vivo	2,2%	1,6%	**2,7%**
Não sabe	2,0%	**3,8%**	0,4%
Situações que exploram crianças	1,2%	1,1%	1,3%
Outros	17,2%	23%	12,6%

Pergunta de Resposta Múltipla

Percebemos que a interpretação da violência na televisão está relacionada com o gênero de programa. Solicitadas a nomear um programa violento, as pessoas não demonstram ter uma opinião claramente identificável sobre o assunto, resultando uma porcentagem de 21,5% de citações diversas (tabela 23). As menções específicas se distribuem entre **Linha Direta**, da Rede Globo, **Cidade Alerta** e **Programa do Ratinho**, da Rede Record. Vale lembrar que **Linha Direta** não estava em exibição na época da coleta de dados, por ser Verão e estar sendo exibido o programa **Big Brother Brasil**, o que nos leva a entender ser **Linha Direta** um programa que marcou pela violência, dado o índice de *recall*. A variedade de respostas nos leva a crer que, embora as pessoas tenham uma opinião determinada sobre o que seja violento, indicada na tabela 22, nenhum programa reúne características suficientes

para ser considerado totalmente violento. Isso nos remete às considerações feitas no capítulo I, de que a violência tem aspectos diferenciados conforme o momento social. Na sociedade atual, competitiva, se manifesta no cotidiano e é mediatizada.

Tabela 23 - Um programa violento

Linha Direta	27,5%
Cidade Alerta	25,8%
Outros	21,5%
Programa do Ratinho	14,4%
Em branco	6,0%
Datena (Brasil Urgente)	5,5%

Na categoria "Outros" encontramos com maior incidência: **Turma do Gueto**; **Repórter Cidadão**; **OZ**; Márcia (**Hora da Verdade**) e Telejornais.

Agressivo ao telespectador é a exibição do corpo no programa do Gugu, "explorar situações com deficientes físicos" (35,47%), "cenas que mostram sangue" (28,2%), "explorar tiroteio entre polícia e bandido" (23,74%), sendo que essas situações também os fazem mudar de canal, além das "brigas de auditório", também citadas como motivo para mudança de canal por 27,9%. As “cenas que mostram sangue” podem não ser consideradas tão agressivas, porém fazem 31,31% das pessoas entrevistadas "mudarem de canal".

Esse comportamento é de certa forma previsto tendo em vista um contexto social e cultural no qual, senso comum, sangue é associado a desastre e morte. Para as pessoas menos favorecidas, incêndios e enchentes são fatos violentos, o que se justifica talvez pelas implicações de tais acontecimentos em favelas, seu local de moradia.

Eles mostram. Mostram gente presa as ferragens. Os bombeiros pelejando para tirar, corpos estirados pelo chão. Mortos. Eu não me acostumo com isso. E quando passa

enchente então.(..). Eu não gosto também de incêndio não. Incêndio, enchente, acidente de trânsito.(D)

"O jornal é violento?" Não. Não, porque o Datena não deixa mostrar sangue, nada. Não deixa mostrar a pessoa esmagada, não deixa. (Ele só conta o que aconteceu?) É! Isso! E esclarece bem a gente.(3)

Notamos que geralmente, na relação de porcentagens, o que faz as pessoas mudarem de canal é aquilo que consideram agressivo (tabela 24), o que se justifica pelas descobertas dos estudos de audiência que concluem que as pessoas normalmente selecionam os conteúdos que lhes pareçam mais interessantes ou que reforcem seus pontos de vista, suas opiniões e suas experiências.[98]

Kant afirma que o mal é produto do arbítrio humano. No capítulo I, interpretamos isso como uma possibilidade de ser objeto de um contrato hegemônico. Esse arbítrio, no caso de nossa análise, se manifesta na especificidade dos programas. Nem todos demonstram gostar dos programas na sua totalidade, havendo sempre um trecho ou outro ao qual não assistem. A presença dos telejornais nesta classificação se explica pela relação que as pessoas fazem ao dizer que a realidade é violenta e esses mostram a realidade.

[98] WRIGHT, Charles. *Sociologia da audiência*. IN **Comunicação da Massa**. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973, p. 68.

Tabela 24 - O que considera agressivo e o que o faz mudar de canal

	Agressivo	Muda de canal
Explorar situações com deficientes físicos	35,5%	34,95%
Cenas que mostram sangue	28,2%	31,31%
Explorar tiroteios entre polícia e bandidos	23,7%	27,67%
Brigas em programas de auditório	20,1%	27,91%
Uso de palavrões	19,5%	19,66%
Explorar o lado pejorativo	19,3%	----
Cenas que envolvem sexo	12,8%	13,83%
Programas de pegadinhas	10,9%	18,20%
Filmes com explosões	3,1%	5,58%
Assiste à tudo	---	20,87%

Pergunta de Resposta Múltipla

Apresentamos um exemplo dessa leitura no discurso sobre os programas de competição, julgados pelo telespectador conforme suas vivências e expectativas. Nesse sentido, acrescentamos que a leitura desses programas como diversão pode ser reflexo do compreensão dos mesmos a partir da manipulação.

> *(Big Brother, Sete e Meio, Jogo do Milhão) Eu, eu acho que a lei ali é o seguinte, as pessoas que são classificadas 'pra' fazer aquilo lá, são pessoas conhecidas deles lá, não é qualquer um. Aliás, tudo nesse país tem treta. Ali não é qualquer um que vai, não. Isso daí é igual esse negócio das prefeituras, é, "vai abrir vaga 'pra' não sei o que, 'pra' motorista, 'pra' tal, tal". Vão milhões de pessoas, tudo 'pra' arrecadar dinheiro. Não tem nada disso daí, os caras que vão trabalhar lá já sabem que é o filho de fulano de tal, bábábábábá. Eu acho que por trás dos bastidores lá, a história é outra. Eu acho. Então o cara que é bonzinho, vai dar cinqüenta mil reais lá, ele escolhe o cara, explica 'pro' cara direitinho, o cara decora o texto direitinho, depois ele vai ganhar, não é qualquer um. Por exemplo, se chamar a senhora 'pra' ir lá, eu sei que a senhora vai responder, mas a senhora não vai ganhar não, é difícil, eles ...(3)*

> *É aquele que tem de sábado, no **Caldeirão do Huck**, lá no Rio de Janeiro, que eu queria até fazer, até gostaria de ser chamada. Tem assim, tem uma parte que ele dá*

bicicleta. Assim: igual à professora e o aluno, aí a professora faz a pergunta o aluno vai e responde, e aí se o aluno responder 'correto', aí depois a professora vai dizer se aquela resposta está certa ou está errada. Então se a pessoa chegar até o terceiro, a pessoa ganha a bicicleta. E aí, o ***Agora ou Nunca*** *é assim, a pessoa faz uma competição, assim qualquer brincadeira, aí se a pessoa ganha aquela brincadeira, ganha dez mil reais. A pessoa se inscreve, aí se for sorteado. Mas eu nunca escrevi! Tem que escrever e esperar se for sorteado. Mas muita gente já ganhou, teve até uma vez, que a Sandy e Júnior 'tava' lá, aquela dupla Sandy e Júnior. E eu preciso até demais 'pra' arrumar um barraco 'pra' mim! Aí eles estavam e a pessoa que 'tava' lá na hora, não acertou a brincadeira, né. Mas aí a Sandy e o Júnior, eles tiveram, é por que eles têm condição e tiveram dó. É, porque tem pessoas que tem condição e não 'tá' nem aí.(4)*

Na fala dos entrevistados, notamos grande rejeição aos conteúdos classificados na tabela 22, observando que para comentá-los utilizam o recurso da terceira pessoa, eximindo-se dessa audiência. Quem assiste são os parentes, os vizinhos, a massa.

Aparece os corpos das pessoas no chão, a família dos outros chorando a morte, a perda de uma pessoa da família. Então é desse sensacionalismo que eu não gosto, então eu evito esse troço.(2)

É muitas vezes do próprio íntimo da pessoa, sabe. Eu não posso ver o sofrimento do outro, quando eu vejo uma pessoa chorando porque matou o pai dele ou matou a mãe, matou o marido ou a criança chorando a perda do pai assim aí. ... Isso aí pra mim é tremendamente chocante, sabe. ... Isso aí me machuca muito, então eu evito ver esses troços.(2)

Pai que mata o filho, estupro, isso eu tiro. ... Essa semana eu sai gritando da cozinha porque o pai estuprava a filha, passou no ***Datena*** *acho.(...) Eu não gosto de Gugu então eu saio. (...) Qualquer programa que mostre violência, eu não gosto.(1)*

Agora, quais os assuntos que interessam à população, que atingem a massa e dão audiência? Sexo, fofoca, violência e violência explícita, vira o botão do canal e escorre sangue. São os extremos, a população gosta de ver sangue, de falar sobre sexo, gosta de ouvir falar disso. ... No Datena aparece sangue ... ontem mesmo, eu

pondo lá, ele mostrando não sei quem que decapitou a avó, Você não precisa explorar tanto a imagem de alguma coisa. ... É a exploração da imagem. ... O menino matou a avó, decapitou a avó, matou. Você pode falar isso, não precisa mostrar o moleque, mostrar como era a avó, onde foi, o sangue da avó no meio da sala, entendeu.(2)

*Por exemplo, aquelas mulheres que no **Programa do Ratinho**, que ficam com dez, quinze homens, é este teste de DNA, depois 'sai na mão'. Como o **Ratinho**. Ele só mostra bobagem, briga, violência. Marido dando soco em mulher. O **Ratinho** não é divertido para mim não. Não acho graça nenhuma sentar na frente da televisão para ver homem brigar com mulher, se tapearem por causa de filho, de paternidade. Tem coisas que eles abordam também que é interessante, mas aquela baixaria que acontece lá eu não gosto. (2) **Ratinho**, **Ratinho** eu não assisto de jeito nenhum e ninguém assiste em casa. O **Ratinho**, **Ratinho** em casa nem pensar. Não suporto aquele homem, é muita baixaria, é muito palavrão, é muito DNA, é muita besteira. (1)*

*O que faz vocês desligarem a televisão? Aberrações do **Programa do Ratinho**, aquele povo sendo humilhado, é ridículo. As pessoas se ofendendo, como no **Programa do Ratinho**.(2)*

A indignação é tão grande em relação ao vocabulário utilizado na televisão, que algumas pessoas chegam a sentir saudade da época da censura.

Mas eu vou dizer uma coisa pra você, eu sinto saudade do tempo da ditadura. Pelo menos tinha aquela censura. Olha, a vida era outra, não mostrava nada disso que aparece hoje. Existia censura, a gente não ouvia esse palavreado que usa hoje na televisão, que às vezes meu filho, quantas vezes meu filho e minha mulher às vezes dependendo do palavreado uma mulher, fazer o que. Agora, quando tinha censura, esses camaradas que tem na rádio e na televisão hoje iam morrer de fome, se existisse a censura, porque hoje em dia o camarada só sabe falar bobagem.(2)

Você quer outro exemplo? Chamar uma mulher de thuthuca, todo o mundo achava um absurdo. Agora hoje, chamam ela de égua. Não é uma evolução do absurdo? O absurdo evoluiu.(5)

Mas incentivar, incentiva. O bicho já é doido, é drogado, vê essas coisas, faz. Quando ele 'tá' drogado, vem na cabeça dele a mesma cena e ele vai e faz. Acho que, sei lá, o governo devia dar uma cortada. Eu acho que tem que cortar. (3)

4.5.4.2.1 A exploração das mazelas do povo e o uso de vocabulário vulgar

A tabela 22 nos mostra uma grande incidência de referências à situações relacionadas à exploração das dificuldades vividas pelas pessoas e o uso de vocabulário vulgar quando pedimos que os entrevistados explicitem o que entendem por "violento na televisão". Os aspectos apontados pelos entrevistados exemplificamos com trechos do **Programa do Ratinho**, lembrando que a ascensão de Carlos Massa (o **Ratinho**) na televisão se deu principalmente em função da sua forma de comentar os assuntos na época do **190 Urgente** e mais tarde na narração dos quadros do **Programa do Ratinho**. Um formato que tem como base o uso de estereótipos comuns a uma audiência de cidade grande, composta por pessoas inseguras, necessitadas, sofredoras.

Desde o início de sua carreira, o apresentador constrói uma imagem de paladino da justiça (enfiar bala em bandido é mais barato que mantê-lo preso), que fala a língua do povo (usa e abusa de palavras de baixo calão), que também sofreu injustiças, mas progrediu graças ao esforço próprio (freqüentemente retoma trechos da história de sua vida, já amplamente divulgada na íntegra, para ressaltar o quanto já foi injustiçado). Este *background* é utilizado para justificar seus abusos no trato com as pessoas, incluindo aquelas que com ele trabalham. Nas suas falas, uma das características mais marcantes na forma é a incorreção gramatical. O apresentador

erra nas concordâncias, aglutina as palavras, numa reprodução estereotipada e grotesca do falar popular. A ironia é outro recurso discursivo utilizado.

> **R - Boa noite Brasil. Estamos começando mais um** Programa do Ratinho**, que é na verdade <u>o programa mais sério</u> da TV brasileira. Certo? Certo? (dirigindo-se à platéia).**
>
> **R – Vem cá Bola,[99] você está combinando com a minha camisa. Porque você está meio avermelhado, cabelo vermelho, olho vermelho, lábio vermelho[100], uma <u>cara de veado</u> que ninguém segura.**
>
> **R – Olha você não pode perder (aqui no programa do Ratinho) <u>cala boca</u> ... (dirigindo-se a um dos personagens).**
>
> Em outro momento ...
>
> **R - (dirigindo-se à pessoa no Balcão de Apelo) Oh, Dona Eni, a senhora tem um sonho que quer realizar? (Dirigindo-se às câmeras, aos telespectadores) <u>Esse programa realiza sonhos. Esse programa faz de tudo, realiza sonho, acerta casamento</u>. Se você quiser casar, você pode entrar em contato com nosso programa, se você quiser brigar com a vizinha, se você quiser ficar de bem com vizinha é com a gente mesmo, <u>se está devendo para alguém e você não consegue pagar, não vem aqui encher o s..., porque nós também não queremos</u>.**

O apresentador começa o programa em um pretenso clima de descontração, anunciando as 'atrações' da noite em uma seqüência sentido. Na continuidade, retoma o assunto da semana, ou seja, a descida do helicóptero no presídio, salientando o aspecto da segurança nos presídios, lembrando a importância dos presídios de segurança máxima, uma vez que foco principal da matéria é a presença de celulares nos presídios e como esses chegam lá dentro. A reportagem mostra que as esposas e companheiras de presidiário levam celulares para dentro do presídio

---

[99] Personagens principais do programa: Bola - um homem vestido de mulher; Marquito - um homem franzino, caracterizado como nordestino e Sombra - um homem do qual só é mostrada a silhueta através de uma espécie de biombo translúcido.

enquanto, em *off*, **Ratinho** faz comentários maliciosos, com palavras grosseiras sobre como isso é feito, apoiado pelos personagens, com um discurso que nada acrescenta de informação, muito pelo contrário, dispersa os sentidos, transforma a questão em um relato de humor malicioso.

> **R –** (em *off*, enquanto as imagens mostram o repórter com uma mulher em sua casa escondendo o celular, envolto em uma camisinha, na vagina) **Se deixar por ele, coloca uma loja inteira, se deixar ... coloca um orelhão. Olha lá mais um. É assim que entra na cadeia.** (personagem diz "coloca rádio, ali não é cadeia, é o paraíso"). **Cala a boca.**
>
> **R - E a c... doidonha. Tem aquele aparelhinho que coloca embaixo e faz bip, bip, para ver se tem metal? Continua entrando telefone celular nas cadeias do mesmo jeito. Não tem esse aparelhinho que nós usamos aqui para ver se o caboclo tá armado? Para ver se tem metal.**

Durante o programa, além dos intervalos comerciais, **Ratinho**, no palco, promove vários produtos. Para isso existem estandes nas laterais do palco, onde os produtos são exibidos. Ratinho se dirige a esses estandes e diz o texto, entremeado de comentários diversos, em tom jocoso, malicioso, pejorativo.

> *Merchandising* da Cola Mais, em estande na lateral do palco.
>
> **R –** (em *off*, imagens do uso da cola) **Colamais está ficando a cola mais popular no Brasil porque é melhor. (...) Não tem aquela sujeira, é rapidinho. Ela tem um biquinho plástico. É tudo negócio de alumínio, e tal e coisa. Fácil de aplicação.** (imagem do estande no palco) **E por que ela é desse tamanho? <u>Porque não adianta você comprar uma bisnagona assim</u>** (faz gesto, ouve-se risada maliciosa) **<u>assim desse tamanho você precisa de outra coisa</u>. Porque na verdade, é pasta de dente, porque de cola tem que ser pequenininha. Está rindo do que menino? É Colamais que eu estou falando embalagem de ... <u>Quem quer colar a boca do Marinho vai colar ...vai tomar ...</u>**

---

[100] Reproduzimos aqui a forma literal utilizada pelo apresentador.

Merchandising do sabão em pó Urca.

R – Já é um sucesso sabão em pó Urca em sache. Que é este daqui. Tem que aprender 'fala' sache. Agora tem essa caixinha aqui ... (mostra instrução em Braille na caixa) **que tem o pessoal que não enxerga, é a cegaiada, deficiente visual, cegaiada é tudo a mesma coisa. Uma reunião dos cegos, uma reunião de deficiente visual, ninguém fala isso, fala uma reunião de cegaiada. Eles 'quebra' o pau. Tem um pessoal de cego lá em Curitiba que quando tem reunião eles 'quebra' o pau .. daí um grita "olha a faca".**

Merchandising do sabão em pó Urca.

R – Olha vou falar uma coisa para vocês. O maridão anda meio sem vontade de fazer aquelas coisinhas, aí a senhora fica triste, fica com a pulga atrás da orelha "será que tem outra?". É nada, é gripe, dona. Sabe o que é bom para gripe? Todo mundo comigo, bom para gripe, o que é? Claro, vale por 3, a camada rosa, aquela que tira a dor e a febre e branca destampa o nariz para não ficar aquela coisa melequenta, aquele negócio nojento e a laranja revigora, fica forte. Dá Coristina D para teu marido se ele chegar com gripe, cuidado para ele não comer nada na pastelaria. Ele começa (a) ficar meio mole, dá Coristina D.

Na descrição do programa, os produtores salientam que "Gente com problema que não vai dar audiência a gente descarta, não adianta procurar para operar varizes ou curar diabete".[101] Diante desse posicionamento, um pedido de um fogão a lenha por uma mulher que mora na cidade de São Paulo, porque não se acostuma com o fogão a gás, torna-se atração do programa. Para desenvolver o assunto, Ratinho retoma suas origens humildes sem, entretanto, deixar de usar um vocabulário grotesco e incorreto. É importante notar que, comparando-se, pelos comentários divulgados nos próprios meios de comunicação, o apresentador hoje, de certa forma, evita usar palavreado popular, talvez em decorrência das polêmicas geradas em torno

[101] *Programa do Ratinho - o novo fenômeno da TV*. Disponível em >>http://facluberatinho.sites.uol.com.br/historia, acesso em 05 de agosto de 2003.

de seu programa, ou por uma estratégia de conquista de um público mais conservador, porém incentiva o uso de termos grotescos pelos personagens.

> **R – Fogão a lenha! Todo mundo querendo fogão elétrico e a senhora quer um fogão a lenha?! É vamos ver.**
> Imagens contando história da Dona Eni, que não se acostuma com o fogão a gás.
> **R – Dona Eni, desce aqui. <u>Eu me lembro ... aquele fogão da dona Eni ali ... que a minha mãe, fazia uma lata com pó de serra e ela botava a roupa para ferver, ela lavava roupa para fora, e deixava o lençol com pó de serra, serragem e obrigava eu ... vai buscar o pó de serra</u> . A senhora acha que vai ganhar um fogão de lenha. E senhora vai levantar todo dia e vai ficar soprando. Sabe soprar? Como sopra o fogão de lenha?** (faz barulho com os lábios, procurando imitar um sopro ao que o personagem diz: isso não é sopro, isso é um p....) **Cala boca ... Será que nós vamos conseguir? Chama a Lurdinha** (produtora)**.**
> **R – Lurdinha, onde você vai? Que elegância! Se você quiser um casamento também pode mandar carta para Lurdinha ... manda carta para o programa ... "quero casar com a Lurdinha". <u>Você está num chiqueiro hoje ... chiqueiro é quando a pessoa muito chique.</u>**
> **R – <u>Fala só um telefone porque se não o povo não decora</u>. Ah ... já está embaixo no vídeo.**
> **R – Até fogão a gente consegue!**

Percebemos que há uma tendência em apresentar no programa assuntos em pauta nos meios de comunicação. Na época da pesquisa, sem dúvida, a atração principal do **Programa do Ratinho** era o teste de DNA, o teste de paternidade, um reflexo das pesquisas e descobertas envolvendo a clonagem e a reprodução humana, sem que isso signifique, contudo, uma preocupação com a informação. Nesse programa, o teste de paternidade transforma-se em uma estratégia para exploração de relacionamentos no que eles tiverem de mais escabroso. As histórias dos casais são dramatizadas, com destaque aos aspectos que possam lançar dúvidas sobre a paternidade, enfatizando comportamentos no sentido da libertinagem e da malícia.

Vamos ver como foi a história.

Dramatização da vida de Oziel – em texto malicioso.

Imagens com atores (homens vestidos de mulher). Relato do encontro em *off* Vem aí mais um resultado de DNA. Hoje em cartaz: Na estrada da Vida. Quem ganha o pão dirigindo pelas longas estradas da vida corre o risco de pegar carona num rolo que acaba virando uma carga pesada. O Oziel por exemplo, bonzão no volante, rodava para lá e para cá numa boa, até o dia em que a Rosangela caiu para dentro da boléia da vida dele. O Oziel nem tava a fim de nada, mas sacou logo que a Rose estava doidinha para dar um cata no câmbio dele. Nosso piloto travou a alavanca, e ficou na dele. Só que a mina insistiu, paparicou, deu bola, se esfregou tanto na cabine que ele chegou a conclusão de que estava na hora de trocar o óleo da perua. Assim que encostou o possante, Oziel catou a danada, afastou os curiosos, levou para o seu mocó e vamo que vamo ... foi tanto chacoalho que quase que a suspensão arria e como a carga ainda estava leve ele foi deixando a moça percorrer os caminhos ao seu lado. Só que um dia ele teve que dar outra carona no possante. Dessa ver para a dona Cegonha. Oziel não gostou ... vai que a danada tinha dado bola em outras boléias por aí. Aquele ditado que diz que laranja madura dando sopa na beira da estrada, tá bixada ou tem marimbondo no pé e pediu DNA.

Ao final da narração, tem início uma briga no palco, entre as partes envolvidas e aparece a legenda: COMEÇOU O PROGRAMA, numa clara demonstração dos objetivos do quadro, ou seja, promover situações de descontrole emocional, passíveis de exploração sensacionalista. A cena toda dessa briga no palco é enfatizada com a inserção de imagens de balões animados com as palavras POW, CLACK, representando sons dos golpes que na realidade não são dados. Tudo é ainda coberto por jatos de extintor de incêndio, acionado pelos personagens que se misturam a tudo, aumentando a confusão.

4.5.4.2.2 Pegadinhas

Outro formato considerado agressivo pelo telespectador são as ‘pegadinhas’, uma versão diferenciada das videocassetadas, trazidas para a televisão pelo Faustão. Regra geral, as pessoas não gostam das "pegadinhas", embora assumam que algumas são engraçadas, porém, ao se colocarem no lugar das "vítimas", dizem que não gostariam de passar por aquelas situações e concordam que deveria haver algum controle deste tipo de programa. Acreditam que muito do que é mostrado é combinado, é encenação. As pessoas com mais idade recordam-se do Chacrinha, e até o citam como exemplo de diversão na televisão, sem apelação, valendo lembrar aqui a referência feita a Gabriel Priolli no início deste capítulo, que faz a distinção entre “programa popular” e “baixaria”.

> *Kleber, Kleber, aquelas pegadinhas! Mas tem uma pegadinha do Gugu também de Domingo, né!? Gosto, é divertido. (Aos) domingos, eu gosto do gordo. Como é que chama? Faustão!? Tem, tem umas pegadinhas que se é comigo, eu meto a mão na cara! (3)*
>
> *(Pegadinhas) Tem umas que são engraçadas. Tem umas que passam por ridículo! Não é chato você ser pego numa pegadinha? Eles expõem a pessoa ao ridículo! Eu acho que aquilo lá tudo é combinado. Eu, se eu fosse pega numa pegada dessa, eu não ia querer também não! ... Eu vi uma pegada uma vez, não sei se, acho que era no Gugu, é, o rapaz deitado debaixo de uma terra fofa assim, aí vinha a pessoa caminhando assim, pra aquele jardim, e aí ele levantada da terra. A pessoa desmaiou! E passou, passou a pessoa desmaiada, lá.(1)*
>
> *(Pegadinha) Eu acho uma coisa de mau gosto, qualquer hora alguém ainda vai morrer por causa dessa brincadeira de mau gosto. Porque vai pega um cara doido aí que vai estar com a cabeça não sei aonde lá e armado e o cara lá ... , não vai dá tempo do segurança segurar antes dele matar o cara. Deus queira que eu esteja errado. A não ser que seja combinado. Combinado lá, se for combinado, tudo bem. Mas se não for combinado, tem gente que, não gosta de certas coisa não, às vezes está com a cabeça longe, né!? (2)*
>
> *Eu não gosto, particularmente desse tipo de coisa. Eu acho que é tudo montado, essas pegadinhas de rua, eu acho que é meio que, combinado, porque, são coisas que você*

fala, como que uma pessoa na rua, ia se prestar a esse tipo de coisa, sabe? Umas coisas que, tem hora que eu acho que é combinado. Que a pessoa faz assim, eu acho que é um programa pra dá Ibope, eu particularmente não acredito nisso, eu não gosto.(1)

Nossa televisão é uma porcaria, é só pegadinha, só de ouvir a voz do Faustão... Quem fazia isso bem já morreu que era o Chacrinha. (No Chacrinha) ... Não tinha pegadinha, era programa de auditório, e eram diferentes as pegadinhas dele, ele jogava melancia, abacaxi no auditório, divertia. ... Ele foi o pioneiro desse tipo de coisa, mas ele fazia melhor que esses caras de hoje. Ele tentam imitar, mas não conseguem. Eles apelam muito para o sexo, para humilhar o telespectador. ... Ao meu ver eles tentam fazer uma cópia sem sentido, Chacrinha trouxe o circo para a televisão. (3)

4.5.4.3 Mas, afinal, o que é violento na TV?

Este trabalho começou com o questionamento sobre a leitura feita de uma programação polêmica, criticada pela baixa qualidade, mas que apresenta índices representativos de audiência. Isso posto, propusemos um recorte centrado em programas com características sensacionalistas e traços de violência em virtude de um questionamento geral, presente na sociedade, explicitado na criação da ONGs que debatem essa TV que aí está e em discussões genéricas levadas a efeito nas mais diversas situações, de congressos científicos a conversas informais.

Neste capítulo, foram abordados e identificados diversos aspectos envolvidos nesta leitura, dos quais salientamos a experiência pessoal dos telespectadores e sua inserção em uma sociedade mediática, que muitas vezes torna as estratégias dos programas elementos naturais, constitutivos da programação. Porém, como salientado no primeiro capítulo, um dos nossos focos é a definição de violência, é a percepção dessa violência na programação e seu consumo. Nesse sentido, apresentamos a seguir o que acreditamos ser a essência da leitura dessa programação

discutida, que resumimos como sendo uma preocupação com a integridade do ser humano, nem tanto no aspecto físico, mas principalmente no moral e ético.

4.5.4.3.1 O desenho do Pica-pau é violento, ou não?

Na classificação geral de opiniões sobre a programação de TV (tabela 19), as pessoas mostram-se indecisas sobre o grau de violência presente nos desenhos animados. Pica-pau é considerado violento por 50,4% dos respondentes do questionário fechado, enquanto 10,8% dizem não saber ao certo. A inserção do tema 'desenhos animados' na pesquisa deu-se pela menção espontânea dos mesmos pelos participantes dos Grupos Focais. Nessa abordagem qualitativa, a indecisão quantitativa torna-se fator de discussão, o que se mostrou como oportunidade para esclarecimento de aspectos relevantes ao nosso estudo, de difícil explicitação em relação aos demais gêneros da programação. As pessoas demonstraram maior facilidade de expressão de suas opiniões ao trabalharem aspectos lúdicos, como o desenho animado, além do que, os comentários sobre este gênero eram feitos em referência ao Outro, uma vez que o público pesquisado era constituído basicamente de adultos, o que também facilita a expressão, pois não há o comprometimento com o próprio comportamento.

Dada a oportunidade de refletirem sobre o assunto, o desenho animado não é considerado violento, em especial os chamados 'clássicos', **Pica-pau**, **Tom e Jerry**. Se existe violência nos desenhos animados, está concentrada nos desenhos que apresentam personagens em formato humano, lutando pelo poder, como **Pokemon** que incita a violência porque seus personagens são pessoas.

Outra questão levantada é que o **Pica-pau** só luta para se defender, o que justificaria um eventual ato violento. Desenhos com **Pica-pau**, **Tom e Jerry**,

Ligeirinho são defendidos em nome de uma lição de moral e ética, ao passo que outros desenhos, como **Pokemon** e **Dragon Ball** não apresentam nenhum contexto de construção do caráter. Nesse sentido, os desenhos do SBT e da Globo são considerados os mais violentos.

Essa é a opinião geral, com algumas variações conforme existam crianças pequenas ou não na residência dos entrevistados. Para as mães, desenhos podem ser mal interpretados pelas crianças pequenas, menores de 5 anos, digamos, pois nessa faixa etária, a criança não se concentra tempo suficiente em um mesmo programa para ver começo, meio e fim da história, o que dificulta a compreensão de uma provável mensagem presente no desenho.

> ***Pica-pau*** *é mais ingênuo, os outros desenhos são mais ligados a robô, arma, pistola. Você não vê mais um* ***Zé Colméia*** *da vida, você não vê* ***Pato Donald****,* ***Pica Pau*** *que era o original mesmo. Hoje já tem vários "Pica Paus" aí que é a família. Desenho pra você dá risada mesmo.(2)*
>
> ***Pica-pau****,* ***Popeye****, todos. Na maioria dos desenhos não tem como a criança se identificar, não tem como você. Você não consegue se imaginar como o* ***Pica-pau****.(5)*
>
> *O desenho só começa a ficar violento a partir do momento que alguém mexe com o* ***Pica-pau****, porque na maioria dos desenhos é difícil você ver ele indo atrás para brigar, não, ... porque ele está na árvore, vão cortar a arvore dele e ele não quer.(...) Era mais defesa do que ataque, não é?(5)*
>
> ***Pica-pau*** *é esperto, ele não perde.* ***Tom e Jerry*** *também. Eles vivem brigando, mas são dois' amigão'. Quando um 'tá' sofrendo lá, o outro, o outro, vai ajudar ele lá, quer dizer não guarda mágoa um do outro. Quer dizer a criança é bom ver aquilo lá, que não deve guardar mágoa do coleguinha, né!? O* ***Ligeirinho*** *também é um desenho bacana para as crianças verem. Ele não ofende ninguém. Só com o outro que quer fazer mal 'pra' ele, que ele se defende. Eles querem provar 'pras' crianças que o mal não vai levar ninguém a lugar nenhum. O bem sempre vence o mal, desde o começo dos tempos. Então é isso que eles querem dizer naquele desenho lá, porque o Coiote só se dá mal.(1)*

***Pokemon**, não vejo graça nesse desenho. (...) Eu sei lá, eram desenhos mais infantis. Hoje eu acredito que os desenhos não são mais assim, têm mais maldade.(2)*

*Quando você assiste ao **Pokemon** você vê, retrata pessoas normais. Eles retratam um garoto, eles retratam tudo e a criança acaba se identificando mais. O **Tom e Jerry** também é violento, eles também brigam a toda hora.(5)*

Antigamente a violência que surgia era mais por defesa. Atualmente não. A maioria dos desenhos ... a pessoa que tem que atacar ... o ataque virou a coisa mais importante e não a defesa.(2)

*No **Dragon Ball** eles fazem competição para saber quem é o mais poderoso. Eles só brigam para saber qual é o mais poderoso, é uma briga para saber quem tem mais poder, entendeu. Aí é que está a diferença, entre ficar quieto e se defender. (5)*

*Mas a violência do **Pica-pau** é tipo assim, dava uma martelada no cara e daqui há pouco o cara estava dando risada. No **Pokemon** o outro joga um raio, explode em não sei quem. O que é mais inocente, o **Pica-pau** dar uma martelada no Urubu ou o outro querer destruir o inimigo que é demoníaco?(5)*

*Eu converso muito, principalmente com essa aí que está grandinha. Ela vê novelas, tudo. Porque minha casa é pequena, não tem opção. Então eu converso muito com ela, porque tem muita violência até nos desenhos infantis. Os da **Cultura** não, mas os da **Globo**, **SBT**, da **Record**, todos são violentos. É de luta, é de briga. **Pokemon**, **Digimon**. ... Eu acho que passa muita programação que as crianças não podem assistir. E sexo passa muito. E também nas novelas. Está muito liberado.(1)*

*Por exemplo, a minha filha é muito pequena, então aquele **Power Rangers**, mostra o lado. A turma do **Power Rangers** luta 'pro' bem vencer, só que até o bem vencer, aqueles outros que são os monstros lá, que eu não sei o nome deles, eles fazem um mal danado. A criança da idade da minha filha não tem discernimento para ver o final. Às vezes só assiste a parte violenta, quando chega no final já está dispersa pra outra coisa. (...) na **Globo** já tem, tem **Power Rangers**, uns outros que eu nem sei o nome, tudo luta. Eu até tiro. Aqueles desenhos japoneses. Porque eu até falo para minha filha: "é feio, não vamos assistir", e eu troco. Tento por num **Pica-pau**, numa coisa mais né!? Mais infantil né!? No **TeleTubbies**,mesmo que para gente pareça muito chato, que fala dez vezes a mesma coisa, mas eu vejo que minha filha aprende, porque eles contam, eles repetem as coisas, e para ela é uma idade de aprendizado, então ela acaba aprendendo. É um infantil bom, eu acho, para a idade dela.(1)*

Tendo isso em vista, começamos a delinear uma definição de violência e, mais especificamente, violência na televisão. Fora da televisão, violência é também vista como um ato que gera danos. Em uma sociedade de consumo em que a posse de bens materiais é priorizada pelos meios de comunicação, para o reconhecimento do indivíduo, a subtração desses bens é entendida como "natural", nos aproximando de uma banalização do crime e da violência.[102]

Violência, dentro da televisão, passa então a ser a agressão vocabular, a exibição de cenas "fictícias" que mostrem "quebra de regras", regras da televisão, originalmente entendida como meio de entretenimento. Quando a ficção ou o programa de auditório mostram o caos, imagens "feias", então é violência.

> *Violento? **A Turma do Gueto**. Ai que coisa mais ...! Você assistiu(a) isso? Eu já vi propaganda só. Pois é, aquilo é horrível! É, é só soco, tiro, é favela, é tráfico, é arma! (1)*
>
> *No **Interligado** são aquelas imagens de gente comendo bicho, no **Ratinho** a agressão entre homem e mulher, soco, murro, chute, fala muito palavrão.(1)*
>
> *Aqueles filmes japoneses que passam na Bandeirantes. Japonês que só sabe dá karatê e só sabe bater nos outros. Aquelas máfias japonesas que passam na televisão. Aquilo é muito violento, o pessoal entra e eles eliminam as pessoas. Então aqueles filmes são extremamente violentos. É pancada do começo ao fim do filme. Do começo ao fim você vê neguinho apanhando e morrendo.(2)*
>
> *Eu acho que, sei lá, explodir um carro não acho que é uma violência, mas assim falando de matar, sim.*
>
> *Agora eu só não gosto mesmo da novela das sete, **O Beijo do Vampiro**. Eu acho que é muita violência. Sei lá, eles ficam com esse negócio de dizer que vai beber o sangue da outra pessoa. Essas coisas, tomar sangue humano. Para mim, está sendo má*

[102] RONDELLI. Dez observações sobre mídia e violência ... op. cit. p. 35.

influência. Mas o povo gosta dela, tem gente que diz que ela é excelente, que é uma novela diferente.(4)

4.5.4.3.2 Programas não são violentos só porque mostram mortes.

Ser violento na televisão é mais do que mostrar a morte, cenas sangrentas. A violência não está na programação de televisão, mas na sociedade. O jornalismo apenas retrata o que acontece na cidade e a ficção dramatiza. Na televisão, violência é maltratarem as pessoas no contexto do programa, é ridicularizar o cidadão comum, é explorar as mazelas do cotidiano.

Vimos que o que choca as pessoas, o que as violenta, é o desrespeito, as cenas motivadas pela guerra de audiência, o linguajar, sendo que 86,9% dos entrevistados consideram que os programas de televisão exageram em alguns momentos. Tem muita falta de respeito nos programas: falta de respeito à família, às religiões. Às pessoas. Tudo começou com **Aqui e Agora**. A partir disso foram exagerando cada vez mais, para conseguir audiência.

Nas definições de violência, essa é relacionada ao "uso excessivo e injusto de uma força que é exercida de forma intencional para causar um efeito, não exclusiva ou necessariamente físico, mas também moral ou psicológico".[103] Nesta análise, relacionamos esse uso à atuação dos apresentadores que exercem poder ao transformar situações, muitas vezes, comuns, do cotidiano em "elementos de disputa pelos telespectadores".[104] Utilizando recursos discursivos diversos, trabalhando a estereotipia e o preconceito, apresentam fatos e acontecimentos de forma a reforçar a aceitação de condições sociais e econômicas estabelecidas por um sistema hegemônico.

---

[103] Referência a SILBERMAN no Capítulo I, p. 22.

Tendo como base os aspectos enfatizados nas entrevistas e grupos focais como indicadores de violência na televisão, foi solicitada uma classificação em relação à exploração específica de situações difíceis na vida das pessoas, da 'desgraça alheia' e de programas que desrespeitam as pessoas. Avaliadas as respostas à solicitação para fazerem uma classificação da programação de televisão em relação à exploração sensacionalista dos dramas do cotidiano envolvendo o desrespeito, a violência e o assistencialismo, verificamos uma diversidade muito grande de opiniões.

No detalhamento dos aspectos negativos dessa programação, o **Programa do Ratinho** é, novamente, o mais lembrado. Em seguida os entrevistados citam **Canal Aberto**, apresentado por João Kleber e **Hora da Verdade** (Márcia Goldschmidth) como os programas que exageram na exploração de situações que possam gerar audiência pelo sensacionalismo e que desrespeitam as pessoas, ainda que a **Hora da Verdade** seja também um programa "que ajuda as pessoas", na opinião dos entrevistados. **Cidade Alerta** também é considerado um programa que exagera, explora a desgraça alheia e, em especial, os dramas do cotidiano. (tabela 25)

Tabela 25 - Opinião sobre conteúdos específicos

Programa que ...	Exagera	Explora os dramas do cotidiano	Desrespeita as pessoas	Explora a desgraça alheia	Ajuda as pessoas
Programa do Ratinho	28,65%	13,30%	34,20%	25,4%	8,17%
Cidade Alerta	14,89%	32,99%	---	16,0%	---
Canal Aberto (João Kleber)	12,08%	---	13,95%	6,2%	---
Hora da Verdade (Márcia)	10,39%	16,11%	11,35%	13,9%	6,74%
Brasil Urgente (Datena)	5,34%	7,93%	---	4,5%	---
Não há	---	5,37%	11,08%	6,7%	32,97%
SPTV	---	---	---	---	11,72%

[104] RONDELLI. Dez observações sobre mídia e violência ... op. cit. p. 34.

Domingo Legal (Gugu)	---	---	---	6,5%	---
Linha Direta	---	---	---	4,8%	---
Outros	28,65%	24,3%	31,13%	7,7%	41,42%

Como "Outros" nesta classificação temos a distribuição mostrada na tabela 26.

Tabela 26 - Outros programas que ...

Exageram	Exploram os dramas do cotidiano	Desrespeitam as pessoas	Exploram a desgraça alheia	Ajudam as pessoas
Te vi na TV				Silvio Santos
Sérgio Malandro		Sérgio Malandro	Sérgio Malandro	Globo Rural
Repórter Cidadão	Repórter Cidadão		Repórter Cidadão	Globo Repórter
Policiais				Domingo da Gente (Netinho)
Programas de auditório			Programas de auditório	Ana Maria Braga
Novelas	Novelas			Pequenas empresas, Grandes negócios
Linha Direta	Linha Direta	Linha Direta		Linha Direta
Domingo Legal (Gugu)	Domingo Legal (Gugu)		Domingo Legal (Gugu)	
	Telejornais			Telejornais
	Domingo da Gente (Faustão)	Cidade Alerta		
		Pegadinhas	Pegadinhas	

Os programas considerados “que exageram” geralmente são aqueles que reúnem grande parte das características consideradas violentas, como violência física, sangue, exploração da desgraça, morte. Nos comentários, notamos que muitas vezes o que incomoda é a representação, na televisão, daquilo que as pessoas, principalmente quem trabalha na rua, vêem no seu cotidiano. Porém, cabe notar aqui que este foco de observação dos fatos do dia-a-dia pode ser produto de uma influência da repetição dos mesmos na televisão.

Essa resposta seria fruto do que Arendt chama de principal característica do homem de massa "seu isolamento e sua falta de relações sociais normais".[105] O isolamento característico dos indivíduos que vivem nos grandes centros urbanos ofereceria espaço para uma exposição seletiva a acontecimentos agressivos no seu cotidiano, respondendo a uma ideologia da violência.

> *Para mim o que tem de mais exagerado é os programas tipo o **Ratinho**, o **Leite**, **João Kleber**, **Sérgio Malandro**. Ali tudo é exagerado. Eles abusam. Mulher pelada, naquelas pegadinhas, pancadaria para tudo quanto é lado. Não tem escrúpulo nenhum.(1)*
>
> *É a exploração da imagem. ... O menino matou a avó, decapitou a avó, matou. Você pode falar isso, não precisa mostrar o moleque, mostrar como era a avó, onde foi, o sangue da avó no meio da sala. Entendeu?(3)*
>
> *Aquela outra, aquela **Márcia**... A menina com pele de elefante. É um negócio meio bizarro. ... Esse negócio de exagero. Eles fazem uma coisa. Virou banal? Eles fazem outra e vai virando uma bola de neve e vai crescendo. Chega uma hora que o exagero acaba deixando de ser exagero depois que acontece 3, 4, 5 vezes, não é mais exagero, exagero é na 1º vez.(5)*
>
> ***Sérgio Malandro**, **João Kléber**, aqueles testes de fidelidade, aquilo é ridículo. É falta de respeito. Porque tanto não tem respeito a pessoa que aceitou fazer aquilo, porque é desrespeito próprio e a moça que está se sujeitando se esfregar em qualquer um. ... (2)*
>
> *(Tem também) **Verdade do Povo**, é com aquele? Como é que ele se chama? O ... ? Parece que tem uma perna amputada? É também desses negócios, mais ou menos que nem esse do canal nove, né!? Aquele, se vai às vezes um cara, um sofredor aí, está na lona desgraçada, vê a vida do cara que está lá, debaixo de um viaduto. Está louco! (2)*
>
> *Aberrações do **Programa do Ratinho**, aquele povo sendo humilhado, é ridículo. ... Eu não assisto (a) esses programas como **Gugu**, essas coisas.(2)*

[105] Referência à citação no Capítulo I, ARENDT apud SOUKI.

*Eles usam as pessoas, o **Ratinho** por exemplo. Ele pega anão, ele se promove, faz a propaganda dele em cima da desgraça dos outros. O **Ratinho** faz (pouco caso dos outros)! Quando vêm aqueles coitados lá, que eles falam aqueles absurdos, e ele incentiva, né!? Ele incentiva a pessoa a falar tal coisa, depois ele, quer cortar, fingindo que ele é o ... "não, não, nossa, isso não pode, isso não!" Mas ele quer que fale! Então pra mim ele é um falso, um cínico, um sem graça, então por isso que eu não gosto dele! (1)*

Acho que, falta de respeito é, por exemplo ofender a, o cara falar, criticar o cara que é pobre. Isso pra mim é falta de respeito isso! Não é verdade? Às vezes aparece algum que mete o pau "pobre não sei o que, não sei que".(4)

Um dos argumentos para a apresentação desse conteúdo polêmico é a prestação de serviço pela ajuda direta a quem necessita. Isso, porém, não está claro na visão dos telespectadores. Mencionam que alguns programas dizem que ajudam as pessoas, porém não se mostram convencidos disso.

Não, aí ele manda a equipe dele e tudo! Ele ajuda, ajuda, às vezes esses obesos demais, né!? Arruma clínica para operar, tudo! (3)

*E o Gugu também faz aquela, ajuda, **Gugu na Minha Casa**, né!? Eu gosto. É porque, eu acho que fazendo caridade pro outros é bonito! É, Coração bom! Tem gente que necessita! (Ele) ajuda. O Gugu também tem aquele programa lá, tem, tem também aquele de domingo, que canal que é? No sete ou no quatro? Que vai aquele escurinho? Minha Princesa? Quatro né!? É bonito também! Acho bonito ajudar! Pessoa pobre ganhar dinheiro, presente, acho legal! Se (for) verdade isso, né!? Será?(3)*

*Olha, aquele que tem de quinta-feira, mesmo na **Globo**, eu não assisto, mas aquele, como é que é? (**Linha Direta**) Nossa, aquilo é um absurdo gente! Olha, dizem eles que têm ajudado, têm prendido os caras. Tá loco.(3)*

(No Ratinho) não vejo resolver nada! Outro dia apareceu lá ... a, a mãe era casada com um cara, e a filha teve um filho, era marido da mãe. Como que pode hein? Para mim isso daí é tudo arrumado, viu! Isso não existe isso! Será que existe? Às vezes ganha cachê! A mãe ali, a filha, vendo, aquele, o meu filho, a mãe, não sei o que lá: É

do seu filho! Do seu marido! Na televisão isso aí! Perguntou se a mãe perdoa! Aí abraça uma a outra! Mais nada! (2)

No quadro **Balcão de Apelo**, apresentado no **Programa do Ratinho**, são apresentados casos resolvidos pelo programa. No programa analisado, uma senhora queria encontrar o filho que não via há 40 anos. A situação toda é dramatizada, num tom de dramalhão. Ao final tudo se resolve e **Ratinho** enfatiza a atuação da equipe do programa para a solução, sem, porém, deixar de fazer comentários inadequados, em tom pejorativo, desrespeitando o sentimento das pessoas envolvidas.

Nesse quadro, o rapaz em questão mora em Recife, fato que **Ratinho** usa para enviar saudações ao PPS de lá, ao qual seu filho se filiou, novamente numa demonstração de poder de influência, de ligações com autoridades e personalidades. No desenvolvimento das histórias, **Ratinho** sintetiza a situação, expondo os participantes, sendo irônico. Essas características são responsáveis pela escolha do programa como o pior, pela falta de respeito ao ser humano, uma das considerações que as pessoas fazem em relação à qualidade da programação.

R – <u>Eu estava vendo a história da senhora, é uma história muito triste</u>. Quer dizer que o marido da senhora, o companheiro da senhora, não queria que a senhor tivesse filho, ele não queria de jeito nenhum.

Matéria – história de Dona Josefa, dramatizada, atores, apresentação séria.

R – Na verdade a senhora só quer ver ele. Desce aqui, por favor. Alguém da produção acompanha ela, por favor. <u>Na verdade gente, nós achamos quase cem por cento dos casos que nós pegamos</u>. Eu sei que vocês de todo o Brasil 'manda' carta para o programa, <u>mas manda carta com nome muito parecido, sem fotografia, sem história, aí fica mais difícil para a gente encontrar</u>. Como foi o caso dessa senhora, é muito difícil a gente encontrar o filho dela, 40 anos, já está com 39 anos é muito difícil encontrar uma pessoa que está desaparecida, que ela não vê, a 39 anos, é difícil para a gente. Eu vou até chamar ... taí o quiromante?

Eu não acredito muito nessa coisa, mas eu vou pedir para ele ler a minha mão aqui e depois lê a mão dela também. O quiromante está por aí? O quiromante é aquele que lê mão? Você é o quiromante, dá para você ler minha mão? Então lê.

Neste trecho há uma encenação de leitura de mão, em que o 'quiromante' diz que mulher vai rever o filho muito breve e Ratinho anuncia ser ele, o suposto quiromante o filho procurado. Após esse comunicado, entra no palco toda a família e Ratinho começa a perguntar sobre o grau de parentesco de todos.

R – Agora virou uma excursão ali (referindo-se ao grupo de pessoas que abraçam os dois). **.... E esse é seu irmão. Uns cavalos de irmão. Beleza! Olha o programa depois vai ver o que pode fazer para vocês se encontrarem para ficar pelo menos um período juntos. Você está morando em Recife. Quero aproveitar para mandar um abraço muito forte para o Roberto Freire, Roberto Freire, e todos os amigos. Pessoal do PPS, Rubens Bueno, o Helinho, o Mota, o senador Mota e todos eles que receberam meu filho aí no partido do PPS com muito carinho.**

... Um retrato da família, pode ser depois do programa, me aguarda? Já termino o programa, tiro um retrato. Com roupa ou sem roupa? Com roupa, tudo bem.

Em um cenário de televisão comercial, o principal argumento da produção é "dar ao telespectador o que ele quer", e, notamos nos discursos apresentados que o que o telespectador quer não é necessariamente o que ele está consumindo. Se consomem o que não gostam, é porque faltam opções. Existe uma tolerância em relação aos programas policiais, considerados, como já dito, apenas retratos do cotidiano e somente criticados na forma como seus apresentadores conduzem este relato. O grupo de telespectadores menos críticos é composto principalmente por pessoas com menos opções culturais e sociais, para quem as estratégias comunicativas constituem ainda um forte elemento motivador.

Na realidade, a televisão hoje, a gente meio que é induzido, bom, só tem ela, né!? Então, tudo bem, tem ela, tem o som, tem lógico. Existem outras formas de diversão, mas é uma mídia que enche a esperança do ser humano, entendeu? Porque você vê

coisas boas, coisas ruins, coisas, enfim. (...) então você conhece as coisas, uma coisa que acaba sendo divertido assim, não é que é divertido não, é mais a falta de opção. Não temos outra, não inventaram outra ainda! (2)

Para chamar a atenção, apesar de ser ruim de ver, tem gente que gosta. ... O povo parece que acha graça. Eles não têm dinheiro para ir ao cinema, ou teatro, então assistem para rir.(2)

Tendo em vista o objetivo geral deste trabalho de verificar a leitura feita de uma programação televisiva criticada, mas com significativos índices de audiência, as mensurações das opiniões dos receptores e suas declarações sobre o que assistem nos mostram que essa comunicação mediática é um processo de mão dupla, em que a atuação do receptor força o emissor a buscar constantemente novas estratégias, ainda que para conteúdos e formatos existentes.